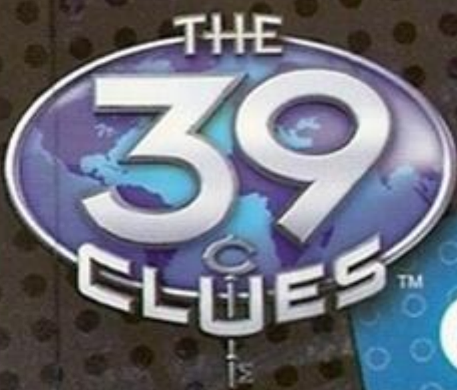


O LABIRINTO DOS OSSOS

RICK RIORDAN

LIVRO 1

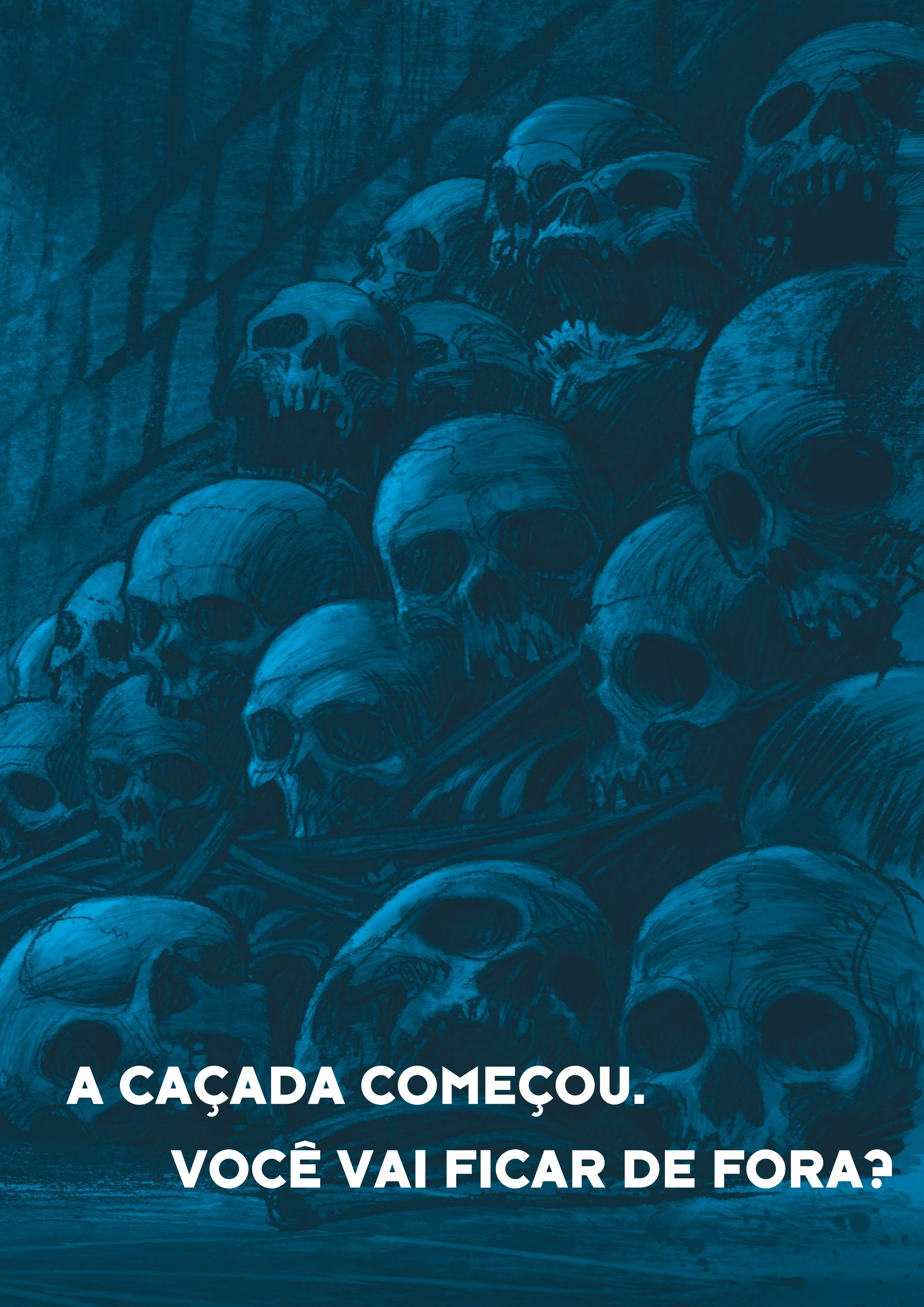
ea
editora ática

O LABIRINTO DOS OSSOS



O LABIRINTO DOS OSSOS

RICK RIORDAN


A CAÇADA COMEÇOU.
VOCÊ VAI FICAR DE FORA?

IMAGINE SE VOCÊ DESCOBRISSE que faz parte de uma família de personalidades que mudaram a História. E imagine se, no minuto seguinte, você tivesse que escolher entre herdar 1 milhão de dólares ou a primeira de 39 pistas para encontrar o maior tesouro do mundo. Essa é a decisão que os órfãos Amy e Dan Cahill devem tomar em apenas cinco minutos.

Os irmãos queimam seus cheques e se lançam na busca das 39 pistas. O que eles nem imaginam é que seus maiores inimigos serão os próprios Cahill, uma família dividida em clãs e capaz de qualquer trapaça para chegar ao tesouro.

VOCÊS FORAM ESCOLHIDOS como os que têm mais chances de sucesso na maior e mais perigosa empreitada de todos os tempos, uma busca de importância vital para a família Cahill e para todo o planeta.

shadow

Hunters

Esse livro foi traduzido/digitalizado sem fins lucrativos. Se gostar desse livro, compre. Ajuda ao autor, e a editora a publicar mais livros dessa série. De maneira alguma venda esse e-book, nem poste em blogs que pedem doações para continuar funcionando. Isso é ilegal, isso se chama pirataria, e de maneira alguma estimulamos esses atos ilegais.

Após ler o e-book, compre. Estudos afirmam que dentro de 50 anos, os livros de papel deixarão de existir. O que vocês preferem? Que seus filhos tenham o prazer de ter um livro na mão, ou ler um e-book?

Lembre-se, não dá para colocar e-books na estante, compre o livro! Aproveite enquanto os livros ainda existem!

Livro em papel é cultura! Não deixe de lado a sua cultura por um e-book que oferece mais praticidade.

Dicas de sites para comprar livros:

www.saraiva.com.br
www.submarino.com.br
www.livrariacultura.com.br

E não se esqueçam do buscapé:

http://www.buscape.com.br/

O buscapé é útil para comparar preços, e pesquisar livros por esse site pode dar até 20% de desconto.

Para Halley e Patrick,
que aceitaram o desafio



CAPÍTULO 1

CINCO MINUTOS ANTES DE MORRER, GRACE CAHILL MUDOU SEU testamento.

Seu advogado lhe trouxe a versão alternativa, que tinha sido seu segredo mais bem guardado por sete anos. Se ela seria louca o bastante para usá-lo, William McIntyre nunca soubera ao certo.

— Madame — ele perguntou —, tem certeza?

Grace olhou pela janela, para além dos campos ensolarados de sua propriedade. Seu gato, Saladin, aninhou-se ao seu lado como fizera durante toda a doença, mas hoje sua presença não bastava para reconfortá-la. Ela estava prestes a desencadear acontecimentos que talvez causassem o fim da civilização.

— Sim, William. — Ela sentia dores cada vez que respirava. — Tenho certeza.

William quebrou o lacre da pasta de couro marrom. Ele era um homem alto de pele enrugada. Seu nariz era pontudo feito um relógio de sol que sempre lançava uma sombra sobre um lado do rosto. Ele tinha sido o conselheiro de Grace, seu confidente mais íntimo, durante metade da vida dela. Eles haviam partilhado muitos segredos ao longo dos anos, porém nenhum tão perigoso quanto aquele.

Ele segurou o documento para que ela o relesse. Um acesso de tosse castigou o corpo de Grace. Saladin miou preocupado. Depois que a tosse passou, William a ajudou a pegar a caneta. Ela rabiscou a assinatura fraca no papel.

— Eles são tão novos — William lamentou. — Se ao menos os pais deles...

— Mas os pais deles não fizeram isso — Grace disse com amargor. — E agora as crianças devem ter idade suficiente. Elas são nossa única chance.

— Se eles não conseguirem...

— Então 500 anos de trabalho foram jogados fora. Irá tudo por água abaixo. A família, o mundo... tudo.

William concordou com a cabeça, soturno. Então pegou a pasta das mãos dela.

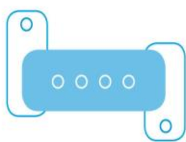
Grace se recostou, acariciando os pelos prateados de Saladin. A paisagem na janela a deixou triste. Era um dia bonito demais para morrer. Ela queria fazer pelo menos mais um piquenique com as crianças. Queria ser jovem e forte para viajar pelo mundo outra vez.

Mas sua visão estava falhando. Seus pulmões trabalhavam a custo. Ela segurou seu colar de jade — um talismã da sorte que encontrara na China anos atrás. O amuleto a acompanhara em muitos encontros com a morte, muitas escapadelas por um triz. Porém não podia mais ajudá-la.

Ela trabalhara duro preparando-se para aquele dia. Mesmo assim, ainda deixara tanto por fazer... tantas coisas que nunca havia contado às crianças.

— Vai ter que ser suficiente — ela sussurrou.

E dizendo isso, Grace Cahill fechou os olhos pela última vez.



Quando teve certeza de que Grace havia morrido, William McIntyre foi até a janela e fechou as cortinas. Preferia a escuridão. Parecia mais apropriado para o que ia fazer.

A porta se abriu atrás dele. O gato de Grace deu um chiado e sumiu embaixo da cama.

William não olhou para trás. Estava absorto na assinatura de Grace Cahill em seu novo testamento, que acabava de se tornar o documento mais importante da história da família Cahill.

— E então? — disse uma voz brusca.

William virou-se. Um homem estava parado na soleira da porta, seu rosto escondido por sombras, seu terno preto como óleo.

— Chegou a hora — William disse. — Não deixe que eles suspeitem de nada.

William não teve certeza, mas achou que o homem de preto havia sorrido.

— Não se preocupe — o homem prometeu. — Eles nunca vão desconfiar.

CAPÍTULO 2

DAN CAHILL ACHAVA QUE TINHA A IRMÃ MAIS CHATA DO PLANETA. E isso foi *antes* de ela botar fogo em 2 milhões de dólares.

Tudo começou quando eles foram ao funeral da avó. Secretamente, Dan estava empolgado, pois pretendia fazer um decalque do túmulo depois que todos tivessem ido embora. Ele achou que Grace não se importaria. Ela tinha sido uma avó legal.

Dan adorava colecionar coisas. Colecionava cards de beisebol, autógrafos de malfeitores famosos, armas da Guerra Civil Americana, moedas raras e os gessos que tinha usado desde o jardim de infância (todos os 12). No momento, o que Dan mais gostava de colecionar eram inscrições de túmulos decalcadas com carvão. Ele tinha algumas incríveis lá no apartamento. Sua favorita era:

PRUELLA GOODE
1891-1929
MORRI. VAMOS COMEMORAR.

Ele achava que, se tivesse um decalque do túmulo de Grace em sua coleção, talvez não sentiria tanto que ela tinha ido embora para sempre.

De qualquer modo, no caminho inteiro de Boston até o funeral no Condado de Worcester, sua tia-avó Beatrice dirigia como uma doida muito lerda. Ela ia a quarenta quilômetros por hora na estrada e mudava de pista a todo instante, fazendo os outros carros buzinarem, desviarem, baterem nas grades de proteção e coisas assim. Tia Beatrice continuava apenas agarrada ao volante com seus dedos cobertos de joias. Seu rosto enrugado estava maquiado com batom e ruge vermelho fluorescente, o que fazia seu cabelo azul parecer ainda mais azul. Dan se perguntou se ela faria os outros motoristas terem pesadelos com palhaços velhos.

— Amy! — ela esbravejou, enquanto outro carro dava uma guinada na rampa de saída porque Beatrice acabava de cortar sua frente. — Pare de ler no carro! É perigoso!

— Mas, tia Beatrice...

— Mocinha, feche esse livro!

Amy fechou. Como de costume, ela nunca comprava briga com adultos. Amy tinha cabelo comprido castanho-avermelhado, diferente do de Dan, que era loiro-escuro. Isso o ajudava a fingir que sua irmã era uma impostora alienígena, mas infelizmente eles tinham os mesmos olhos — verdes como jade, sua avó costumava dizer.

Amy tinha três anos e 15 centímetros a mais que Dan e nunca deixava que ele se esquecesse disso — como se ter 14 anos fosse grande coisa. Geralmente ela usava jeans e alguma camiseta velha porque não gostava que prestassem atenção nela, mas hoje estava de vestido preto, o que a fazia parecer a noiva de um vampiro.

Dan torcia para que a roupa dela estivesse tão desconfortável quanto o terno e a gravata imbecil que ele estava usando. Tia Beatrice teve um chilique quando ele tentou ir ao funeral vestido de ninja. Até parece que Grace se importaria se ele estivesse confortável e perigoso, como ele se sentia quando fingia ser um ninja. Mas é claro que a tia Beatrice não entendia. Às vezes ele achava difícil acreditar que ela e Grace eram irmãs.

— Me lembrem de despedir sua *au pair* assim que voltarmos para Boston — Beatrice resmungou. — Vocês dois estão sendo muitíssimo mimados.

— A Nellie é legal! — Dan protestou.

— Humpf! Essa Nellie quase deixou vocês botarem fogo no prédio vizinho!

— Pois é!

A cada duas semanas, ela despedia a *au pair* (uma estudante que ganhava um dinheirinho para tomar conta deles) e contratava uma nova. A única coisa boa era que a tia Beatrice não morava com eles. Ela morava do outro lado da cidade, num prédio que não aceitava crianças, por isso às vezes demorava alguns dias para ficar sabendo dos últimos feitos heroicos de Dan.

Nellie tinha durado mais que a maioria. Dan gostava dela porque ela fazia waffles incríveis e geralmente escutava o iPod em volume de lesão cerebral. Ela nem ouviu quando a coleção de rojões de Dan disparou por acidente e bombardeou o prédio do outro lado do beco. Dan ia sentir saudade de Nellie quando ela fosse demitida.

Tia Beatrice continuou dirigindo e resmungando sobre crianças mimadas. Amy voltou a ler escondida seu enorme livro. Nos últimos dois dias, desde que eles receberam a notícia da morte de Grace, Amy estava lendo ainda mais que o normal. Dan sabia que era o jeito dela de se esconder, mas ficava um pouquinho magoado porque isso também o excluía.

— O que você está lendo desta vez? — ele perguntou. — *Maçanetas europeias medievais*? *Toalhas de banho através dos séculos*?

Amy fez uma cara feia para ele, quer dizer, uma cara ainda mais feia que o normal.

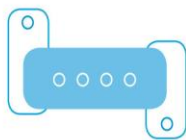
— Não é da sua conta, idiota.

— Você não pode chamar um lorde ninja de idiota. Você desonrou a família. Precisa cometer *seppuku*.

Amy revirou os olhos.

Depois de alguns quilômetros, a cidade se fundiu no campo. A paisagem começou a ficar parecida com a terra de Grace, e, embora Dan tivesse prometido a si mesmo que não ficaria sentimentaloide, sentiu a tristeza tomar conta. Grace sempre tinha sido a pessoa mais legal do mundo com eles. Tratava Amy e ele como pessoas de verdade, não como crianças. Era por isso que insistia para que a chamassem apenas de Grace, não de avó, nem vó, nem vovó, nem nenhum desses nomes bobos. Ela tinha sido uma das únicas

pessoas que se importaram de verdade com eles. Agora ela estava morta, e os dois tinham que ir ao funeral e ver um monte de parentes que *nunca* tinham sido legais.



Para chegar ao cemitério da família era preciso descer a colina onde ficava a mansão. Dan achou um tanto imbecil terem contratado um carro fúnebre para transportar Grace por menos de cem metros pela estradinha. Eles podiam ter colocado rodas no caixão como as que se veem nas malas, e teria funcionado tão bem quanto.

Nuvens de tempestade de verão trovejavam acima de suas cabeças. A mansão da família parecia escura e sombria em sua colina, como o castelo de um lorde. Dan adorava aquele lugar, com seus bilhões de cômodos, chaminés e mosaicos de vidro nas janelas.

E adorava ainda mais o cemitério da família. Uma dúzia de túmulos caindo aos pedaços se espalhava por um campo verde rodeado de árvores, bem ao lado de um pequeno riacho. Algumas das lápides eram tão velhas que as inscrições tinham se apagado. Grace costumava descer ao campo com Amy e ele em suas visitas de fim de semana. Grace e Amy passavam a tarde sobre uma toalha de piquenique, lendo e conversando, enquanto Dan explorava os túmulos, o bosque e o riacho.

Pare com isso, Dan disse a si mesmo. *Você está ficando sentimental.*

— Quanta gente... — Amy murmurou, enquanto eles desciam a pé.

— Você não vai entrar em pânico, vai?

Amy mexeu na gola do vestido.

— Eu... eu não estou entrando em pânico, eu só...

— Você odeia multidões — ele completou. — Mas você sabia que ia ter muita gente. Eles vêm todo ano.

Todo inverno, desde que Dan conseguia se lembrar, Grace convidava parentes do mundo inteiro para uma semana de férias. A mansão se enchia de Cahill chineses, Cahill ingleses, Cahill sul-africanos e Cahill venezuelanos. A maioria nem usava o nome Cahill, mas Grace garantia que eram todos

parentes. Ela explicava sobre primos de primeiro, de segundo e terceiro graus, até o cérebro de Dan começar a doer. Amy geralmente se escondia na biblioteca com o gato.

— Eu sei — ela disse. — Mas... quero dizer, olha esse monte de gente.

Ela tinha razão. Havia umas 400 pessoas reunidas perto da sepultura.

— Eles só querem a fortuna dela — concluiu Dan.

— Dan!

— Que foi? É verdade.

Eles tinham acabado de se juntar à procissão quando Dan de repente foi virado de cabeça para baixo.

— Ei! — ele gritou.

— Vejam, pessoal — disse uma menina. — Pegamos um rato!

Dan não estava numa boa posição para enxergar, mas conseguiu ver as gêmeas Holt — Madison e Reagan — paradas uma de cada lado dele, segurando-o pelos tornozelos. As irmãs usavam agasalhos esportivos roxos combinando, rabos de cavalo loiros e sorrisos tortos. Elas só tinham 11 anos, assim como Dan, porém conseguiam segurá-lo sem a menor dificuldade. Dan viu mais agasalhos roxos atrás delas — o resto da família Holt. O pit bull da família, Arnold, corria em volta das pernas deles e latia.

— Vamos jogar ele dentro do rio — Madison sugeriu.

— Quero jogar ele no mato! — disse Reagan. — Nós nunca seguimos as minhas ideias!

Hamilton, o irmão mais velho, ria feito um idiota. Ao lado dele, seu pai, Eisenhower Holt, e sua mãe, Mary-Todd, sorriam como se tudo fosse muito divertido.

— Ora, meninas — disse Eisenhower. — Não podemos sair por aí arremessando pessoas num funeral. Esta é uma ocasião feliz!

— Amy! — Dan chamou. — Será que dá pra você me ajudar?

O rosto dela tinha ficado pálido. Ela balbuciou:

— S-s-soltem...

Dan deu um suspiro irritado.

— Ela está tentando dizer para ME SOLTAREM!

Madison e Reagan soltaram, e ele caiu de cabeça.

— Ai! — Dan reclamou.

— M-M-Madison! — Amy gaguejou.

— S-s-sim? — imitou Madison. — Acho que todos esses livros estão transformando seu cérebro em purê, sua anormal.

Se fosse qualquer outra pessoa, Dan teria revidado a pancada, mas ele não era trouxa de se meter com os Holt. Até Madison e Reagan, as mais novas, podiam acabar com a raça dele. Todos da família Holt eram valentões. Eles tinham mãos carnudas, pescoços grossos e rostos que pareciam os dos bonecos Comandos em Ação. Até a mãe tinha cara de quem devia fazer a barba e fumar charuto.

— É bom vocês darem uma boa última olhada nesta casa, perdedores — Madison disse. — Vocês não vão mais ser convidados para vir aqui, agora que a bruxa velha morreu.

— *Rauf*! — disse Arnold, o pit bull.

Dan olhou em volta à procura de tia Beatrice, mas, como de costume, ela não estava perto deles. Tinha se afastado para conversar com outras pessoas velhas.

— Grace não era uma bruxa — Dan disse. — E *nós* vamos herdar esta casa!

O irmão mais velho, Hamilton, riu.

— Sei, até parece. — O cabelo dele, espetado bem no meio da cabeça, parecia uma barbatana de tubarão. — Espera até eles lerem o testamento, fracote. Eu mesmo vou chutar você para fora!

— Certo, time — o pai disse. — Agora chega. Formação!

A família fez fila e saiu em ritmo de *cooper* na direção do túmulo, empurrando os outros parentes para fora do caminho, enquanto Arnold mordia os calcanhares de todo mundo.

— Tá tudo bem com a sua cabeça? — Amy perguntou, sentindo-se culpada.

Dan fez que sim. Estava um pouco irritado por Amy não ter ajudado, mas não adiantava reclamar disso. Ela sempre perdia a fala perto dos outros.

— Cara, eu odeio os Holt.

— Temos problemas piores. — Amy apontou para o local onde ficava o túmulo e Dan sentiu seu coração gelar.

— Os *Cobra* — ele murmurou.

Ian e Natalie Kabra estavam de pé ao lado do caixão de Grace, parecendo perfeitos anjinhos enquanto falavam com o pastor. Vestiam trajes fúnebres de grife combinando entre si, que complementavam seus cabelos pretos sedosos e a pele cor de canela. Eles podiam ter sido supermodelos mirins.

— Eles não vão tentar nada durante o funeral — disse Dan, esperançoso. — Só estão aqui pelo dinheiro da Grace, que nem todo o resto. Mas eles não vão conseguir.

Amy franziu a testa.

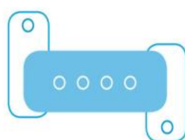
— Dan... você acredita mesmo no que disse, que nós vamos herdar a mansão?

— É claro! Você sabe que nós éramos os preferidos da Grace. Nós passamos mais tempo com ela que qualquer outra pessoa.

Amy deu um suspiro, como se Dan fosse novo demais para entender, coisa que ele odiava.

— Vamos acabar logo com isso — ela disse.

E juntos eles se uniram à multidão.



O funeral passou como uma névoa para Dan. O pastor falou alguma coisa sobre cinzas. Eles baixaram o caixão para dentro da sepultura. Cada um jogou uma pá de terra. Dan achou que os convidados gostaram bastante dessa parte, principalmente Ian e Natalie.Ele reconheceu mais alguns parentes: Alistair Oh, o velho coreano da bengala com ponta de diamante, que sempre insistia para que o chamassem de tio; a russa Irina Spasky, que tinha um tique no olho e por isso era chamada de Spasmo pelas costas; os trigêmeos Starling — o Ned, o Ted e a Sinead, que pareciam jogadores de hóquei. Até aquele menino da tevê estava ali: Jonah Wizard. Ele estava longe dos outros, posando para fotos

ao lado de várias meninas, e havia uma fila de gente esperando para falar com ele. Jonah se vestia igualzinho como aparecia na tevê, com um monte de correntes e pulseiras de prata, jeans rasgados e uma regata preta para mostrar os seus músculos (o que era bastante estúpido, já que ele não tinha nenhum). Um homem negro mais velho vestindo um terno de executivo estava de pé atrás dele, digitando anotações num BlackBerry. Devia ser o pai de Jonah. Dan tinha ouvido falar que Jonah Wizard era parente dos Cahill, mas nunca o tinha visto ao vivo antes. Ele pensou se devia pegar um autógrafo para sua coleção.

Depois do enterro, um sujeito de terno cinza-carvão subiu no palanque. Ele parecia vagamente familiar a Dan. O homem tinha um nariz comprido e pontudo, e era careca. Dan achou que ele tinha cara de urubu.

— Obrigado a todos por virem — ele disse numa voz séria. — Eu sou William McIntyre, advogado e executor do testamento de madame Cahill.

— Executor? — Dan cochichou para Amy. — Ele matou a Grace?

— Não, idiota — Amy cochichou de volta. — Ele vai executar o testamento.

— Se olharem dentro dos programas que foram distribuídos — William McIntyre continuou —, alguns de vocês vão encontrar um convite dourado.

Ouviram-se os murmúrios entusiasmados de 400 pessoas folheando seus programas. Depois a maioria cuspiu palavrões e reclamações, quando não encontrou nada. Dan rasgou o programa. Dentro havia um cartão com borda folheada a ouro. Lia-se:



— Eu sabia! — Dan disse.

— Garanto a vocês — disse o senhor McIntyre, erguendo a voz por cima da multidão — que os convites não foram feitos ao acaso. Peço desculpas aos que foram excluídos. Grace Cahill não pretendia desrespeitá-los. De todos os membros da família Cahill, apenas alguns foram escolhidos como os que têm mais chances.

A multidão começou a berrar e discutir. Por fim, Dan não conseguiu mais se segurar.

— Mais chances de quê? — ele gritou.

— No seu caso, Dan — Ian Kabra resmungou bem atrás dele —, de ser um pirralho americano imbecil.

Sua irmã, Natalie, deu uma risadinha. Ela estava segurando um convite e parecia muito satisfeita.

Antes que Dan pudesse chutar Ian num lugar que realmente doesse, o homem de terno cinza respondeu.

— De serem beneficiários do testamento de Grace Cahill. Agora, por obséquio, aqueles que receberam o convite queiram se reunir no Salão Principal.

Pessoas com convites correram para a casa como se alguém tivesse acabado de gritar "Comida na faixa!".

Natalie Kabra piscou para Dan.

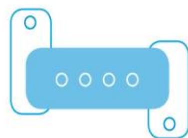
— *Ciao*, primo. Preciso correr para buscar nossa fortuna. — E ela e o irmão partiram colina acima.

— Esqueça esses dois — Amy disse. — Dan, talvez você tenha razão. Talvez a gente herde alguma coisa.

Mas Dan franziu a testa. Se aquele convite era tão legal, por que o tal advogado parecia tão ameaçador? E por qual motivo Grace tinha incluído os Kabra no testamento?

Ao atravessar a entrada principal da mansão, Dan olhou para o brasão de pedra acima da porta: um grande "C" rodeado por quatro desenhos menores — um dragão, um urso, um lobo e um par de cobras enroladas em volta de uma espada. O brasão sempre tinha fascinado Dan, embora ele não soubesse seu significado. Todos os animais pareciam olhar fixamente para ele, como se

estivessem prestes a atacar. Ele seguiu a multidão rumo ao interior da mansão, se perguntando por que aqueles bichos estavam bravos.



O Salão Principal era do tamanho de uma quadra de basquete, com um monte de armaduras e espadas forrando as paredes, e janelas enormes que pareciam que a qualquer instante seriam estilhaçadas pela entrada do Batman.

William McIntyre estava de pé junto a uma mesa com uma tela de projeção atrás de si, enquanto todos se acomodavam em assentos enfileirados. Havia umas quarenta pessoas ao todo, incluindo os Holt, os Kabra e a tia Beatrice, que parecia enojada de estar ali — ou talvez apenas pelo fato de todos os outros também terem sido convidados à leitura do testamento da irmã dela.

O senhor McIntyre levantou a mão para pedir silêncio. Ele tirou um documento de uma pasta de couro marrom, ajustou seus óculos bifocais e começou a ler:

— “Eu, Grace Cahill, em minha sã consciência, divido aqui todos os meus bens entre os que aceitarem o desafio e os que não o aceitarem”.

— Opa — Eisenhower Holt interrompeu. — Que desafio? O que ela quer dizer com isso?

— Vou chegar lá, senhor. — O senhor McIntyre limpou a garganta e continuou: — “Vocês foram escolhidos como os que têm mais chances de sucesso na maior e mais perigosa empreitada de todos os tempos, uma busca de importância vital para a família Cahill e para todo o planeta”.

Quarenta pessoas começaram a falar ao mesmo tempo, fazendo perguntas e exigindo respostas.

— “Perigosa empreitada”? — gritou a prima Ingrid.

— Do que ela está falando?

— Achei que o negócio fosse dinheiro! — berrou o tio José. — Uma busca? Quem ela acha que somos? Nós somos Cahill, não somos aventureiros!

Dan percebeu que Ian e Natalie Kabra trocaram um olhar significativo. Irina Spasky sussurrou alguma coisa no ouvido de Alistair Oh, mas os outros espectadores pareciam tão confusos quanto Dan.

— Senhoras e senhores, por favor — disse o senhor McIntyre. — Se puderem dirigir sua atenção à tela, talvez a madame Cahill possa explicar as coisas melhor que eu.

O coração de Dan parou por um instante. Do que o senhor McIntyre estava falando? Então um projetor no teto fez um ruído e começou a funcionar. Os gritos no salão foram diminuindo conforme a imagem de Grace tremia na tela.

Ela estava sentada na cama com Saladin no colo. Vestia um roupão preto como se estivesse de luto em seu próprio funeral, mas parecia mais saudável que da última vez em que Dan a vira. Sua face estava corada. O rosto e as mãos não pareciam tão magros. O vídeo devia ter sido feito meses atrás, antes de o câncer piorar. Dan sentiu um nó na garganta. Tinha uma vontade louca de gritar para ela: Grace, sou eu! É o Dan! Mas obviamente era só uma imagem. Ele olhou para Amy e viu uma lágrima escorrendo pela base do nariz dela.

— Companheiros da família Cahill — Grace disse. — Se vocês estão vendo isto, significa que eu morri e decidi usar meu testamento alternativo. Vocês com certeza estão discutindo uns com os outros e atazanando o pobre senhor McIntyre a respeito dessa busca que instituí. — Grace deu um sorriso seco para a câmera. — Vocês sempre foram teimosos. Mas agora fiquem de boca fechada e prestem atenção.

— Ei, peraí! — Eisenhower Holt protestou, mas sua esposa fez xiu para ele.

— Garanto a vocês — Grace continuou — que essa busca não é um truque. É um negócio muitíssimo sério. A maioria de vocês sabe que pertence à família Cahill, mas muitos podem não se dar conta de como é grande a importância da nossa família. Saibam que os Cahill tiveram maior impacto na civilização do que qualquer outra família na história.

Irromperam mais gritos confusos. Irina Spasky ficou de pé e gritou:

— Silêncio! Quero escutar!

— Meus familiares — disse a imagem de Grace —, vocês estão no limiar de nosso maior desafio. Cada um de vocês tem potencial para conseguir. Alguns podem decidir formar uma equipe com outras pessoas desta sala para tentar o desafio. Alguns talvez prefiram enfrentá-lo sozinhos. A maioria de vocês, eu receio, vai recusar o desafio e fugir com o rabo entre as pernas. Apenas uma equipe conseguirá, e cada um deve sacrificar sua parte na herança para participar.

Ela mostrou um envelope pardo lacrado com cera vermelha. Seus olhos estavam brilhantes e duros feito aço.

— Se vocês aceitarem, receberão a primeira de 39 pistas. Essas pistas os levarão a um segredo que, se descoberto, fará de vocês os seres humanos mais poderosos e influentes do planeta. Vocês concretizarão o destino da família Cahill. Agora peço que todos escutem o senhor McIntyre. Deixem que ele explique as regras. Pensem muito bem antes de fazer sua escolha. — Ela olhou direto para a câmera, e Dan queria que ela dissesse alguma coisa especial para eles: *Dan e Amy, é de vocês que vou sentir mais falta. Ninguém mais nesta sala realmente importa para mim.* Ou algo parecido com isso.

Em vez disso, Grace disse:

— Estou contando com todos vocês. Boa sorte e adeus.

A tela ficou preta. Amy agarrou a mão de Dan. Os dedos dela estavam trêmulos. Para Dan, a sensação era como se eles tivessem acabado de perder Grace outra vez. Então todos em volta começaram a falar ao mesmo tempo.

— Maior família da história? — gritou a prima Ingrid. — Ela está maluca?

— Teimosos? — Eisenhower Holt gritou. — Ela noschamou de teimosos?

— William! — a voz de Alistair Oh se ergueu acima do resto. — Só um instante! Tem pessoas aqui que eu nem reconheço, pessoas que talvez nem sejam membros da família. Como vamos saber...

— Se você está nesta sala, senhor — disse o senhor McIntyre —, você é um Cahill. Não importa se seu sobrenome é Cahill ou não. Todos aqui têm sangue Cahill.

— Até você, senhor McIntyre? — Natalie Kabra perguntou em seu sedoso sotaque britânico.

O velho advogado ficou vermelho.

— Isso, senhorita, não vem ao caso. Agora, se me permitem terminar...

— Mas que história é essa de sacrificar nossa herança? — reclamou tia Beatrice. — Cadê a grana? É bem a cara da minha irmã inventar uma bobagem dessas!

— A senhora pode muito bem recusar o desafio — disse o senhor McIntyre. — Se fizer isso, receberá o que está embaixo da sua cadeira.

Imediatamente, quarenta pessoas remexeram embaixo de suas cadeiras. Eisenhower Holt estava tão ansioso que levantou a cadeira de Reagan com ela ainda sentada. Dan descobriu um envelope embaixo da cadeira dele, grudado com fita adesiva. Quando abriu, achou um pedaço de papel verde com um monte de números e as palavras BANCO REAL DA ESCÓCIA grafadas. Amy também tinha um. Assim como todos no salão.

— O que vocês têm em mãos é um comprovante de banco — explicou o senhor McIntyre. — Ele só será ativado se e quando vocês renunciarem ao direito de participar do desafio. Fazendo essa escolha, cada um pode sair desta sala com 1 milhão de dólares e nunca mais ter que pensar em Grace Cahill ou em seus últimos desejos. Ou... vocês podem escolher uma pista. Uma única pista que será sua única herança. Nenhum dinheiro. Nenhum bem. Somente uma pista que talvez os leve ao tesouro mais importante do mundo e os torne incrivelmente poderosos...

Os olhos cinzentos de William pareceram pousar especialmente em Dan.

— Ou talvez os leve à morte. Um milhão de dólares ou a pista. Vocês têm cinco minutos para decidir.

CAPÍTULO 3

AMY CAHILL ACHAVA QUE TINHA O IRMÃO CAÇULA MAIS CHATO DO planeta. E isso foi *antes* dele quase matá-la.

Tudo começou quando o senhor McIntyre leu o testamento da avó deles e lhes mostrou o vídeo.

Amy ficou ali sentada, em choque. Ela estava segurando um pedaço de papel verde que valia 1 milhão de dólares. Um desafio? Um segredo perigoso? O que estava acontecendo? Ela olhou para a tela de projeção preta. Não conseguia acreditar que a avó tinha feito uma coisa daquelas. O vídeo devia ter sido gravado meses atrás, a julgar pela aparência de Grace. Vê-la na tela daquele jeito doera em Amy mais do que sal numa ferida. Como Grace podia ter planejado uma coisa tão gigantesca sem avisá-la?

Amy nunca esperou que fosse herdar muita coisa. Só o que queria era algo para se lembrar de Grace — uma recordação, talvez uma de suas belas joias. Agora aquilo... Ela se sentiu totalmente perdida.

Dan não estava ajudando muito, pulando de um lado para o outro como se estivesse apertando para ir ao banheiro.

— Um milhão de dólares! Dá pra comprar um card original do Mickey Mantle *e* um do Babe Ruth 1914!

A gravata dele estava torta, o que combinava com seu sorriso torto. Ele tinha uma cicatriz sob um dos olhos, de quando tentara brincar de paraquedas

e caíra em cima de metralhadora de plástico. Ele era exatamente esse tipo de diabinho. Mas o que chateava Amy de verdade era como Dan parecia estar à vontade, como se toda aquela gente não o incomodasse.

Amy odiava multidões. Ela sentia como se todos estivessem olhando para ela, só esperando que fizesse papel de boba. Às vezes, em seus pesadelos, sonhava que estava no fundo de um abismo, e todas as pessoas que conhecia estavam olhando para ela e dando risada. Amy tentava escalar para fora, mas nunca conseguia sair.

Naquele exato momento, tudo o que ela queria era correr para a biblioteca de Grace, fechar a porta e se aconchegar com um livro. Queria encontrar Saladin — o gato de Grace, da raça Mau Egípcio — e acariciá-lo. Mas Grace estava morta, e o coitado do gato... quem sabe onde estaria agora? Ela piscou com lágrimas nos olhos, pensando na última vez que tinha visto a avó.

Você vai me deixar orgulhosa, Amy, Grace dissera. Elas estavam sentadas na grande cama de Grace, com Saladin ronronando ao lado delas. Grace lhe mostrara um mapa da África desenhado à mão e contara histórias das aventuras que vivera quando era uma jovem exploradora. Grace parecia magra e frágil, porém o fogo em seus olhos estava intenso como sempre. A luz do sol transformava seus cabelos em prata pura. *Vivi muitas aventuras, querida, mas elas serão pequenas perto das suas.*

Amy quis chorar. Como Grace pôde achar que Amy viveria grandes aventuras? Ela mal tinha coragem de ir à escola toda manhã.

— Eu poderia comprar uma espada ninja — Dan continuou tagarelando. — Ou um sabre da Guerra Civil!

— Dan, cale a boca — ela disse. — Isto é sério.

— Mas o dinheiro...

— Eu sei. Mas se nós pegarmos o dinheiro, vamos precisar guardar para a faculdade e tal. Você sabe como é a tia Beatrice.

Dan franziu a testa, como se tivesse esquecido. Ele sabia muito bem que a tia Beatrice só tomara conta deles por causa de Grace. Amy sempre desejou que Grace os tivesse adotado depois que os pais deles morreram, mas ela não

fizera isso. Por motivos que nunca explicou, pressionara Beatrice para que se tornasse responsável legal por eles.

Durante os últimos sete anos, Dan e Amy ficaram à mercê de Beatrice, morando num apartamento minúsculo com uma série consecutiva de *au pairs*. Beatrice pagava tudo, mas não pagava muito. Amy e Dan tinham o suficiente para comer e ganhavam roupas novas a cada seis meses, mas nada além disso. Nenhum presente de aniversário. Nenhum agrado especial. Sem mesada. Eles estudavam numa escola pública e Amy nunca tinha dinheiro sobrando para comprar livros. Ela usava a biblioteca ou às vezes ficava no sebo de livros em Boylston, onde os funcionários a conheciam. Dan ganhava um dinheirinho por sua conta com seu pequeno comércio de cards colecionáveis, mas não era muito.

Durante sete anos, de segunda a sexta, Amy ficara magoada com Grace por não os criar pessoalmente, mas quando chegava o fim de semana ela simplesmente não conseguia se manter brava com a avó. Quando eles vinham á mansão, Grace lhes dava atenção exclusiva. Tratava os dois como as pessoas mais importantes do mundo. Sempre que Amy tomava coragem de perguntar por que eles não podiam ficar com Grace o tempo todo, Grace apenas dava um sorriso triste. *Há motivos, querida. Algum dia você vai entender.*

Agora Grace morrera. Amy não sabia o que a tia Beatrice ia fazer, mas com certeza eles definitivamente precisariam de mais dinheiro. Isso significaria alguma independência. Eles poderiam comprar um apartamento maior talvez. Poderiam comprar livros sempre que quisessem e até mesmo fazer faculdade. Amy estava desesperada para entrar em Harvard. Queria estudar história e arqueologia. Sua mãe teria gostado disso.

Pelo menos... Amy esperava que ela teria gostado. Amy sabia muito pouco sobre seus pais. Nem sabia por que ela e Dan levavam o sobrenome de solteira da mãe — Cahill —, quando o sobrenome do pai deles era Trent. Ela perguntou isso à avó uma vez, mas Grace apenas sorriu e disse: “Foi assim que seus pais quiseram”. Porém o orgulho teimoso em sua voz fez Amy suspeitar que na verdade tinha sido ideia de Grace eles carregarem o sobrenome Cahill.

Amy não conseguia se lembrar muito bem do rosto da mãe, ou sobre *qualquer coisa* a respeito dos pais antes da terrível noite em que eles morreram no incêndio. E isso era uma coisa que Amy fazia muito esforço para não pensar.

— Está bem — Dan disse devagar. — Então vou gastar o *meu* 1 milhão na minha coleção. Você pode gastar o seu na faculdade e todo mundo fica feliz.

Amy sentiu uma angústia. Brotavam discussões por toda a sala. Os Holt pareciam realizar um exercício de combate. Sinead Starling estava apartando os irmãos, Ned e Ted, para um não estrangular o outro. Irina Spasky disparava frases em russo para aquele menino do *reality show*, Jonah Wizard, e seu pai, mas, pelo jeito não entendiam uma palavra. Vozes furiosas enchiam o Salão Principal. Era como se estivessem arrancando cada pedaço de Grace, batendo boca pela herança dela. Não se importavam nem um pouco com a morte da avó de Amy.

Então alguém bem atrás dela disse:

— Vocês vão recusar o desafio, é claro.

Era Ian Kabra, com sua irmã irritante, Natalie, ao seu lado. A contragosto, o estômago de Amy deu uma pequena cambalhota, pois Ian era muito bonito. Ele tinha uma linda pele escura, olhos cor de âmbar e um sorriso perfeito. Tinha 14 anos, a mesma idade que ela, mas se vestia como um adulto, com terno de seda e gravata. Até o cheiro dele era bom, de cravo. Amy teve raiva de si mesma por notar isso.

— Eu ficaria triste se alguma coisa acontecesse com vocês — ronronou Ian. — E vocês precisam mesmo do dinheiro.

Natalie pôs as mãos na boca, fingindo surpresa. Ela parecia uma boneca em tamanho natural com seu vestido de cetim, seus sedosos cabelos pretos caídos por cima do ombro.

— É mesmo, Ian! Eles são pobres. Eu sempre esqueço. Parece tão estranho nós sermos parentes, não é?

Amy sentiu que ficou vermelha. Queria dar alguma resposta ácida, porém sua voz não saiu.

— Ah, é? — Dan disse. — Talvez a gente não seja parente! Talvez vocês sejam alienígenas mutantes, porque crianças *de verdade* não se vestem que nem banqueiros e nem saem voando no jatinho particular do papai.

Ian sorriu.

— Você me entendeu mal, meu caro primo. Estamos muito felizes por vocês. Queremos que peguem o dinheiro, tenham uma vida maravilhosa e nunca mais pensem em nós.

— G-G-Grace — Amy conseguiu falar, odiando que sua voz não colaborasse. — G-Grace ia querer...

— Ia querer que vocês arriscassem suas vidas? — Ian completou. — Como você sabe? Ela contou a vocês sobre esse desafio que estava planejando?

Nem Amy nem Dan responderam.

— Entendo — Ian disse. — Deve ser horrível... pensar que vocês eram os favoritos de Grace e então ser deixados no escuro desse jeito. Talvez vocês não fosse tão importantes para a velha quanto acharam, não é?

— Ora, Ian — Natalie o repreendeu. — Talvez Grace apenas soubesse que eles não eram páreo para o desafio. Parece bem perigoso. — Natalie sorriu para Amy. — Odiaríamos ver vocês sofrerem uma morte dolorosa, não é? Adeusinho!

Os Kabra se afastaram na multidão.

— *Adeusinho* — Dan imitou. — Que imbecis.

Parte de Amy queria perseguir os Kabra e bater neles com uma cadeira. Mas parte dela queria rastejar para baixo de uma pedra e se esconder. Ela queria tanto falar uns desaforos para eles, mas não tivera coragem sequer de *falar*.

— Eles vão aceitar o desafio — ela sussurrou para Dan.

— É óbvio! Que diferença faz 2 milhões a mais para eles? Eles podem jogar esse dinheiro no lixo.

— Eles estavam nos ameaçando. Não querem que a gente se envolva.

— Talvez *eles* sofram uma morte dolorosa — Dan especulou. — Fico imaginando o que será esse tesouro afinal.

— Faz diferença? — Amy perguntou amargamente. — *Nós* não podemos procurar o tesouro. Mal temos dinheiro para o passe de ônibus.

Mas mesmo assim ela ficou imaginando. Grace tinha explorado o mundo inteiro. Será que o tesouro era uma tumba egípcia perdida... ou ouro de piratas? O senhor McIntyre dissera que o prêmio faria dos vencedores os seres humanos mais poderosos da Terra. O que seria capaz dessa proeza? E por que havia exatamente 39 pistas?

Ela não conseguia evitar a curiosidade. Adorava mistérios. Quando era mais nova, costumava fingir que sua mãe ainda estava viva, e elas viajavam juntas para escavações arqueológicas. Às vezes Grace ia também, as três juntas, explorando o mundo, felizes. Mas era só um faz de conta idiota.

— Que pena — Dan resmungou. — Eu adoraria tirar esse sorrisinho da cara dos Cobra...

Nesse exato momento, tia Beatrice agarrou os braços deles. Seu rosto estava retorcido de raiva e seu hálito cheirava a naftalina.

— Vocês não vão fazer nenhuma besteira! Eu pretendo ficar com meu 1 milhão de dólares, e vocês vão fazer a mesma coisa! Fiquem tranquilos, vou colocar numa conta até vocês virarem adultos. Só vou gastar os rendimentos. Em troca, vou permitir que continuem sob minha custódia.

Amy engasgou de raiva.

— Você... você vai *permitir* que a gente continue sob a sua custódia? Você vai *permitir* que a gente te dê nossos 2 milhões de dólares?

Assim que acabou de dizer isso, ela não acreditou que conseguira pronunciar as palavras. Geralmente morria de medo dela. Até Dan ficou impressionado.

— Olha como fala, mocinha! — Beatrice avisou. — Faça a coisa mais sensata, senão...

— Senão o quê? — Dan perguntou num tom fingidamente inocente.

O rosto de Beatrice ficou vermelho.

— Senão, seu pequeno novo-rico, vou deserdar vocês e entregá-los para o Serviço Social. Vocês vão ser órfãos indigentes, e vou fazer questão de não deixar nenhum Cahill jamais ajudar vocês novamente! Toda essa história é

absurda. Vocês vão pegar o dinheiro e não vão se meter nesse esquema ridículo da minha irmã para encontrar...

Ela parou de repente.

— Encontrar o quê? — Dan perguntou.

— Tanto faz — Beatrice disse. Amy levou um susto quando percebeu que tia Beatrice estava com *medo*. — Apenas façam a escolha certa ou nunca mais vão ter o meu apoio!

Ela saiu pisando duro. Amy olhou para Dan, mas, antes que pudesse dizer qualquer coisa, o senhor McIntyre tocou um sininho. Aos poucos, as brigas e discussões no Salão Principal cessaram. As pessoas retomaram seus assentos.

— Chegou a hora — disse o senhor McIntyre. — Devo advertir que, uma vez feita a escolha, não há como voltar atrás. Não é possível mudar de ideia.

— Espere um momento, William — disse Alistair Oh. — Isso não é justo. Não sabemos quase nada sobre o desafio. Como vamos julgar se vale a pena?

O senhor McIntyre comprimiu os lábios.

— Há coisas que não posso contar, senhor. O senhor sabe que a família Cahill é muito grande... muito antiga. Tem diversos clãs. Até hoje alguns de vocês nem faziam ideia de que eram Cahill. Mas como madame Grace disse em seu discurso no vídeo, esta família teve um papel importantíssimo na formação da civilização. Algumas das figuras históricas mais importantes foram Cahill.

Sussurros entusiasmados preencheram o salão.

A mente de Amy estava a mil. Ela sempre soube que os Cahill eram importantes. Muitos eram ricos. Eles estavam espalhados por todo o mundo. Mas formação da civilização? Ela não sabia ao certo o que o senhor McIntyre queria dizer com aquilo.

— Figuras históricas? — berrou o senhor Holt. — Como quem?

O senhor McIntyre limpou a garganta.

— O senhor teria dificuldade em citar uma grande figura histórica dos últimos séculos que não tenha sido membro desta família.

— Abraham Lincoln — gritou a prima Ingrid. — Eleanor Roosevelt.

— Sim — o senhor McIntyre respondeu apenas. — E sim.

Um silêncio impressionante tomou conta do salão.

— Harry Houdini! — gritou Madison Holt.

— Lewis e Clark! — sugeriu Reagan, sua irmã.

— Sim, sim e sim — disse o senhor McIntyre.

— Ora, vamos! — berrou o senhor Holt. — Isso é impossível!

— Concordo! — disse o tio José. — Você está caçoando de nós, McIntyre.

— Estou falando muito sério — o velho advogado garantiu. — E, mesmo assim, todas as conquistas da família Cahill até agora não são nada em comparação com o desafio que está diante de vocês neste momento. Chegou a hora de vocês descobrirem o maior segredo dos Cahill, de se tornarem os membros mais poderosos da família em toda a história... ou morrerem tentando.

Amy sentiu uma coisa fria e pesada no estômago, como se tivesse engolido uma bala de canhão. Como ela podia ser parente de todas aquelas pessoas famosas? Como Grace podia ter pensado que Amy se tornaria mais poderosa que elas? Ela ficou nervosa só de pensar naquilo. Nem sonhando teria coragem de se meter numa aventura perigosa.

Mas se ela e Dan não aceitassem o desafio... Ela lembrou da tia Beatrice apertando os braços deles, mandando que ficassem com o dinheiro. A tia daria um jeito de roubar os 2 milhões de dólares deles. Amy não seria capaz de enfrentá-la. Eles voltariam ao seu pequeno apartamento escuro e nada mudaria, a não ser o fato de que Grace estava morta. Não haveria mais viagens aos fins de semana, nada para se lembrar dela. Amy nunca pensara que algo pudesse ser pior que a morte de seus pais, mas aquilo era. Ela e Dan estavam completamente sós. A única saída era aquela ideia maluca de que eles eram parte de uma grande família da história... parte de alguma busca misteriosa. As mãos de Amy começaram a suar.

— Embarcando nessa busca — o senhor McIntyre continuou —, vocês serão levados ao tesouro. Mas apenas um de vocês vai chegar a ele. Um único indivíduo — seus olhos passaram pelo rosto de Amy — ou uma única equipe vai encontrá-lo. Não posso dizer mais nada. Eu mesmo não sei até onde a

busca vai levar. Só posso indicar o começo da jornada, monitorar seus avanços e oferecer uma pequena orientação. Agora... quem vai decidir primeiro?

Tia Beatrice ficou de pé.

— Isto é ridículo. Quem entrar nesse jogo imbecil é um idiota. Eu vou ficar com o dinheiro!

O senhor McIntyre assentiu com a cabeça.

— Como quiser, senhora. Assim que sair deste salão, os números de seu comprovante bancário serão ativados. A senhora pode sacar seu dinheiro no Banco Real da Escócia quando quiser. Quem é o próximo?

Vários outros se levantaram e escolheram o dinheiro. O tio José. A prima Ingrid. Uma dúzia de outras pessoas que Amy não reconheceu. Cada um deles ficou com o papel verde e virou instantaneamente um milionário.

Então Ian e Natalie Kabra se levantaram.

— Nós aceitamos o desafio — Ian anunciou. — Vamos formar uma equipe de dois. Nos dê a pista.

— Muito bem — disse o senhor McIntyre. — Seus comprovantes, por favor.

Ian e Natalie andaram até a mesa. O senhor McIntyre pegou um isqueiro prateado e queimou os papéis que valiam 1 milhão de dólares cada. Em troca, entregou a Ian e Natalie um envelope pardo lacrado com cera vermelha.

— Sua primeira pista. Vocês não podem ler até que eu os instrua a fazer isso. Vocês, Ian e Natalie Kabra, serão a Equipe 1.

— Ei! — objetou o senhor Holt. — Nossa família inteira vai aceitar o desafio! Nós queremos ser a Equipe 1!

— Nós somos o número 1! — as crianças da família Holt começaram a repetir em coro, e seu pit bull Arnold pulava no ar e latia junto com elas.

O senhor McIntyre ergueu a mão, pedindo silêncio.

— Muito bem, senhor Holt. Os comprovantes da sua família, por favor. Vocês serão a Equipe... enfim, vocês também serão uma equipe.

Os Holt fizeram a troca: cinco comprovantes de 1 milhão de dólares por um envelope com uma pista, e eles nem hesitaram. Enquanto eles voltavam marchando para seus assentos, Reagan deu um esbarrão no ombro de Amy.

— Pra vencer tem que sofrer, sua banana!

Então, Alistair Oh ficou de pé com esforço.

— Está bem. Não consigo resistir a uma boa charada. Acho que você pode me chamar de Equipe 3.

Então os trigêmeos Starling correram para a frente. Eles puseram seus comprovantes na mesa e mais 3 milhões de dólares arderam em chamas.

— *Da* — disse Irina Spasky. — Também vou entrar nesse jogo. Eu trabalho sozinha.

— Ei, guenta aí — Jonah Wizard gingava como se fosse da periferia, assim como fazia no programa *Quem quer ser um gangsta?*, o que era meio ridículo, já que ele valia 1 bilhão de dólares e morava em Beverly Hills. — Tô topando essa parada — ele bateu o comprovante na mesa. — Descola essa pista aí, maluco.

— Gostaríamos de filmar a busca — seu pai falou.

— Não — disse o senhor McIntyre.

— Porque ia ficar ótimo na tevê — continuou o pai. — Eu podia falar com o estúdio sobre uma porcentagem de comissão...

— *Não* — o senhor McIntyre insistiu. — Isto não é entretenimento, senhor. É uma questão de vida ou morte.

O senhor McIntyre vasculhou o salão com os olhos e os fixou em Amy.

— Quem mais? — ele chamou. — Agora é a hora de escolher.

Amy percebeu que ela e Dan eram os últimos indecisos. A maioria dos quarenta convidados havia ficado com o dinheiro. Seis equipes tinham aceitado o desafio — todas mais velhas, ou mais ricas, ou parecendo ter mais chances de sucesso do que Amy e Dan. Tia Beatrice olhou feio para eles, advertindo-os de que estavam prestes a ser deserdados. Ian tinha um sorriso arrogante no rosto. *Talvez vocês não fossem tão importantes para a velha quanto acharam, não é?* Amy lembrou o que sua irritante irmã, Natalie, tinha dito: *Talvez Grace apenas soubesse que eles não eram páreo para o desafio.*

O rosto de Amy ficou quente de vergonha. Talvez os Kabra tivessem razão. Quando os Holt viraram o irmão dela de cabeça para baixo, ela não os enfrentara. Quando os Kabra a insultaram, ela apenas ficara ali imóvel e calada. Como poderia se meter numa busca perigosa?

Mas então ela ouviu outra vez em sua mente: *Você vai me deixar orgulhosa, Amy.*

E de repente ela soube. Era disso que Grace estava falando. Era essa a aventura que Amy deveria viver. Se ela não fizesse isso, só lhe restava rastejar para baixo de uma pedra e se esconder para o resto da vida.

Ela olhou para o irmão. Por mais chato que ele fosse, eles sempre tinham conseguido se comunicar só com olhares. Não era telepatia nem nada, mas ela sabia o que o irmão estava pensando.

É muito dinheiro, Dan disse a ela. *Muitos cards incríveis de beisebol.*

A mamãe e o papai iam querer que a gente tentasse, Amy respondeu com os olhos. *Era isso que Grace queria que a gente fizesse.*

Pois é, mas um Babe Ruth e um Mickey Mantle...

Ian e Natalie vão odiar, Amy insistiu. *E a tia Beatrice provavelmente vai ficar furiosa.*

Um sorriso se espalhou no rosto dele. *Acho que o Babe Ruth pode esperar*.

Amy pegou o comprovante de Dan. Eles andaram até a mesa juntos e ela pegou o isqueiro do senhor McIntyre.

— Vamos participar — ela disse, e transformou 2 milhões de dólares em fumaça.

CAPÍTULO 4

DAN SENTIU UMA TONTURA, COMO DA VEZ QUE TINHA COMIDO VINTE pacotes de bala. Ele não podia acreditar no tanto de dinheiro que tinham acabado de jogar no lixo.

Desde que era pequeno, Dan sonhava em fazer alguma coisa que deixaria seus pais orgulhosos. Sabia que eles estavam mortos, é claro. Mal se lembrava deles. E, mesmo assim, achava que se pudesse realizar algo incrível — ainda mais legal que montar a melhor coleção de cards de beisebol de todos os tempos ou se tornar um lorde ninja —seus pais de algum modo saberiam. E ficariam orgulhosos. Essa competição para se tornar o maior Cahill de todos os tempos parecia a chance perfeita.

Além disso, Dan gostava de tesouros. E ainda de quebra o rosto da tia Beatrice ficou totalmente roxo enquanto ela saía da sala pisando duro, batendo a porta atrás de si.

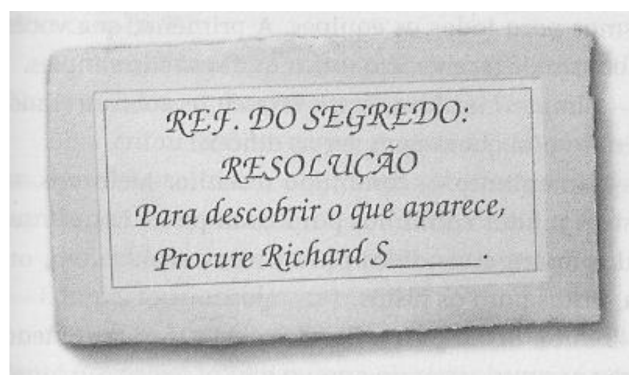
Agora o Salão Principal estava vazio, exceto pelas sete equipes e o senhor McIntyre.

Depois de um silêncio tenso, o velho advogado disse:

— Podem abrir seus envelopes.

RASG, RASG, RASG.

A pista estava escrita em caligrafia preta, num papel de cor creme. Lia-se:



— É isto? — gritou Mary-Todd Holt. — É só isto que nós recebemos?

— Doze palavras — Eisenhower Holt resmungou. — Isto são... — Ele começou a contar nos dedos.

— Quase 500 mil dólares por palavra — completou Alistair Oh —, considerando que a sua família abriu mão de 5 milhões de dólares. Para mim foi uma pechincha. Cada palavra me custou menos de 100 mil.

— Isso é ridículo! — disse Madison Holt. — Precisamos de mais pistas!

— Richard S___ — Ian pensou em voz alta. — Ora, quem será?

Ele olhou para a irmã, e ambos sorriram como se estivessem fazendo uma piada interna. Dan teve vontade de chutá-los.

— Espere um instante — reclamou o pai de Jonah Wizard. — Todos receberam a mesma pista? Porque meu filho só trabalha com material exclusivo. Está no contrato dele.

— As 39 pistas — disse o senhor McIntyre — são os grandes passos que levam à meta final. Elas são as mesmas para todas as equipes. A primeira, que vocês acabaram de receber, é a única que será tão simples.

— Simples? — Alistair Oh ergueu as sobrancelhas. — Então não quero nem ver as difíceis.

— No entanto — continuou o senhor McIntyre —, existem muitos caminhos para cada pista. Dicas e segredos foram escondidos para vocês encontrarem, ou seja, pistas para as pistas.

— Estou ficando com dor de cabeça — disse Sinead Starling.

— Como vocês vão agir, fica inteiramente por sua conta — disse o senhor McIntyre. — Mas lembrem-se: vocês todos buscam o mesmo fim, e apenas uma equipe conseguirá. Não há um minuto a perder.

Irina Spasky dobrou sua pista, enfiou-a na bolsa e saiu pela porta.

Alistair Oh franziu a testa.

— Parece que a prima Irina tem uma ideia.

Os trigêmeos Starling juntaram suas cabeças. Então, como se tivessem tido uma iluminação coletiva, levantaram tão depressa que derrubaram as cadeiras e correram para fora.

O pai de Jonah Wizard o puxou até um canto. Eles tiveram uma discussão acalorada e seu pai digitou alguma coisa no BlackBerry.

— Tô vazando — disse Jonah. — Falou, manés. — E eles partiram.

Com isso eram três equipes que já tinham saído, e Dan ainda não fazia ideia do que a pista significava.

— Bem. — Ian Kabra se espreguiçou devagar, como se tivesse todo o tempo do mundo. — Está pronta, minha cara irmã?

— Para humilhar nossos primos americanos? — Natalie sorriu. — Estou sempre pronta.

Dan tentou fazê-los tropeçar quando eles passaram, mas os dois saltaram agilmente sobre a perna dele e continuaram andando.

— Certo! — anunciou prontamente o senhor Holt. — Equipe, formação!

A família Holt ficou de pé num pulo. O pit bull valentão, Arnold, latia e pulava ao redor como se tentasse morder o nariz deles.

— Para onde estamos indo agora, pai? — Hamilton perguntou.

— Não sei. Mas os outros estão indo embora! Vamos atrás deles!

Eles marcharam em passo acelerado para fora do Salão Principal, onde restaram apenas Amy, Dan, Alistair Oh e William McIntyre.

— Puxa vida — Alistair suspirou. Com seu terno preto e sua gravata de seda, Dan achou que ele parecia um mordomo. Um mordomo com um segredo. Seus olhos pareciam estar sorrindo, mesmo quando ele não estava. — Acho que vou dar um passeio lá fora e pensar sobre isto.

Dan ficou aliviado ao vê-lo partir. Alistair parecia ser o mais bonzinho entre os concorrentes, mas ainda era um concorrente.

Dan olhou outra vez para a pista, mais frustrado do que nunca.

— Resolução. Descobrir o que aparece. Richard S___. Não entendo.

— Não posso oferecer ajuda em relação à pista. — O senhor McIntyre esboçou um sorriso fraco. — Mas sua avó ficaria contente por vocês terem aceitado o desafio.

Amy balançou a cabeça.

— Nós não temos chance, temos? Os Kabra e os Starling são ricos. Jonah Wizard é famoso. Os Holt são monstros de esteroides. Alistair e Irina parecem tão... não sei... *vívidos*. E Dan e eu...

— Têm outros talentos — o senhor McIntyre completou. — E tenho certeza de que vocês vão descobri-los.

Dan releu a pista. Ele pensou em cards de beisebol, letras e autógrafos.

— Temos que encontrar esse tal Richard — ele decidiu. — Mas por que o sobrenome dele é só S___?

Os olhos de Amy se arregalaram.

— Espere um instante. Lembro de ter lido que, por volta de 1700, as pessoas costumavam fazer isso. Usavam apenas uma letra quando queriam disfarçar seus verdadeiros nomes.

— Ah — disse Dan. — Então, tipo, eu podia falar que a A___ tem cara de bunda de babuíno, e você não saberia de quem eu estou falando?

Amy deu um tapa na orelha dele.

— Ai!

— Crianças — interrompeu o senhor McIntyre. — Vocês já vão ter inimigos suficientes sem brigar um com o outro. Além disso... — Ele conferiu seu relógio de bolso dourado. — Além disso, não temos muito tempo, e de fato preciso contar uma coisa a vocês, algo que sua avó queria que vocês soubessem.

— Uma dica exclusiva pra gente? — Dan perguntou, esperançoso.

— Um aviso, meu jovem mestre Dan. Vejam, todos os Cahill, se sabem que são Cahill, pertencem a um dos quatro clãs principais.

Amy se endireitou.

— Eu me lembro disso! Grace me contou uma vez.

Dan franziu a testa.

— Quando ela te contou isso?

— Na biblioteca, uma tarde. Estávamos conversando.

— Ela não contou pra mim!

— Talvez você não estivesse prestando atenção! E existem quatro clãs. O Ekaterina, o Janus, o... hã, Tomas e o Lucian.

— De qual nós somos? — Dan perguntou.

— Não sei. — Amy olhou para McIntyre pedindo ajuda. — Ela só mencionou os nomes. Não quis me contar de qual nós somos.

— Infelizmente não posso ajudar vocês com isso. — Dan percebeu pelo tom de sua voz que ele estava escondendo alguma coisa. — No entanto, crianças, é fato que existe outro... digo, outra parte interessada a respeito da qual vocês precisam saber. Não é um dos quatro clãs da família Cahill, mas um grupo que pode tornar a busca de vocês mais difícil.

— Os ninjas? — Dan perguntou entusiasmado.

— Nada tão inofensivo — o senhor McIntyre respondeu. — Posso lhes contar muito pouco sobre eles. Confesso que só sei o nome e algumas histórias perturbadoras. Mas vocês devem tomar cuidado com eles. Este foi o último aviso que sua avó me fez prometer lhes transmitir se vocês aceitassem o desafio: *Cuidado com os Madrigal.*

Um calafrio percorreu a espinha de Dan. Ele não sabia ao certo por quê. O nome Madrigal apenas soava como algo maligno.

— Mas, senhor McIntyre, quem...

— Meu rapaz, não posso lhe dizer mais nada. Já desrespeitei as regras da competição contando o que acabei de contar. Apenas me prometam que não vão confiar em ninguém. Por favor. Para sua própria segurança.

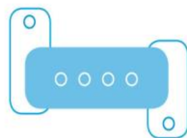
— Mas nós nem sabemos por onde começar! — Amy protestou. — Todos os outros saíram correndo como se soubessem o que fazer. Precisamos de respostas!

O senhor McIntyre se levantou. Ele fechou sua pasta de couro.

— Preciso voltar ao meu escritório. Mas, meus caros, talvez o jeito de vocês descobrirem as coisas não seja o mesmo das outras equipes. O que vocês fazem normalmente quando precisam de respostas?

— Eu leio um livro — Amy exclamou. — A biblioteca! A biblioteca da Grace!

Ela saiu correndo do Salão Principal. Dan não costumava correr entusiasmado quando a irmã sugeria uma visita à biblioteca. Desta vez, ele correu.



A biblioteca ficava ao lado do quarto de Grace — um grande aposento rebaixado, forrado de estantes de livros. Dan achou meio sinistro voltar ali só com Amy, principalmente porque Grace morrera no quarto ao lado em sua grande cama suntuosa. Ele esperava que todos os cômodos estivessem cobertos com panos pretos, com lençóis sobre os móveis como se via nos filmes, mas a biblioteca estava iluminada, arejada e alegre como sempre tinha sido.

Aquilo não pareceu correto a Dan. Com Grace morta, a mansão deveria estar escura e sombria — que era um pouco como ele se sentia. Ele olhou para a cadeira de couro perto da janela e se lembrou de uma vez que ficara ali sentado, brincando com uma adaga de pedra muito legal que conseguira tirar de um mostrador trancado. Grace chegara tão silenciosamente que ele não percebeu sua presença até que ela estivesse parada bem do seu lado. Em vez de ficar brava, ela se ajoelhara junto a ele. *Essa adaga é de Tenochlitlán*, ela disse. *Guerreiros astecas costumavam carregar adagas assim para rituais de sacrifício. Eles cortavam fora as partes dos inimigos que acreditavam conter seu espírito guerreiro.* Ela lhe mostrara como a lâmina era afiada e então o deixara sozinho. Não lhe disse para tomar cuidado. Não ficou brava porque ele arrombara o armário dela. Agira como se a curiosidade dele fosse totalmente normal e até admirável.

Nenhum adulto jamais entendera Dan tão bem. Pensando nisso agora, ele sentia como se alguém tivesse cortado fora parte de seu espírito.

Amy começou a vasculhar os livros da biblioteca. Dan tentou ajudar, mas não fazia ideia do que estava procurando e logo ficou entediado. Ele girou o velho globo com mares marrons e continentes em cores estranhas, se perguntando se daria uma boa bola de boliche. Então notou abaixo do oceano Pacífico uma coisa que nunca tinha visto antes — uma assinatura.

Grace Cahill, 1964.

— Por que Grace autografou o globo? — ele perguntou para a irmã.

Amy olhou de relance para ele.

— Ela era cartógrafa. Fazia mapas e era exploradora. Ela mesma fez esse globo.

— Como você sabe disso?

Amy revirou os olhos.

— Porque eu escutava as histórias dela.

— Ah. — Essa ideia nunca ocorrera a Dan. — Então, que lugares ela explorou?

— Todos — disse a voz de um homem.

Alistair Oh estava apoiado em sua bengala na soleira da porta, sorrindo para eles.

— Sua avó explorou todos os continentes, Dan. Aos 25 anos ela já falava seis línguas fluentemente, sabia manejar uma lança ou um bumerangue ou um rifle com a mesma habilidade, e se orientava em quase toda grande cidade do mundo. Ela conhecia Seul, minha cidade natal, melhor do que eu. Então, por motivos desconhecidos, voltou para se assentar em Massachusetts. Uma mulher misteriosa... essa era Grace.

Dan queria ouvir mais sobre a habilidade de Grace com o bumerangue. Aquilo parecia demais! Mas Amy se afastou da estante de livros. Seu rosto estava vermelho.

— A-Alistair. Hã... O que você quer?

— Oh, não quero atrapalhar vocês. Não vou me intrometer.

— É, mas... não tem nada aqui — Amy balbuciou. — Eu estava esperando... não sei. Alguma coisa que tinha visto antes, mas eu já li a maioria destes. Na verdade nem são tantos. E não tem nada sobre Richard S___.

— Minhas caras crianças, posso sugerir uma coisa? Vamos formar uma aliança.

Dan ficou desconfiado na mesma hora.

— Por que você ia querer formar uma aliança com crianças?

O velho homem deu uma risadinha.

— Vocês têm inteligência e juventude, e um jeito de ver as coisas. Eu, de outro lado, tenho recursos e idade. Posso não ser um dos Cahill mais famosos, mas até mudei um pouco o mundo do meu próprio jeito. Vocês sabem que minha fortuna vem de invenções, não é? Sabiam que fui eu que inventei o burrito para micro-ondas?

— Uau — Dan disse. — Impressionante.

— Não precisa me agradecer. A questão é que tenho recursos à minha disposição. E vocês sabem que não podem viajar pelo mundo sozinhos. Vão precisar de um acompanhante adulto.

Viajar pelo mundo?

Dan não tinha pensado naquilo. Ele não recebera permissão nem para ir a Nova York no trabalho de campo do quarto ano na primavera passada, porque tinha colocado Mentos na Coca Zero da professora de espanhol. A ideia de que aquela caça ao tesouro poderia levá-los a qualquer lugar do mundo o deixou um pouco zonzo.

— Mas... mas não podemos nos ajudar — Amy disse. — Cada equipe deve atuar sozinha.

Alistair espalmou as mãos.

— Não podemos ambos *vencer*. Mas esse desafio pode levar semanas, talvez meses. Até o fim, com certeza podemos colaborar um com o outro. Somos uma família afinal.

— Então nos dê uma ajuda — Dan decidiu. — Não tem nada aqui sobre Richard S___. Onde procuramos?

Alistair bateu no chão com a bengala.

— Grace era uma mulher de segredos. Mas ela adorava livros. Era louca por eles. E você tem razão, Amy. Parece estranho haver tão poucos livros aqui.

— Você acha que ela tinha mais livros? — Amy cobriu a boca com a mão. — Uma... uma biblioteca secreta?

Alistair deu de ombros.

— É uma casa grande. Podemos nos separar e procurar.

Mas então Dan notou uma coisa, um daqueles pequenos detalhes aleatórios que muitas vezes captavam sua atenção. Na parede, bem acima da

estante de livros, havia um brasão de gesso igual ao que havia acima da porta da frente da mansão, um "C" enfeitado com quatro insígnias menores ao redor — um dragão, um urso, um lobo e um par de cobras enroladas em volta de uma espada. Ele devia ter visto aquilo um milhão de vezes antes, mas nunca notara que os brasões menores tinham cada um uma letra gravada no meio — E, T, J, L.



— Me arranje uma escada — ele disse.

— O quê? — Alistair perguntou.

— Não precisa — Dan decidiu. Ele começou a escalar a estante, derrubando livros e cacarecos.

— Dan, desça daí! — Amy brigou com ele. — Você vai cair e quebrar o braço *de novo*!

Dan tinha alcançado o brasão e percebeu o que precisava fazer. As letras estavam manchadas, mais escuras que o resto da pedra, como se tivessem sido tocadas muitas vezes.

— Amy — ele gritou para baixo —, quais eram mesmo aqueles quatro clãs?

— Ekaterina — ela gritou. — Tomas, Lucian, Janus.

— Ekaterina. — Dan repetiu enquanto apertava o E. — Tomas, Lucian, Janus.

Quando ele apertou a última letra, a estante inteira se dobrou para fora. Dan precisou pular do alto dela para evitar ser esmagado num sanduíche de livros.

Onde antes estivera a estante havia agora uma escadaria escura.

— Uma passagem secreta — disse o tio Alistair. — Dan, estou impressionado.

— Pode ser perigoso! — Amy disse.

— Tem razão — concordou Dan. — Primeiro as damas.

CAPÍTULO 5

AMY PODIA PASSAR A VIDA INTEIRA NA BIBLIOTECA SECRETA. EM VEZ disso, quase morreu ali.

Ela foi à frente, descendo a escada, e ficou boquiaberta ao ver tantos livros. Era livro que não acabava mais. Ela antes achava que a biblioteca pública em Copley Square era a melhor do mundo, mas aquela era ainda melhor.

As estantes eram de madeira escura, e os livros eram encadernados em couro e muito antigos, com títulos dourados nas lombadas. Tapetes orientais cobriam o chão. Havia cadeiras confortáveis dispostas em vários pontos do cômodo, para que se pudesse sentar em qualquer lugar e começar a ler. Havia mapas e fólios imensos espalhados em grandes mesas. Encostados numa das paredes, viam-se uma fileira de arquivos de carvalho e um computador enorme com três monitores separados, parecendo os que se usam na NASA. Lustres de vidro pendiam do teto abobadado e forneciam bastante luz, embora o cômodo fosse obviamente subterrâneo. Eles tinham descido bastante para chegar lá, e não havia janelas.

— Este lugar é incrível! — Amy correu para dentro da biblioteca.

— Livros — disse Dan, sem entusiasmo. — Oba.

Ele foi olhar o computador, mas estava travado na tela inicial que pedia a senha. Dan mexeu numas gavetas dos arquivos, porém estavam todas trancadas.

Tio Alistair recolheu com cuidado um fólio vermelho da estante.

— Latim. A componha de César na Gália, copiada em velino. Parece ter sido copiado à mão por um escriba, por volta... Nossa! De 1500.

— Deve valer uma fortuna — Amy disse.

Dan de repente pareceu mais interessado.

— Que tal vendermos estes livros? Tipo, na internet?

— Oh, cale a boca, Dan. Estes livros não têm preço. — Ela passou os dedos pelas lombadas: Maquiavel, Melville, Milton. — Estão em ordem alfabética por sobrenome do autor. Encontrem a letra S!

Eles encontraram, mas foi uma decepção. Havia dez estantes abarrotadas de tudo desde a primeira edição das obras completas de Shakespeare até as *Todas as músicas de Bruce Springsteen,* mas nenhum autor cujo primeiro nome fosse Richard.

— Tem alguma coisa... — Amy murmurou. O nome

Richard S, associado à palavra *resolução*, parecia tentar lhe dizer alguma coisa. Eles combinavam, mas ela não sabia *como. Amy* ficava irritada quando não conseguia lembrar das coisas. Lia tantos livros que às vezes eles se misturavam em sua cabeça.

Então ela lançou um olhar mais à frente no corredor. No final da estante, embolado em cima de uma caixa sobre uma mesa pequena, estava um velho amigo.

— Saladin! — ela gritou.

O gato abriu seus olhos verdes e disse *Prrr?* Sem muita surpresa, como se estivesse perguntando: *Ah, é você? Trouxe meu salmão?*

Amy e Dan correram até ele. Saladin tinha o pelo mais bonito que Amy já tinha visto — prateado com manchas, como um leopardo-das-neves em miniatura. Quer dizer, não tão miniatura, na verdade, pois ele era enorme, com patas imensas e um longo rabo listrado.

— Saladin, o que você está fazendo aqui embaixo? — Amy acariciou as costas dele. O gato fechou os olhos e ronronou. Amy sabia que era só um gato, mas estava tão feliz em vê-lo que quase chorou. Era como se uma parte de Grace ainda estivesse viva.

— Ei, Saladin — disse Dan. — Que é essa caixa em que você está sentado em cima, bichano?

— *Prrr*— Saladin reclamou enquanto Dan o levantava. Embaixo do gato havia uma caixa de mogno polido com as iniciais douradas G. C. gravadas na tampa.

O coração de Amy parou por um instante.

— É a caixa de joias da Grace!

Amy abriu a caixa e lá estavam as joias de Grace, que Amy adorava desde que era pequena. Grace costumava deixá-la brincar com elas: uma pulseira de pérolas, um anel de diamante, um par de brincos de esmeralda. Só muito mais tarde é que Amy percebeu que aquelas coisas eram de verdade e valiam milhares de dólares.

Ela piscou com lágrimas nos olhos. Agora que havia encontrado Saladin e a caixa de joias, sentiu que de fato estava no lugar mais secreto de Grace. Ela sentia tanta saudade da avó que doía. Então tirou da caixa uma joia muito familiar...

— Puxa vida — disse Alistair. — Esse era o colar favorito dela, não é?

Ele tinha razão. Amy nunca tinha visto sua avó sem aquele colar: 12 quadrados esculpidos em jade, com um medalhão no centro mostrando um dragão verde. Grace dizia que aquele era seu talismã da sorte.

Amy tocou o dragão, no centro. Ela ficou se perguntando por que Grace não tinha sido enterrada com aquele colar. Não parecia correto.

— Ei! — Dan chamou. — Olhem isto!

Amy encontrou o irmão em outro corredor, segurando Saladin e olhando fixo para um mapa gigante preso na parede, coberto de alfinetes. Os alfinetes eram de cinco cores diferentes: vermelho, azul, amarelo, verde e branco. Todas as grandes cidades do mundo pareciam ter pelo menos um. Algumas áreas estavam marcadas só com alfinetes vermelhos, algumas com verde ou azul, outras com várias cores.

— Ela fez vodu no mundo! — Dan disse.

— Não, seu besta. Devem ser marcadores. Eles indicam onde alguma coisa está.

— Tipo o quê?

Amy balançou a cabeça. Ela achou aquele mapa meio sinistro.

— Talvez alguma coisa sobre os Cahill? — Ela olhou de relance para Alistair.

— Não sei, querida. — Ele franziu a testa. — Muito curioso.

Mas ele não queria olhar nos olhos dela, e Amy teve a sensação de que ele escondia alguma coisa.

— Veja a Europa — disse Dan. — E a costa leste dos Estados Unidos.

Essas áreas estavam cheias de alfinetes das cinco cores. Amy mal conseguia ver as cidades embaixo. Se aqueles alfinetes representavam os Cahill, então parecia que eles surgiram em algum lugar da Europa e se espalharam pelo mundo, colonizando intensamente a América do Norte.

Então ela pensou: Europa. África. América Central e *do Sul. América do Norte.* O nome Richard S_ estava outra vez tentando lhe dizer algo, tentando trazer alguma coisa à tona. Um nome do século XVIII, alguém que tinha escrito resoluções...

De repente, ela se virou e saiu correndo pela fileira de estantes.

— Ei! — Dan gritou, enquanto Saladin se retorcia para fora de seus braços. — Amy, para onde você está indo agora?

— Para a letra F! — ela gritou.

— Procurar o quê? *Fracasso?*

Ela chegou à letra F e logo encontrou o que queria: um livro minúsculo, tão surrado que estava se despedaçando. A capa, decorada com uma xilogravura vermelha e branca, mostrava alguns colonos. O título estava apagado, mas ela ainda conseguiu ler: *ALMANAQUE DO POBRE RICHARD,* Para o ano de 1739, por Richard Saunders.

— É claro! — disse o tio Alistair. — Muito bem, querida. Isso foi incrível!

Contra sua vontade, Amy sentiu seu rosto ficar vermelho de orgulho.

— Espere um minuto — disse Dan. — Se isto foi escrito por Richard Saunders, o que está fazendo na letra F?

— Richard Saunders era um pseudônimo — explicou o tio Alistair.

Dan juntou as sobrancelhas,

— Um pé falso?

Amy queria estrangulá-lo, mas Alistair respondeu pacientemente:

— Não, meu caro rapaz. Utn pé falso é um pseudó- podo. Um pseudônimo é um nome falso, um nom *de plume,* um disfarce para o autor. Este livro foi escrito por uma pessoa muito famosa.

— Benjamin Franklin — disse Amy. — Fiz um trabalho sobre ele no ano passado.

Ela abriu o livro. O texto era impresso em letras de forma sem muita pontuação, e por isso difícil de ler, mas havia tabelas, ilustrações, colunas de números.

— Esta é a coisa mais famosa que Franklin já publicou. O Pobre Richard era um Personagem que Franklin criou. Ele tinha diversos pseudônimos como esse. Quando escrevia, fingia que era outra pessoa.

— Então somos parentes de um cara com múltipla personalidade — disse Dan. — Que ótimo. Mas os almanaques não são esportivos?

— Não é esse tipo de almanaque — Amy respondeu. — Este tem informações para fazendeiros. É como um anuário com dicas e artigos úteis. Franklin pôs aqui todas as suas citações famosas, como "Quem dorme cedo, cedo acorda".

— Entendi.

— E "Pedra que rola não cria limo".

— Por que um fazendeiro ia se importar se uma pedra cria limo ou não?

Amy ficou tentada a bater nele com o livro. Quem sabe isso soltasse as pedras dentro da cabeça dele. Mas manteve a calma.

—Dan, a questão é que ele ficou muito famoso por isso. E ganhou rios de dinheiro.

— Está bem... — Dan pescou o papel com a primeira pista. Ele franziu a testa. — Então achamos Richard S . Como isso nos ajuda a encontrar o tesouro? E o *que significa* REF. DO SEGREDO: RESOLUÇÃO?

— *REF. DO SEGREDO* deve ser "referência do segredo". E quanto à "resolução", Franklin costumava escrever resoluções para si mesmo — disse Amy. — Eram promessas, regras que ele queria seguir para melhorar como pessoa.

— Tipo resoluções de Ano-Novo?

— Mais ou menos, mas ele as escrevia o ano inteiro. Não só no Ano-Novo.

— *Então isso fazia parte do* Almanaque do Pobre Richard?

Amy franziu as sobrancelhas.

— Não — ela disse, impaciente. — As resoluções dele eram de um livro diferente. Sua autobiografia, eu acho. Talvez a palavra *RESOLUÇÃO* tenha sido incluída na pista só para nos ajudar a pensar em Benjamin Franklin. Não tenho certeza...

Ela virou uma página do *Almanaque do Pobre Richard.* Havia notas rabiscadas nas margens com várias caligrafias diferentes. Amy perdeu o fôlego. Reconheceu uma linha escrita numa letra elegante em tinta roxa no pé de uma página. Ela tinha visto aquela mesma letra em cartas antigas, tesouros que Grace lhe mostrava de vez em quando. A anotação dizia apenas Sigam *Franklin, primeira pista. Labirinto dos Ossos.*

— Mamãe escreveu aqui! — ela gritou. — Ela sempre usava uma caneta roxa!

— O *quê?* — Dan disse. — Deixa eu ver!

— Posso? — perguntou Alistair.

Amy queria segurar o livro para sempre. Queria devorar cada palavra que sua mãe escrevera nele. Mas, com relutância, o entregou para Alistair.

— Mas me devolva rápido — ela insistiu.

— Não é justo! — disse Dan.

Alistair pôs os óculos e examinou algumas páginas.

— Interessante. Diversas gerações estiveram em posse deste livro. Estas anotações aqui são na letra de Grace. E aqui, a letra de meu pai, Gordon Oh. E aqui... James Cahill, o pai de Grace. Eles eram irmãos, sabe, embora a mãe de Gordon, minha avó, fosse coreana.

— Ótimo — disse Dan, impaciente. — Mas por que nossa mãe estava escrevendo sobre Ben Franklin?

Alistair arqueou as sobrancelhas.

— Obviamente, Benjamin Franklin era um Cahill. Isso não me surpreende. Afinai, ele também era inventor como eu. Imagino que a maioria

dos livros desta biblioteca foi escrita por membros da nossa família, estivessem eles cientes de sua verdadeira linhagem ou não.

Amy ficou atordoada. Todos aqueles autores famosos... eram Cahill? Era possível que, sempre que ela se sentara numa biblioteca, perdida em livros, na verdade estivera lendo as palavras de seus parentes? Ela não conseguia acreditar que os Cahill pudessem ser tão poderosos, mas o senhor Mclntyre lhes dissera que a família deles ajudara a formar a civilização. Pela primeira vez, ela se deu conta do que aquilo podia significar. Sentiu como se uma enorme cratera se abrisse aos seus pés.

Como a mãe dela sabia da primeira pista, anos antes de a busca começar? Por que ela tinha escolhido escrever neste livro? O que ela queria dizer com *Labirinto dos Ossos*? Eram muitas as perguntas.

Enquanto isso, Dan pulava de um lado para o outro, irritante como sempre.

— Eu sou parente do Benjamin Franklin? Você está de brincadeira!

— Por que você não vai empinar pipa numa tempestade pra ver se leva choque? — Amy sugeriu.

— Ora, vamos, crianças — disse o tio Alistair. — Temos muito trabalho pela frente *sem* ficar implicando uns com os outros. Vamos precisar ler todas estas anotações e...

— Espere. — Todo o corpo de Amy ficou tenso. Um cheiro acre se espalhou pelo ar, — Tem alguém fumando?

Tio Alistair e Dan olharam em volta, confusos.

Então Amy viu. Uma fumaça branca engrossando junto ao teto descia devagar numa névoa mortal.

— Fogo! — gritou Dan. — Corram para a escada!

Mas Amy congelou. Ela morria de medo de fogo. O fogo lhe trazia más lembranças. Lembranças horríveis do passado.

— Vamos! — Dan puxou a mão dela. — Saladin! Precisamos encontrá-lo!

Isso foi o que pôs Amy em ação. Ela não podia deixar nada acontecer com o gato.

— Não dá tempo! — insistiu tio Alistair. — Temos que sair daqui!

Os olhos de Amy ardiam com a fumaça. Ela mal conseguia respirar. Procurou Saladin, mas ele tinha sumido. Por fim, Dan a arrastou escada acima e com o ombro deu um empurrão na porta da estante secreta. A porta não se mexeu.

— Uma alavanca — Dan tossiu. — Tem que ter uma alavanca.

Dan geralmente era bom de entender coisas mecânicas, mas eles tatearam ao redor à procura de um interruptor ou de uma alavanca e não encontraram nada. A fumaça estava ficando mais densa. Amy empurrou a parede e gritou:

— A superfície está esquentando! O fogo está vindo do outro lado. Não *podemos* abrir!

— Precisamos abrir! — Dan insistiu, mas foi a vez de Amy puxá-lo para longe. Ela o arrastou de volta escada abaixo. A fumaça era tanta que eles mal conseguiam enxergar um ao outro.

— Abaixe o máximo que conseguir! — disse Amy. Ela e Dan rastejaram pela biblioteca, procurando desesperadamente outra saída. Ela não fazia ideia de onde o tio Alistair tinha se metido. As estantes de livros estavam pegando fogo. Papel velho e seco, o combustível perfeito.

Amy subiu *numa* mesa e encontrou a caixa de joias. *Não pegue objetos de valor*. Ela sabia que essa *era* uma das primeiras regras para quem quer sair vivo de um incêndio. Mas apanhou a caixa e continuou rastejando.

O calor estava ficando pior. O ar se enchia de cinzas. Era como respirar numa névoa de veneno. Amy não conseguia nem rastejar depressa porque estava usando aquele vestido fúnebre imbecil. Ela ouviu Dan tossindo e chiando atrás dela. A asma... Fazia meses que ele não tinha um ataque, mas aquela fumaça podia matá-lo se o calor não os matasse antes.

Pense, ela ordenou a si mesma. Se ela fosse Grace e construísse um aposento secreto nunca faria uma única saída.

Amy se agachou no chão, tossindo e engasgando. Tudo o que conseguia enxergar era o tapete oriental um desfile de dragões tecidos em seda.

Dragões... Como o que havia no colar de Grace. E todos voavam na mesma direção, *como se estivessem* indicando um caminho. Era uma ideia maluca, mas foi a única que ela teve. — Me siga! — Amy disse.

Dan respirava com tanta dificuldade que não conseguiu nem responder. Amy continuou rastejando olhando para trás de vez em quando para conferir se ele ainda estava atrás dela. Os dois seguiram os dragões por entre duas estantes em chamas até chegar a um beco sem saída, em frente a uma grade de ventilação com cerca de um metro quadrado. Não era muit° grande, mas talvez fosse suficiente. Amy chutou a grade com os pés. Só na terceira tentativa a grade caiu e revelou um túnel de pedra que conduzia para cima.

— Dan! — ela gritou. — Sobe!

Ela empurrou o irmão para dentro do túnel e percebeu assustada que ele estava segurando Saladin. De algum modo ele encontrara o gato, e o bichano não ficara contente com isso. Saladin dava patadas, unhadas e rosnava, mas Dan o prendia com força. Amy foi atrás, seguindo-o, mal conseguindo respirar no túnel enfumaçado. Seus olhos ardiam como se tivessem sido alvejados por jatos de areia. Eles subiram pelo túnel escuro e, depois de um tempo que pareceu infinito, Dan parou de avançar.

— O que você está fazendo? — Amy perguntou. O calor não estava tão ruim agora, mas a fumaça ainda engrossava ao redor deles.

— Está bloqueado! — Dan disse chiando.

— Empurre!

Na escuridão total, ela rastejou para perto dele e juntos empurraram uma placa de pedra lisa que estava bloqueando o caminho. Aquilo precisava abrir. *Precisava.*

E finalmente abriu, pulando feito uma tampa. A luz do dia ofuscou os olhos deles. Eles rastejaram para fora, saindo ao ar livre, e desabaram na grama. Saladin se libertou com um *Prrrrr!* indignado e disparou na direção das árvores. Os dois estavam deitados no cemitério, a menos de 15 metros do túmulo recém-fechado de Grace. A placa de pedra que eles tinham empurrado para o lado era a lápide de alguém.

— Dan, você está bem?

O rosto de Dan tinha listras de fuligem. Subia fumaça de seus cabelos e suas roupas estavam ainda mais pretas do que eram antes. Ele estava respirando pesado. Seus braços sangravam por causa dos arranhões de Saladin.

— Acho... — ele chiou. — Não quero... mais... colecionar... túmulos... depois disso.

A fumaça era cuspida de dentro do túnel como se fosse uma chaminé, mas isso não era nada comparado com o que Amy viu quando olhou para cima da colina. Ela sentiu um aperto na garganta.

— Oh, não.

A mansão da família era um inferno em chamas. Labaredas dançavam nas janelas e lambiam as laterais da casa. Amy viu uma torre de pedra desmoronar. As belas janelas de mosaico de vidro estavam derretendo. *O* brasão da família *acima da entrada principal* — aquele velho brasão de pedra que Amy sempre adorara — despencou e se estilhaçou no cimento.

— Amy... — a voz de Dan parecia prestes a se esfacelar. — A casa... não podemos deixar... precisamos...

Mas ele não concluiu a frase. Não havia nada que eles pudessem fazer. Uma parte do telhado desabou, cuspindo uma bola de fogo no céu. O desespero tirou o ar dos pulmões de Amy, como se a casa estivesse desmoronando em cima dela. Ela estendeu os braços para Dan e o abraçou. Ele nem reclamou. O nariz dele estava escorrendo. Seu lábio inferior tremia. Ela queria tranquilizá-lo, dizer que ficaria tudo bem, mas ela própria não acreditava naquilo.

Então elo notou algo que a despertou do transe. Na estradinha de terra jazia uma pessoa caída, um homem de terno cinza-carvão.

— Senhor Mclntyre! — Amy gritou.

Ela estava prestes a correr para ajudá-lo quando seu irmão exclamou:

— Abaixe!

Dan não era tão forte quanto ela, mas devia estar desesperado, pois a derrubou com tanta força que ela quase comeu grama. Ele apontou para a estrada que cortava as colinas — a única saída da propriedade.

A uns 500 metros de distância, meio escondido entre as árvores, havia um homem de preto em pé, imóvel. Amy não soube como Dan conseguiu avistá-lo de tão longe. Ela não conseguia enxergar o rosto, mas o homem era alto e magro, com cabelos grisalhos, e estava segurando um binóculo. Com um calafrio, Amy percebeu que o homem estava olhando para *eles*.

— Quem... — Amy começou a falar, mas foi interrompida pelo som de um alarme de carro sendo desativado.

Alistair Oh, coberto de fuligem e fumaça, surgiu correndo da entrada principal da mansão e, cambaleante, foi em direção a sua BMW, carregando alguma coisa junto ao peito. Seu aspecto era horrível. Suas calças estavam rasgadas e seu rosto, branco de cinzas. Amy não fazia ideia de como ele conseguira fugir. Ela quase gritou para chamá-lo, mas alguma coisa a deteve. Alistair passou mancando por William Mclntyre, olhou-o apenas de relance, pulou para dentro do carro e saiu em disparada pela estradinha.

Amy olhou para trás, na direção do bosque, porém o homem de binóculo tinha sumido.

— Fique aqui — ela disse a Dan.

Ela correu na direção do senhor Mclntyre. Dan, é claro, não obedecia a ordens. Ele foi atrás, tossindo o caminho todo. Quando chegaram ao ponto em que estava o senhor Mclntyre, a mansão inteira estava desabando. O calor era como um novo sol. Amy sabia que nada restaria do incêndio, nada além da caixa de joias que ela ainda estava segurando.

Ela pôs a caixa no chão e desvirou o senhor Mclntyre. Ele gemeu, o que pelo menos significava que estava vivo. Amy desejou ter um celular, mas a tia Beatrice nunca permitira. Ela fuçou nos bolsos do senhor Mclntyre, achou o telefone dele e ligou para o 911.

— Ele levou — disse Dan ainda chiando.

— O quê? — Amy não estava prestando atenção. Ela caiu de joelhos e ficou olhando o único lugar com o qual se importara ser consumido em chamas. Ela se lembrou de Grace contando histórias na biblioteca. Lembrou de ter corrido pelos corredores, brincando de pega-pega com Dan quando eles eram pequenos. Pensou no canto secreto do quarto, onde ela gostava de ler com Saladin no colo. Tudo destruído. Todo o corpo dela tremeu. Lágrimas brotaram em seus olhos. Pela segunda vez na vida, o fogo roubara uma coisa dela.

— Amy. — Dan parecia prestes a chorar, mas pôs a mão no ombro dela. — Preste atenção. Ele levou. Alistair.

Amy queria mandar Dan ficar quieto e deixar que ela se lamentasse em paz, mas então percebeu do que ele estava falando. Ela ficou de pé com esforço e olhou ao longe, onde as lanternas traseiras da BMW desapareciam atrás de uma colina.

Alistair Oh os enganara. Roubara o *Almanaque do Pobre Richard,* com as anotações da mãe deles — sua única dica na busca.

CAPÍTULO 6

DAN SEMPRE QUISERA ANDAR NUM CARRO DE POLÍCIA, MAS NÃO daquele jeito.

Seu peito ainda doía por causa da fumaça. Ele estava sentado no banco de trás da viatura com Saladin no colo e tentava acalmar o chiado em seu peito, porém cada vez que respirava parecia que estava inalando areia.

— Se você tivesse trazido sua bombinha... — Amy o repreendeu. Mas ele odiava a bombinha. Sentia-se um Darth Cahill ou algo assim. Além disso, fazia um tempão que não tinha um ataque de asma e ele não sabia que iam ficar presos num maldito incêndio.

Dan não conseguia acreditar que a mansão da família tinha sido destruída. Naquele mesmo dia, de manhã, tinha acordado convencido de que Amy e ele herdariam a mansão. Agora não restava nada, só uma montanha fumegante de entulho.

Os detetives da polícia não deram muitas respostas. Parecia um incêndio premeditado, disseram. O fogo se espalhou com muita rapidez para ser um acidente. Eles disseram que William McIntyre ficaria bem. Incrivelmente, ninguém mais tinha se ferido. Dan contara e Amy retorcia seus cabelos num nó.

— Precisamos de alguém que nos deixe fazer o que quisermos sem fazer muitas perguntas. Alguém adulto o bastante para parecer que está tomando

conta de nós, mas não tão rigoroso que vá se tornar um obstáculo. Alguém que seja flexível.

— "Flexível" significa que podemos mentir para ele?

— *Prrr* — disse Saladin, como se achasse uma boa idéia, contanto que ele ganhasse peixe fresco.

O carro de polícia virou na rua Melrose e parou em frente ao velho e surrado prédio marrom onde eles moravam.

— É este o endereço? — perguntou a policial. Ela parecia entediada e irritada.

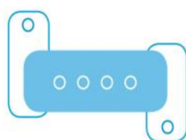
— É — respondeu Amy. — Quer dizer, sim senhora.

— Tem certeza de que tem alguém em casa? A pessoa que toma conta de vocês?

— Nellie Gomez — disse Dan. — Ela é nossa *au* p...

Seus olhos se arregalaram. Ele olhou para Amy e soube que ela estava pensando a mesma coisa. Era tão óbvio que até um Holt teria percebido.

— Nellie! — eles disseram juntos. Os dois saíram da viatura carregando o gato e a caixa de joias e subiram a escada correndo.



Nellie estava bem onde Dan imaginou que ela fosse estar: jogada no sofá com os fones de ouvido, sacudindo a cabeça com a música bizarra que ouvia enquanto digitava mensagens de texto no celular. Havia uma pilha de livros de culinária ao seu lado no sofá. O do topo da pilha *era A exótica cozinha mandarim.* Dan soltou Sa- ladin para que o gato explorasse o apartamento. Então notou o pote vazio de sorvete, sabor cereja e chocolate — o sorvete *dele* —, jogado na mesinha de centro.

— Ei! — protestou Dan. — Isso era meu!

É claro que Nellie não escutou. Continuou sacudindo a cabeça e digitando no celular até Amy e Dan se portarem bem na frente dela.

Nellie franziu a testa, como se estivesse sendo incomodada porque teria que trabalhar de verdade. Ela tirou um dos fones de ouvido.

— Já voltaram? Opa, mas o que aconteceu? Vocês estão sujões.

— Precisamos conversar — Amy disse.

Nellie piscou, o que era bem legal de se ver, pois seus olhos estavam maquiados com sombra azul e glitter. Ela tinha um piercing novo no nariz, no formato de uma cobra prateada. Dan ficou se perguntando por que ela gostava de ter uma cobra enrolada dentro da narina.

— Precisamos conversar sobre o quê, garota? — ela perguntou.

Amy teve vontade de acertar Nellie com a caixa de joias. Dan sabia que ela odiava quando Nellie a chamava de garota, mas respondeu numa voz educada:

— Nós... nós temos uma proposta para você. Um novo esquema de *au pair*. Pode dar bastante dinheiro.

Nellie tirou o outro fone de ouvido. Agora eles tinham prendido a atenção dela. Três palavras que sempre funcionavam com Nellie: homens, comida e dinheiro.

Ela ficou de pé. Vestia sua camiseta rasgada da bandeira da Inglaterra, jeans desbotados e sapatos plásticos cor-de-rosa. Seu cabelo parecia um monte de palha molhada — metade preto, metade loiro.

Nelly cruzou os braços e olhou para Amy.

— Ok. Que tipo de esquema?

Dan temeu que Amy fosse congelar, mas ela parecia estar controlando muito bem os nervos. Nellie não era tão intimidadora quanto algumas das *au pairs* que eles tiveram.

— Há... é uma viagem — disse Amy. — Você seria nossa acompanhante.

Nellie franziu a testa.

— Por que não é sua tia que está me pedindo isso?

— Ah, ela quebrou o pescoço — respondeu Dan num impulso.

Amy fez para ele uma cara de *Cala a boca!*

— Quebrou o pescoço? — Nellie perguntou.

—Nao é grave — disse Dan. — Foi só uma quebradinha. Mas ela... hã, vai ficar no hospital por um tempo. Por isso ela achou melhor nós fazermos uma viagem. Nós falamos com nosso tio Alistair. Ele disse que precisamos de um adulto para ir com a gente.

Essa última parte, pelo menos, era verdade. Dan não sabia direito no que isso ia dar, mas continuou falando. Imaginou que se apenas conseguisse manter Nellie confusa, ela não poderia chamá-lo de mentiroso.

— É essa coisa que nossa família faz — ele disse. — Tipo uma caça ao tesouro. Nós visitamos vários lugares e nos divertimos.

— Lugares tipo quais? — Nellie perguntou.

— Ah, tipo vários. — Dan pensou no mapa na biblioteca secreta de Grace, em todos aqueles alfinetes. — Isso faz parte da brincadeira. Não sabemos todos os lugares no começo. É possível que viajemos pelo mundo inteiro.

Nellie ergueu as sobrancelhas.

— Quer dizer, tipo, de graça?

Amy confirmou com a cabeça, adotando o mesmo método de Dan.

— É, e pode levar meses! Viajar para lugares exóticos cheios de... hã... comida e homens. Mas você não precisa ficar com a gente o tempo todo... só para as coisas de adulto, como comprar passagens de avião e se hospedar em hotéis e coisas assim. Você teria muito tempo livre.

Sim, por favor, pensou Dan. Nellie era legal, mas a última coisa que ele queria era que ela os seguisse muito de perto.

— Quanto vocês vão me pagar? — Nellie disse num tom de suspeita.

Amy abriu a caixa de joias e virou tudo na mesa. A pulseira de pérolas, o anel de diamante e os brincos de esmeralda brilharam.

O queixo de Nellie caiu.

— Oh... meu... Deus. Vocês roubaram isso?

— Não! — disse Amy. — Era da nossa avó! Ela queria que nós fizéssemos essa viagem. Disse isso no testamento dela.

Dan ficou impressionado. Aquilo também não era exatamente uma mentira.

Nellie olhou as joias. Então pegou o celular e discou.

Dan ficou tenso. Teve visões do Serviço Social — o que quer que isso fosse — arrombando a porta, talvez homens com aventais brancos e redes, levando-os para um lar adotivo.

— Alô? — Nellie disse ao telefone. — Pois é, pai, olha só, peguei um serviço novo para a família Cahill.

Pausa.

— É, vão pagar muito bem. Por isso não posso fazer o jantar hoje como prometi. — Nellie pegou o anel de diamante, mas Amy o arrancou da mão dela. — Quanto tempo? Hmmm... nós vamos viajar. Umas semanas. Talvez... meses?

Ela afastou o telefone do ouvido. Do outro lado da linha, seu pai gritava sem parar em espanhol.

— Pai! — disse Nellie. — *No, claro.* Mas o semestre só começa daqui a um mês, e são só uns cursos meio pentelhos. Eu poderia compensar na primavera e...

Outro jorro de espanhol furioso.

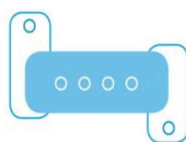
— Ué, se você deixasse eu estudar culinária em vez de fazer essa faculdade imbecil...

Os berros do pai dela ficaram um pouco mais altos que uma explosão nuclear.

— *Que, papá?* — Nellie gritou. — *Lo siento,* a ligação está cortada. Eu ligo quando o sinal estiver melhor. Te amo!

Ela desligou.

— Ele deixou. Estou dentro, crianças.



Seguindo as ordens de Amy, Dan deveria levar uma única mala. E era para ser uma mala de roupas, mas Dan não estava interessado em roupas. Ele passou os olhos pelo quarto inteiro, tentando decidir o que levar de suas coleções.

Seu quarto já estava pequeno demais para as suas coisas. Encostados na parede estavam seus decalques de túmulos. Ele teria que os enrolar ou dobrar para guardar na mala, e isso os estragaria. O armário estava abarrotado de cestos de plástico com sua coleção de cards e seus fichários de moedas — tantos que ele nunca conseguiria escolher. Embaixo da cama havia caixas

cheias de velhas armas da Guerra Civil Americana, seus gessos, suas fotos autografadas de celebridades e uma tonelada de outras coisas.

Ele pegou o laptop que comprara do professor de informática na escola por 300 dólares. Ele *precisava* levar aquilo, pois usava o computador para descobrir coisas e ganhar dinheiro. Dan sabia o valor exato de cada card na internet. Aprendera a vender seus cards repetidos na escola e na loja de cards do bairro por um pouco mais do que havia pago. Não era muito, mas com sorte conseguia ganhar uns 100 dólares por mês. E ele *tinha* sorte. Infelizmente, gastava o dinheiro em coisas raras tão depressa quanto o ganhava.

Enfiou o computador em sua sacola preta e nela jogou três camisetas extras, calças, cuecas, uma escova de dentes, sua bombinha e, por último, seu passaporte.

Seus pais tinham tirado passaportes para eles um pouco antes de morrerem, quando Dan tinha 4 anos. Dan não se lembrava por quê. Eles nunca tinham usado. Grace insistira em renová-los no ano passado, o que na época pareceu meio idiota. Agora ele se perguntava...

Ele enfiou o passaporte no fundo da sacola. Não sobrava lugar para quase nada.

Não ia caber nem um décimo de suas coisas.

Dan pôs a mão embaixo do colchão e tirou seu álbum de fotos. Era um grande fichário branco contendo sua coleção mais importante: as fotos de seus pais.

Por enquanto, havia apenas uma. Estava queimada nas bordas: a única foto que tinha sobrevivido ao incêndio. Sua mãe e seu pai estavam de pé no topo de uma montanha, abraçados, sorrindo para a camera. Ambos vestiam parcas impermeáveis, calças térmicas e coletes de alpinismo. Em vez de capacetes, usavam bonés de beisebol, por isso seus olhos ficavam escondidos em sombras. Seu pai, Arthur, era alto e bronzeado com cabelo grisalho e um belo sorriso. Dan se perguntava se ficaria parecido com ele quando fosse mais velho. Sua mãe, Hope, tinha cabelo castanho-avermelhado como o de Amy. Era um pouco mais nova que o pai, e Dan a achava muito bonita. Seu boné era dos Orioles. O do pai era do Red Sox. Dan imaginou se eram os times

para os quais eles torciam, e se alguma vez eles brigaram sobre qual era melhor. Ele não sabia. Não sabia nem se eles tinham olhos verdes como ele, pois os bonés escondiam seus rostos.

Dan queria arrumar outras fotos deles. Queria saber para onde mais tinham viajado e que roupas vestiam. Queria ver uma foto onde e/e próprio aparecesse. Mas não havia nada para colecionar. Tudo o que estava na antiga casa tinha sido queimado, e Grace sempre insistira que não havia fotos deles, embora Dan nunca tivesse entendido por quê.

Ele olhou para a foto e sentiu o estômago remexer. Pensou no incêndio na mansão de Grace, no homem de preto, no senhor Mclntyre caído no cimento, no tio Alistair indo embora de carro feito um louco e na letra da mãe dele naquele livro de Benjamin Franklin.

O que um livro podia ter de tão importante? Dan sabia o valor de vários objetos colecionáveis, mas nunca ouvira falar de nenhum pelo qual valesse a pena incendiar uma casa.

Grace devia saber o que estava fazendo, armando essa competição. Ela não teria decepcionado ele e Amy. Dan disse isso a si mesmo várias vezes, tentando acreditar.

Alguém bateu na porta. Ele tirou do álbum o envelope plástico com a foto e enfiou na sacola. Fechou o zíper assim que a porta se abriu.

— Ei, idiota! — Amy disse, mas não parecia estar fazendo por mal. — Está terminando?

— Estou. Já terminei.

Ela tinha tomado banho e trocado de roupa. Tinha voltado a vestir os jeans e a camiseta verde de sempre. Amy franziu a testa quando viu a sacola cheia dele, então olhou para todos os cestos dentro do armário. Dan imaginou que ela perceberia que ele não tinha nem mexido nos cestos.

— Você podia... hã... levar uma mochila também — ela ofereceu. — Se isso for ajudar.

Vindo de Amy, aquilo era uma coisa realmente muito gentil. Mas Dan ficou olhando para o armário. De algum modo ele sabia que nunca mais voltaria àquele apartamento.

— Amy, quanto dinheiro você acha que vamos ganhar pelas jóias?

Ela pôs a mão no pescoço, e Dan percebeu que ela estava usando o colar de jade de Grace.

— Hmmm.... não sei.

Dan entendeu por que ela estava com aquela cara de culpada. Ele não era expert em preços de joias, mas imaginou que aquele colar fosse uma das coisas mais valiosas da caixa. Se ela ficasse com ele, receberiam muito menos.

— Eles vão nos pagar uma merreca — ele avisou. — Não temos tempo pra vender do jeito certo. E afinal, somos apenas crianças. Vamos ter que levar as joias pra alguém que possa nos dar dinheiro vivo sem fazer muitas perguntas. Provavelmente só vamos ganhar uns 2 ou 3 mil... nada comparado com o que isso realmente vale.

— Vamos precisar de transporte para três pessoas — Amy disse, incerta. — E hotéis. E comida.

Dan respirou fundo.

— Vou vender meus cards e minhas moedas. Tem uma loja lá na praça...

— Dan! Você passou anos colecionando essas coisas!

— Isso vai duplicar nosso dinheiro. A loja vai se aproveitar de mim, mas posso conseguir fácil uns 3 mil por tudo isto.

Amy olhou para o irmão como se ele tivesse acabado de sair de uma nave espacial.

— Dan, acho que a fumaça mexeu com o seu cérebro. Você tem *certeza?*

Por algum motivo estranho, ele tinha. Queria seguir essa caça ao tesouro mais do que queria sua coleção. Queria se vingar de quem quer que tivesse incendiado a casa de Grace. Queria descobrir o segredo das 39 pistas. Acima de tudo, queria finalmente usar aquele maldito passaporte e deixar seus pais orgulhosos. Quem sabe ao longo do caminho não encontraria fotos novas para o álbum?

— Tenho certeza — ele disse.

Amy fez uma coisa completamente repulsiva. Deu um abraço nele.

— Que nojo! — Dan reclamou.

Ele a empurrou para longe. Amy estava sorrindo, mas tinha lágrimas nos olhos.

— Talvez você não seja tão idiota — ela disse.

— Pois é, então tá, para de chorar e vamos sair... Peraí, aonde nós vamos?

— Hoje vamos dormir num hotel no centro — ela disse. — E amanhã... tive uma ideia sobre Benjamin Franklin.

— Mas você não está mais com o livro.

— Não precisei do livro para isso. A anotação de mamãe dizia "*Sigam Franklin*". Ben Franklin começou como impressor aqui em Boston, quando era adolescente e trabalhava para o irmão.

— Então vamos procurar na cidade inteira?

Amy negou com a cabeça.

— Isso é o que os outros devem estar fazendo. Mas nós vamos seguir para o lugar aonde ele foi depois, tipo seguir a vida dele. Benjamin Franklin não ficou em Boston. Quando tinha 17 anos, fugiu da oficina do irmão e abriu seu próprio negócio de impressão em outra cidade.

— Então nós vamos fugir também! Vamos seguir Franklin!

— Exatamente — disse Amy. — Só espero que mais ninguém tenha pensado nisso. Precisamos reservar três passagens de trem para a Filadélfia.

— Filadélfia — repetiu Dan. As únicas coisas que ele sabia que tinha na Filadélfia eram o Sino da Liberdade e os Phillies, o time de beisebol. — Então quando a gente chegar lá, o que vamos procurar?

Amy tocou o colar de jade, como se o objeto pudesse protegê-la.

— Acho que vamos procurar um segredo que pode nos levar à morte.

CAPÍTULO 7

A POUCO MAIS DE UM QUILÔMETRO DE DISTÂNCIA, EM COPLEY SQUARE, Irina Spasky — codinome Equipe 5 — estava preocupada com seu veneno. Ela abastecera seus injetores de unha com a mistura de sempre, porém temia que não fosse o bastante para o encontro.

Na época da Guerra Fria, ela e seus colegas da KGB usavam guarda-chuvas injetores de veneno ou passavam spray tóxico em assentos de privada. Aqueles eram bons e velhos tempos! Agora Irina trabalhava sozinha, por isso precisava simplificar as coisas. As agulhas se estendiam quando ela dobrava as pontas dos dedos. Eram quase invisíveis e causavam apenas uma leve espetadinha. O veneno deixava as vítimas muito doentes, talvez paralisadas, durante vários dias — o bastante para dar a Irina uma boa vantagem inicial na busca. E o melhor de tudo, ele era totalmente impossível de ser rastreado e não havia antídoto.

Infelizmente, o veneno agia devagar. As vítimas talvez só mostrassem os sintomas após oito horas ou mais depois de injetado. Se ela precisasse incapacitar depressa os inimigos, teria que usar outros meios.

Era melhor não subestimar Ian e Natalie Kabra. Quando eles tinham 10 e 7 anos, talvez Irina pudesse ter vencido os dois. Agora eles tinham 14 e 11... e a história era muito diferente.

Ela se pôs a andar à toa pela praça Copley, esperando avistá-los. Eles concordaram em usar a tática padrão antimonitoramento, combinando apenas uma área e um horário aproximados para o encontro. As nuvens de

tempestade haviam se dissipado. Era uma bela tarde de verão, coisa que Irina odiava. Aquele sol todo, flores e crianças brincando... *bah*. Ela preferia um inverno cinzento em São Petersburgo, um clima muito melhor para espionagem.

Ela comprou um café num quiosque, então avistou Ian e Natalie do outro lado da praça, andando em frente à igreja Trinity. Os olhos dos irmãos encontraram os dela por um instante, e os dois continuaram andando.

Agora era a vez de Irina. Ela os seguiu à distancia, a fim de verificar se havia algum "rabo" atrás deles — algum vigia, espião ou algum ângulo possível para fotógrafos. Após 15 minutos, não viu nada. Esperou que eles se virassem e a vissem.

Assim que eles fizeram isso, Irina virou de costas e saiu andando. O jogo se inverteu. Ela os conduziu, atravessando a praça, em direção á biblioteca, pois sabia que eles estariam procurando "rabos". Se vissem alguma coisa, Ian e Natalie desapareceriam. O encontro seria abortado.

Depois de 15 minutos, Irina mudou de direção e notou os Kabra do outro lado da rua Boylston, ainda na sua cola. Isso queria dizer que a barra estava limpa. Não tinha ninguém vigiando. As crianças viraram rumo ao hotel Copley Plaza, e Irina foi atrás.

Eles se encontraram no saguão cheio de gente, onde nenhuma das partes podia emboscar a outra.

Natalie e Ian pareciam relaxados demais, sentados um em frente ao outro em sofás gorduchos. Os pirralhos não estavam mais trajando luto — Ian vestia uma camisa polo azul-celeste, calças bege e mocassins com franjas; Natalie usava um vestido branco de linho que realçava sua pele cor de café. Seus olhos brilhavam feito âmbar. Os dois eram tão adoráveis que faziam as pessoas virarem a cabeça para olhar, o que não era uma coisa boa para um encontro secreto.

— Vocês chamam muita atenção — Irina deu bronca. — Deviam ser mais feios.

— É por isso que você está viva até hoje, cara prima? — Natalie riu.

Irina queria arranhar aquela fedelha com suas unhas envenenadas, porém manteve a calma.

— Pode me insultar o quanto quiser. Assim não vamos chegar a lugar algum.

— É verdade — disse Ian. — Temos um problema em comum. Por favor, sente-se.

Irina pensou por um instante. Ela teria que sentar ao lado de Ian ou de Natalie, e nenhum dos dois era seguro. Ela escolheu a menina. Talvez fosse mais fácil dominá-la caso precisasse chegar a esse ponto. Natalie deu um sorriso e abriu espaço para ela no sofá.

— Você pensou na nossa proposta? — Ian perguntou.

Irina não conseguia pensar em mais nada desde que havia recebido a mensagem de texto, duas horas antes do encontro, no celular, criptografada num código algorítmico usado apenas entre os Lucian.

Ela fez que sim com a cabeça.

— Vocês chegaram à mesma conclusão que eu. A segunda pista não está em Boston.

— Exatamente — disse Ian. — Mandamos nossos pais alugarem um jato particular para nós. Vamos partir em menos de uma hora.

Alugar um jato particular, pensou Irina com rancor. Ela conhecia os pais de Ian e Natalie dos velhos tempos. Eram colecionadores de arte renomados mundialmente. No passado tinham sido pessoas perigosas, pessoas importantes dentro do clã Lucian. Agora estavam aposentados em Londres e a única coisa que faziam era mimar os filhos. Deixavam Ian e Natalie viajar pelo mundo, assinando cheques em branco para os dois sempre que pediam.

O que esses pirralhos queriam com as 39 pistas? Para eles era só mais uma aventura. Irina tinha seus próprios motivos para ir atrás do tesouro, motivos muito mais pessoais. Os Kabra eram ricos demais, espertos demais, orgulhosos demais. Algum dia, ela mudaria essa história.

— Então, para onde vocês vão agora?

Ian se inclinou para a frente e entrelaçou os dedos. Sua cara não era de quem tinha 14 anos. Quando sorria, parecia malvado o bastante para ser adulto.

— Você sabe que é a respeito de Benjamin Franklin.

— Sim.

— Então você sabe aonde estamos indo, e sabe o que estamos procurando.

— Você também sabe — ronronou Natalie — que nâo podemos permitir que o segredo caia nas mãos de mais ninguém. Somos Lucian, e por isso devíamos agir juntos. Você devia preparar a armadilha.

O olho de Irina se contraiu em um espasmo, como sempre acontecia quando ela estava nervosa. Ela odiava aquilo, mas não conseguia evitar.

— Vocês mesmos poderiam preparar a armadilha.

Natalie negou com a cabeça.

— Eles iam suspeitar de nos. Você, por outro lado, pode atraí-los para a morte.

Irina hesitou, tentando ver uma falha no plano.

— O que eu ganho com isso?

— Eles são nossa maior ameaça — lembrou Ian. — Talvez ainda não se deem conta disso, mas com o tempo vão perceber. Precisamos eliminá-los depressa. Isso vai favorecer todos nós. Além disso, você vai ter a base dos Lucian à sua disposição. Depois teremos tempo para enfrentar uns aos outros. Agora, precisamos destruir a concorrência.

— E os Madrigal? — Irina perguntou.

Ela achou que viu uma onda de nervosismo cruzar o rosto de Ian, mas passou depressa.

— Um inimigo por vez, prima.

Irina odiava admitir, mas o menino tinha razão. Ela examinou suas unhas, casualmente conferindo se todas as agulhas de veneno estavam posicionadas para agir se necessário.

— Vocês não acham estranho — ela perguntou devagar — que o banco de dados dos Lucian tenha tão pouca coisa sobre Franklin?

Ela sabia muito bem que eles já deviam ter entrado no sistema interno dos Lucian, assim como ela fizera.

Uma irritação tremulou nos olhos de Ian.

— É verdade, devia ter mais informações. Pelo jeito, Franklin escondia alguma coisa... até dos próprios parentes.

Natalie lançou um sorriso frio para o irmão.

— Um Lucian que não confia nos parentes... imagina só.

Ian dispensou o comentário dela com um gesto.

— Reclamar disso não vai mudar nada. Precisamos lidar com Amy e Dan. Prima Irina, posso considerar que temos um acordo?

As portas do hotel se abriram. Um homem musculoso de terno marrom entrou a passos largos e caminhou até o balcão da recepção. Ele parecia deslocado ali, talvez um segurança ou um policial à paisana. Talvez não tivesse nada a ver com eles, mas Irina não tinha certeza. Eles haviam ficado ali sentados tempo demais. Seria perigoso prolongar aquele encontro.

— Muito bem — disse Irina. — Vou preparar a armadilha.

Natalie e Ian levantaram.

Irina se sentiu aliviada e talvez lisonjeada também. Os Kabra precisavam da ajuda dela. Afinal, ela era muito mais velha e mais sábia.

— Fico contente por termos chegado a um acordo — ela disse, sentindo-se generosa. — Eu não queria machucar vocês.

— Oh, nós também ficamos contentes. Natalie, acho que agora é um momento seguro.

Irina franziu a testa, sem entender. Então olhou para Natalie — aquela linda garotinha que parecia tão inofensiva em seu vestido branco — e percebeu que a diabinha tinha na mão uma minúscula pistola prateada de dardos, a menos de cinco centímetros do peito de Irina. O coração de Irina parou por um instante. Ela própria já usara pistolas daquele tipo. Os dardos podiam conter venenos muito piores que os que ela ousava carregar nas unhas.

Natalie deu um sorriso meigo, mantendo a pistola apontada e pronta.

— Foi bom ver você, Irina.

— Foi mesmo — disse Ian num tom superior. — Eu queria apertar sua mão, prima, mas odiaria estragar sua manicure especial. Avise quando Amy e Dan forem eliminados, está bem?

CAPÍTULO 8

AMY SOUBE QUE HAVIA ALGO ERRADO ASSIM QUE NELLIE SAIU DA locadora de carros. Ela estava franzindo a testa e segurando um grosso envelope marrom almofadado.

— O que é isso? — perguntou Amy.

— É pra vocês. — Nellie estendeu o envelope. — Alguém deixou isso no balcão hoje de manha.

— Isso é impossível! Ninguém sabia que íamos estar aqui — disse Amy.

Porém, assim que disse isso, ela sentiu um calafrio na espinha. Eles tinham reservado as passagens de trem e o aluguel do carro pela internet na noite anterior quando estavam no hotel, usando o nome de Nellie. Seria possível que alguém os tivesse rastreado tão depressa?

— O que diz o envelope? — perguntou Dan.

— "Para A. & D. Cahill" — Nellie leu. — "De W. Mclntyre."

— O senhor Mclntyre! — Dan agarrou o envelope.

— Espere! — Amy gritou. — Isso pode ser uma armadilha.

Dan revirou os olhos.Vamos, quem mandou foi o...

— Qualquer pessoa pode ter mandado — insistiu Amy. — Isso pode explodir ou sei lá.

— Opa, peraí — disse Nellie. — Por que alguém mandaria uma bomba pra duas crianças? E quem é esse tal Mclntyre?

— Já sei, vamos deixar Nellie abrir — decidiu Dan com um sorriso.

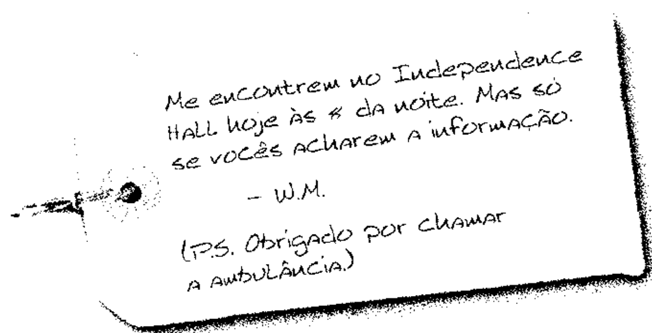
— Hmmm, não! — disse Nellie.

— Você é a nossa *au pair*! Não é sua função desarmar explosivos pra gente e coisas assim?

— Eu vou dirigir pra vocês, moleque. Já está bom demais!

Amy deu um suspiro e pegou o envelope. Ela andou até o estacionamento, virou a aba para longe de Nellie e Dan e a descolou com muito cuidado.

Nada aconteceu. Dentro havia um cilindro de metal que parecia uma lanterna, com a diferença de que a lâmpada era uma faixa de vidro roxo. Amarrado ao objeto havia um bilhete em letras toscas, como se quem escreveu estivesse com pressa:



— Achar que informação? — Dan perguntou, lendo por cima do ombro dela.

— A próxima pista, acho.

— Que pista? — Nellie perguntou.

— Nada — Dan e Amy responderam juntos.

Nellie afastou dos olhos uma mecha de cabelo preto e loiro.

— Tanto faz. Não saiam daqui. Vou buscar o carro.

Ela os deixou esperando com as malas e Saladin em sua nova gaiolinha de transporte. Saladin não ficara muito contente com a gaiola — assim como Nellie não ficara contente com o salmão fresco que eles tiveram que comprar para agradá-lo —, mas Amy não tivera coragem de deixá-lo para trás.

— *Prrr?* — Saladin perguntou.

Amy se agachou e acariciou a cabeça de Saladin através das barras.

— Dan, talvez seja melhor não irmos a esse encontro. O senhor McIntyre

nos disse para não confiarmos em ninguém.

— Mas o bilhete é *delel*

— Pode ser um truque.

— Melhor ainda se for! Nós temos que ir!

Amy torceu o cabelo. Ela odiava quando Dan não a levava a sério. E aquilo podia ser *perigoso.*

— Se nós formos, aqui diz que temos que encontrar uma informação primeiro.

— Mas você sabe onde procurar, né? Você é inteligente e tal.

Inteligente e tal Como se fosse só disso que eles precisassem para localizar uma pista numa cidade enorme.

Antes de partirem de Boston, ela fizera uma pequena loucura e comprara uns livros sobre Franklin e a Filadélfia no sebo dos amigos dela. Passara a viagem de trem inteira lendo, mas mesmo assim...

— Tenho algumas idéias — ela admitiu. — Mas não sei para onde vamos a longo prazo. Quer dizer... você pensou no que poderia ser esse tesouro maior de todos?

— Alguma coisa legal.

— Ah, isso ajuda muito. Digo, o que seria capaz de tornar um Cahill a pessoa mais poderosa da História? E por que 39 pistas?

Dan deu de ombros.

— Trinta e nove é um número legal. É 13 vezes 3. Também é a soma de cinco números primos seguidos: 3, 5, 7,11, 13. E, além disso, se você somar as primeiras três potências de 3, 3^1 mais 3^2 mais 3^3, a soma dá 39.

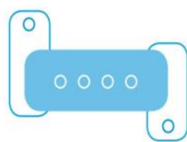
— Como você sabe disso? — Amy olhou surpresa para ele.

— Como assim? É óbvio.

Amy balançou a cabeça, sem acreditar. Dan agia como um idiota na maior parte do tempo. Então de repente fazia uma coisa daquelas, somar números primos ou potências de três nas quais ela nunca havia pensado. O pai deles tinha sido professor de matemática, e Dan pelo visto herdara todo o seu jeito para números. Amy já achava muito difícil lembrar números de telefone.

Ela ergueu o estranho cilindro de metal que o senhor Mclntyre havia mandado para eles. Ela ligou, e se acendeu uma luz roxa.

— Que coisa é essa? — Dan perguntou.



Amy odiava carros quase tanto quanto odiava multidões. Ela prometeu a si mesma que, quando fosse mais velha, moraria num lugar onde nunca precisasse andar de carro. Em parte era porque ela já tinha andado de carro com Nellie antes.

Nellie tinha alugado um carro híbrido, movido a gasolina e eletricidade. Ela disse que era melhor para o meio ambiente, com o que Amy concordava, mas custava 258 dólares por dia, e o jeito como Nellie fazia curvas bruscas e acelerava não era muito "ecológico".

Eles estavam na Interestadual 95, rumando para o centro da cidade, quando

— Não sei. Mas sinto que é melhor descobrirmos antes das 8 horas.

Amy por acaso olhou para trás. Ela não soube ao certo por que fez isso, sentiu uma coceira na nuca como se estivesse sendo observada. E de fato ela estava.

— Estamos sendo seguidos — ela anunciou.

— O quê? — disse Dan.

— Cinco carros para trás. Um Mercedes cinza. São os Starling.

— Um café Starbucks? — disse Nellie, empolgada. — Onde?

— *Starling* — Amy corrigiu. — Nossos parentes. Ned, Ted e Sinead.

— Esse não é o nome verdadeiro deles, é? — Nellie bufou.

— Não estou brincando — disse Amy. — É... ha... parte da caça ao tesouro. Nellie, não podemos deixar que eles nos sigam. Precisamos despistá-los.

Ela não precisou falar outra vez. Nellie girou o volante para a direita e o carro deu uma guinada, cortando três pistas de trânsito. Saladin deu um miado agudo. Quando eles estavam prestes a se espatifar nos tambores de proteção, Nellie conseguiu subir por uma rampa de saída.

A última visão que Amy teve dos Starling foi o rosto sardento de Sinead

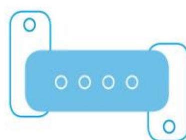
grudado no vidro do carro, de queixo caído vendo Amy e Dan escaparem.

— Despistamos agora? — Nellie perguntou.

— *Prrr!* — reclamou Saladin.

— Você podia ter matado a gente! — Dan tinha um grande sorriso no rosto. — Faz de novo!

— Não! — disse Amy. — Vamos para a rua Locust. E rápido!



A primeira parada foi na Library Company da Filadélfia, um grande prédio de tijolos vermelhos bem no centro da cidade. Amy e Dan pediram para Nellie esperar no carro com Saladin. Então subiram a escada da frente.

— Puxa, outra biblioteca — disse Dan. — Temos muita sorte com bibliotecas.

— Franklin fundou este lugar — Amy contou a ele. — Tem um monte de livros do acervo pessoal dele. Se conseguirmos convencer as bibliotecárias...

— Que grande coisa fez esse Benjamin Franklin, afinal? Quer dizer, e daí que o cara inventou a eletricidade e tal? Isso foi séculos atrás.

— Ele não *inventou* a eletricidade — Amy disse, tentando não parecer irritada demais. — Ele descobriu que o relâmpago e a eletricidade eram a mesma coisa. Ele inventou o para-raios para proteger os prédios, fez experiências com pilhas e...

— *Eu* faço experiências com pilhas. Você já colocou uma na língua?

— Você é um imbecil. Acontece que Franklin foi famoso por *vários* motivos. Ele começou a ficar rico com seu negócio de impressão. Então virou cientista e inventou várias coisas. Mais tarde ajudou a escrever a Declaração de Independência e a Constituição dos Estados Unidos. Ele até foi embaixador na Inglaterra e na França. Era um homem brilhante. Famoso no mundo inteiro. Todo mundo gostava dele, e ele viveu até tipo uns 80 anos.

— Super-homem — Dan disse.

— Quase isso.

— Então você acha que ele sabia o que era... esse tesouro que estamos procurando?

Amy não tinha pensado naquilo. Franklin tinha sido uma das pessoas mais influentes da história. Se ele era um Cahill e sabia sobre aquele tesouro secreto da família...

— Acho melhor nós descobrirmos — ela disse.

Ela empurrou as portas e Dan entrou atrás.

Por sorte, os funcionários da biblioteca estavam tendo um dia tranquilo, e Amy não ficava nem um pouco tímida perto deles. Ela adorava bibliotecários e bibliotecárias. Quando disse que estava fazendo um trabalho de férias sobre Benjamin Franklin e precisava usar documentos históricos, todos se desdobraram para ajudá-la.

Amy e Dan tiveram que vestir luvas de látex e se sentaram numa sala de leitura com temperatura controlada enquanto os funcionários traziam livros antigos para eles olharem.

Uma bibliotecária pôs o primeiro na mesa e Amy levou um susto.

— É a primeira charge de Franklin!

Dan espremeu os olhos para ver melhor. O desenho mostrava uma cobra, cortada em treze pedaços, cada uma com o nome de uma colônia americana.

— Não achei muita graça.

— Não é para ser engraçado — Amy respondeu. — Naquela época, os cartuns passavam uma mensagem. Tipo, ele está dizendo que, se as colônias não se juntarem, a Inglaterra vai dividi-las em pedaços.

— Ahã. — Dan voltou a atenção para o computador. Fazia uns cinco minutos que eles estavam na biblioteca e lá estava ele, já com cara de tédio, batendo nas teclas do laptop em vez de ajudá-la.

Amy examinou os outros documentos: um jornal que tinha sido impresso na própria prensa de Franklin, uma cópia do livro *O peregrino*, de propriedade dele. Tantas coisas incríveis... mas, o que ela estava procurando? Amy se sentiu pressionada, e não funcionava direito sob pressão.

— Encontraram o que queriam? — perguntou a bibliotecária. Ela tinha cabelos encaracolados e óculos bifocais, e meio que parecia uma bruxa simpática.

— Ha, acho que precisamos de mais coisas, por favor. Qualquer coisa que fosse... importante para Franklin.

A bibliotecária pensou por um instante.

— As cartas de Franklin eram importantes para ele. Ele escreveu muitíssimas cartas para os amigos e parentes, pois morou na Europa por muito tempo. Vou trazer algumas para vocês. — Ela ajustou os óculos e saiu da sala.

— Isso também é invenção de Franklin — Amy disse, distraidamente.

— As bibliotecárias? — Dan disse franzindo a testa.

— Não, os óculos bifocais! Ele cortou dois pares de lentes e colou meio a meio, de modo a poder enxergar de longe e de perto com os mesmos óculos.

— Puxa. — Dan não parecia impressionado. Ele voltou a brincar com o laptop. A lanterna misteriosa do senhor Mclntyre estava na frente dele, e ele ficava ligando e desligando.

A bibliotecária trouxe uma nova pilha de material, incluindo velhas cartas protegidas por folhas de plástico. Amy leu todas, no entanto se sentiu mais perdida do que nunca. Nada chamava a sua atenção. Nada gritava "pista".

De repente, Dan se endireitou na cadeira.

— Achei!

— Achou o quê? — Ela pensou que Dan estivesse distraído com algum joguinho no computador, mas,

quando ele virou a tela do laptop para ela ver, havia uma foto de uma lanterna igualzinha à que o senhor Mclntyre enviara para eles.

— É um leitor de luz negra — Dan anunciou.

— Oh! — disse a bibliotecária. — Muito engenhoso. Temos um destes para usar no nosso acervo.

Amy ergueu o olhar.

— Por quê? Para que serve?

— Para revelar mensagens secretas — explicou a bibliotecária. — Durante a Guerra da Independência, os espiões usavam tinta invisível para mandar mensagens em documentos que pareciam inofensivos, como cartas de amor ou pedidos comerciais. O destinatário usava calor ou um produto químico especial para fazer as palavras secretas aparecerem entre as linhas. É

claro que não podemos danificar nossos documentos jogando produtos químicos neles, por isso usamos luz negra para procurar mensagens secretas.

Amy segurou o leitor de luz negra.

— Será que podemos...

— Posso poupar o seu tempo, meu bem. Nós sempre checamos todos os documentos coloniais. Não há mensagens secretas, infelizmente.

Amy sentiu um aperto no coração. Eles tinham perdido tempo ali, e ela ainda não sabia o que estava procurando. Ela tinha na cabeça uma lista de outros lugares para visitar, mas era uma lista muito comprida. De jeito nenhum eles conseguiriam visitar todos antes das 8 da noite.

Mensagens secretas. Franklin tinha escrito várias cartas para seus amigos e parentes enquanto morava na Europa. *Sigam Franklin.* Uma ideia maluca começou a se formar na sua mente.

Amy olhou para a bibliotecária.

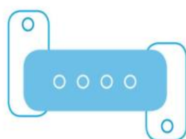
— Você disse que as cartas eram importantes para ele. Tem mais algum lugar onde as cartas de Franklin fiquem em exposição?

— Engraçado você perguntar isso — sorriu a bibliotecária. — Alguns dos manuscritos mais famosos de Benjamin estão em exposição este mês no Instituto Franklin, que fica...

— No Museu de Ciências? — Amy ficou de pé num pulo. — Na rua 20?

— Sim. — A bibliotecária pareceu assustada. — Mas como você...

— Obrigada! — Amy saiu depressa da sala com Dan correndo atrás dela.



De carro eles chegaram rápido ao Instituto Franklin. Nellie não ficou muito alegre de ter que esperar no carro com o gato outra vez, mas Dan e Amy a convenceram de que não demorariam muito. Eles correram para dentro e encontraram uma estátua branca de mármore com 6 metros de altura, um Benjamin Franklin que os encarava de uma poltrona gigante no saguão de entrada.

— Santo almanaque — caçoou Dan. — Isso sim é um *Big Ben.*

Amy confirmou com a cabeça.

— No fim da vida, ele estava tão gordo que precisava ser transportado numa liteira carregada por quatro grandes prisioneiros.

— Legal — Dan disse. — Quero uma liteira.

— Você pesa quarenta quilos.

— RESOLUÇÃO: Começar a comer mais sorvete.

— Vamos logo!

O museu era enorme. Eles passaram pelo monumento e pela bilheteria, então seguiram o mapa e entraram na galeria Franklin. Já era fim de tarde e o lugar estava quase deserto.

— Olha isto! — Dan pegou um braço mecânico e agarrou o pulso de Amy com ele.

— Pare com isso! Franklin inventou isso para pegar coisas em prateleiras altas, não para atazanar a irmã.

— Aposto que se ele tivesse uma irmã...

— Ele tinha uma irmã! Dan, precisamos encontrar as cartas dele. Pare de enrolar.

Eles continuaram andando. Encontraram um mostruário com os para-raios de Franklin, vários óculos bi- focais e uma de suas pilhas para gerar eletricidade — um caixote de madeira cheio de potes de vidro, todos ligados por fios.

— Que troço enorme — disse Dan. — Que é isto? Tipo uma pilha ZZ? E caramba, o que é *aquilo?*

Ele correu até outro mostruário. Dentro havia uma caixa de mogno com uma fileira de pires de vidro encaixados, como se fosse um monte de tigelas.

— É uma harmônica de vidro — disse Amy, lendo a descrição. — Ela faz música quando se esfregam as bordas dos vidros com água.

— Incrível. Franklin inventou isso?

— Sim. Aqui diz que esse instrumento foi muito popular por um tempo. Vários compositores famosos escreveram música para...

Amy congelou. Um homem alto e grisalho acabara de atravessar o corredor na galeria ao lado, indo em direção ao balcão de informações. E estava vestindo um terno preto.

— Que foi? — perguntou Dan.

— O homem de preto — murmurou Amy. — Corra!

Ela agarrou a mão de Dan e eles fugiram, avançando para o interior da galeria. E não pararam de correr até ficarem a duas salas de distância, escondidos atrás de uma grande esfera de vidro que representava o sistema solar.

— O que ele está fazendo aqui? — Amy perguntou, aflita.

— Dã — disse Dan. — O incêndio não funcionou, por isso ele está aqui para nos pegar! Não podemos sair pela porta principal. Ele vai nos esperar para dar o bote assim que sairmos.

Amy olhou ao redor, nervosa, procurando outra saída. Então percebeu o que havia na parede bem ao lado deles. Documentos. Estantes cheias de documentos, todos de pergaminho amarelado, manuscritos em letras rebuscadas.

— As cartas de Franklin! Rápido, pegue o leitor de luz negra.

Dan procurou na mochila e tirou a pequena lanterna de luz negra. Eles a posicionaram na frente da primeira carta e a luz brilhou através do vidro. O documento parecia uma espécie de pedido de material. Começava assim:

Senhor — escrevi-vos recentemente via Nova York,espero que chegue à vossas mãos. Só tenho tempo agora de solicitar que me envie os seguintes itens, a saber:

1 dúzia — Dicionário inglês Cole

3 dúzias — Manual do jovem Mathers

1 quantidade — solução de ferro

2— atlas marítimo da América Waggoner

Eles passaram a luz roxa pelo papel, porém nada aconteceu.

— A próxima! — disse Amy. Ela tinha certeza de que o homem de preto ia surpreendê-los a qualquer instante.

— Uau! — disse Dan.

— Encontrou? — disse Amy, agarrando o braço dele.

— Não, mas veja! Este ensaio inteiro... "Para a Real Academia". Ele escreveu um ensaio inteiro sobre peidos! — Dan sorriu de contentamento. — Ele está propondo um estudo científico dos diferentes cheiros de peido. Você tem razão, Amy. Esse cara era um gênio!

— Dan, você é tão idiota! Continue procurando!

Eles passaram a luz em mais quatro documentos escritos por Franklin. Nada apareceu. Então, no quinto, Dan disse:

— Aqui!

Felizmente não era outro ensaio sobre peidos. A carta fora escrita por Franklin em Paris, em 1785, para alguém chamado Jay. Amy não sabia sobre o que era. Não dava tempo de ler. Mas, brilhando em amarelo sob o facho de luz negra, havia linhas nas entrelinhas — uma mensagem secreta com a letra de Benjamin Franklin:

Devo partir em breve
Deste notável lugar
Porém deixo para trás
O que fez meu clã se separar

Embaixo, desenhado à mão, havia um brasão com duas cobras enroladas em volta de uma espada.

Amy levou um susto.

— Esse é um dos brasões da biblioteca de Grace... O que tem a letra L. Franklin deve ter sido um Lucian!

— Então esta é a segunda pista? — perguntou Dan. — Ou é uma pista para a pista?

Uma camera fez *clique*.

— Tanto faz — disse uma voz de menina. — Bom trabalho.

Amy se virou e viu que estava cercada pelos Starling. Como de costume, eles vestiam roupas idênticas de filhinhos de papai: uniforme caqui, camisa e mocassins. O cabelo acaju de Sinead estava amarrado para trás num rabo de

cavalo. Os irmãos dela, Ted e Ned, estavam postados a seu lado, sorrindo de um jeito não muito amigável. Sinead estava segurando seu celular, que obviamente acabara de usar para tirar uma foto da pista *deles*.

— Vocês nos despistaram muito bem na rodovia — admitiu Sinead. — Ainda bem que não tinha tantos lugares relacionados a Benjamin Franklin para onde vocês pudessem ir. Obrigada pela pista.

Ela arrancou o leitor de luz negra da mão de Dan.

— Agora, prestem atenção. Vocês vão ficar no museu durante meia hora, seus pirralhos. Queremos uma vantagem de 30 minutos, senão seremos obrigados a amarrar vocês. Se vocês saírem antes da hora, juro que Ted e Ned vão ficar sabendo. E não vão achar legal.

Os irmãos dela deram um sorriso maligno.

Sinead se virou para ir embora, mas Amy disse num impulso:

— P-p-peraí!

Sinead ergueu a sobrancelha.

— T-t-tem um homem... — Amy tentou dizer mais, porém os Starling estavam todos olhando feio para ela. Ela sentia como se estivesse submersa em água gelada.

— Que homem? — Sinead perguntou.

— Ele está nos vigiando! — Dan disse. — Nos seguindo! Não é seguro sair pela entrada principal.

Sinead sorriu.

— Vocês estão preocupados com a nossa segurança? Que fofo da sua parte, Dan, mas acontece que... — Sinead se aproximou e o cutucou na barriga ao pronunciar cada palavra... — EU NÃO ACREDITO EM VOCÊS.

Sinead e seus irmãos riram, então se viraram e caminharam depressa até a saída principal.

Antes que Amy conseguisse pensar no que fazer, um ronco baixo e terrível fez tremer o chão. E então: *BUUUM!*

Mostrudrios de vidro se estilhaçaram. O prédio inteiro tremeu. Amy foi jogada para cima de Dan e os dois caíram no chão.

Quando ela conseguiu se sentar, sua visão estava embaçada. Não sabia ao certo quanto tempo tinha ficado ali, zonza. Ela ficou em pé com esforço e

puxou o braço de Dan.

— Levante! — Amy disse, mas não conseguiu ouvir a própria voz.

— O quê? — ele murmurou.

Ela o ajudou a levantar. Juntos eles correram em direção à saída. Fumaça e pó pairavam no ar. Brilhavam luzes de emergência dos alarmes de incêndio. Uma pilha de entulho bloqueava a saída da galeria Franklin, como se parte do teto tivesse desmoronado. No chão, junto aos pés de Amy, jaziam o leitor de luz negra estilhaçado e o celular de Sinead.

E não havia nenhum sinal dos Starling.

CAPÍTULO 9

DAN CONCLUIU QUE EXPLOSÕES ERAM LEGAIS, MAS NÃO SE VOCÊ estivesse no meio de uma.

No caminho inteiro até o Independence Hall, Amy segurava a gaiolinha de Saladin como se fosse sua boia de salvação. Nellie gritou com eles por serem tão irresponsáveis. A audição de Dan estava tão afetada que parecia que ela estava falando do fundo de um aquário.

— Não acredito nisso! — disse Nellie. — Uma bomba *de verdade*? Achei que vocês estivessem brincando!

Amy enxugou os olhos.

— Os Starling... eles...

— Talvez eles estejam bem — disse Dan, embora ele mesmo não engolisse aquilo. Eles não esperaram a polícia chegar. Estavam tão assustados que simplesmente fugiram, por isso Dan não fazia ideia do que acontecera com os trigêmeos. Ele achou que não era um bom sinal o fato de terem encontrado o celular de Sinead perto de um pedaço inteiro de teto desabado.

Nellie esterçou com força o volante, e eles viraram na rua 6.

— Crianças, isto é sério. Alguém tentou matar vocês. Não posso ser babá de vocês se...

— Ser nossa *au pair* — Dan corrigiu.

— ... tanto faz!

Ela parou o carro em frente ao Independence Hall O sol estava se pondo

e, na luz do entardecer, o lugar era exatamente como aparecia em vídeos educativos — um prédio de tijolos de dois andares com um grande campanário branco, cercado de árvores e canteiros de flores. Uma estátua de algum herói da Guerra da Independência dos Estados Unidos se erguia diante deles. O prédio não parecia tão impressionante comparado com os imensos edifícios modernos em volta, mas Dan imaginou que na época de Franklin devia *ser* o maior prédio da cidade. Ele conseguia imaginar Ben e todos os seus amigos com perucas empoadas e chapéus de três pontas reunidos na escada para conversar sobre a Declaração da Independência, ou sobre a Constituição, ou talvez sobre sua última proposta para o estudo dos peidos. Toda aquela cena fez Dan pensar em provas de história, que eram quase tão assustadoras quanto museus que explodem.

— Olha só — disse Nellie. — Acabou nosso acordo. Não sei no que vocês se meteram, mos isto e Pen9oso demais pra duas crianças. Vou levar vocês de volta pra sua tia.

— Não! — gritou Dan. — Nellie, você não pode fazer isso. Ela vai...

Ele se interrompeu a tempo, mas Nellie espremeu seus olhos cobertos de glitter azul.

— Ela vai o *quê?*

Dan olhou para Amy pedindo ajuda, mas ela ainda estava em choque, olhando fixo pela janela.

— Nada — disse Dan. — Nellie, isto é importante. Por favor. Apenas espere por nós.

Nellie estava soltando fumaça.

— Tem mais umas seis músicas na minha *playlist,* ok? Se vocês não tiverem voltado pro carro quando a última música tocar, e não estiverem prontos pra me explicar *direitinho* essa história, podem acreditar, vou *mesmo* telefonar pra Beatrice.

— Combinado! — Dan prometeu. Ele tentou empurrar Amy para fora do carro, mas ela ainda estava em estado de choque, pois continuou segurando a gaiolinha de Saladin.

— O que você está fazendo? — perguntou Dan. — Deixe o gato aqui.

— Não. — Amy se atrapalhou para cobrir a gaiola com um cobertor. —

Precisamos levá-lo.

Dan não sabia por quê, mas decidiu não discutir. Eles andaram depressa pela calçada. Tinham subido metade da escada do Independence Hall quando Dan percebeu que o lugar ficava fechado à noite.

— Como vamos entrar?

— Crianças! — gritou uma voz. — Aqui!

William Mclntyre estava encostado no prédio, meio

escondido atrás de uma roseira. Amy correu até ele e deu um abraço no velho advogado, o que pareceu deixá-lo constrangido. Ele tinha um curativo na mão esquerda e um corte embaixo do olho direito, mas, tirando isso, parecia estar até bem para alguém que acabara de sair do hospital.

— Fico feliz em ver vocês bem — ele disse. — Soube pelo noticiário o que aconteceu no Instituto Franklin. Presumo que vocês estavam lá, não?

— Foi horrível — disse Amy. Ela contou tudo, desde a biblioteca secreta na mansão de Grace até o homem de preto no museu e os trigêmeos Starling indo para o espaço.

O senhor Mclntyre franziu a testa.

— Eu telefonei para o hospital da Jefferson University. Os Starling vão sobreviver, mas estão em estado grave. Vão ficar internados durante meses, o que os exclui da busca para sempre, receio.

— Foi o homem de preto — disse Dan. — Ele preparou a armadilha para nós.

O olho do senhor Mclntyre se contraiu num espasmo. Então ele tirou os óculos e os limpou com a gravata, seu nariz lançando uma sombra num lado de seu rosto.

— Essa explosão... de acordo com a sua descrição, eu diria que foi um detonador sônico. Muito sofisticado, projetado para atordoar e causar apenas dano localizado. Alguém sabia o que estava fazendo.

— Como você sabe tanto sobre explosivos? — perguntou Dan.

O velho homem olhou para ele, e Dan teve a repentina sensação de que ele não tinha sido advogado a vida inteira. Ele tinha visto coisas na vida, coisas perigosas.

— Dan, vocês precisam tomar cuidado. Essa explosão foi quase o fim da

linha para vocês. Eu tinha a esperança de não me envolver na competição. Não posso deixar que pensem que estou favorecendo alguma equipe. Mas quando a mansão de sua avó pegou fogo... bem, percebi o tamanho da enrascada em que tinha metido vocês.

— Foi por isso que nos mandou o leitor de luz negra?

O senhor Mclntyre confirmou com a cabeça.

— Estou preocupado com o jeito como as outras equipes estão tentando atingir *vocês*. Parecem ter resolvido tirá-los de circulação.

— Mas não conseguiram! — Dan disse. — Nós achamos a segunda pista. Ninguém mais tem esta pista, não é?

— Dan, o que vocês acharam é apenas uma *indicação* para a segunda pista. Sem dúvida é uma boa indicação, e fico contente que o leitor de luz negra tenha sido útil. Mas de modo algum é a *única* indicação. Outras equipes podem achar caminhos diferentes para a próxima pista. Ou, se acharem que vocês possuem informações úteis, podem simplesmente segui-los, assim como os Starling tentaram fazer, e arrancar as informações de vocês.

Dan sentiu vontade de chutar a parede. Toda vez que eles davam sorte, alguma coisa ruim acontecia ou eles descobriam que não estavam tão perto da próxima pista quanto pensavam.

— Então como é que vamos saber quando acharmos a segunda pista de verdade? Vai ter um sinal em cima dela dizendo PISTA 2?

— Vocês vão saber — disse o senhor Mclntyre. — Ela vai ser mais... substancial. Uma peça essencial do quebra-cabeça.

— Ótimo — resmungou Dan. — Isso explica muito.

— E se Nellie tiver razão? — a voz de Amy vacilou, — E se isso for perigoso demais para duas crianças?

— Não diga isso! — Dan gritou.

Amy se voltou para ele. Os olhos dela pareciam vidro quebrado. Tinham aquele olhar trêmulo, demonstrando certa fragilidade.

— Dan, nós quase morremos. Os Starling estão no hospital, e é só o segundo dia da competição. Como vamos aguentar se continuar desse jeito?

Dan sentiu sua garganta seca. Amy de certo modo tinha razão. Mas será que eles podiam simplesmente largar tudo? Imaginou-se indo até Beatrice e

pedindo desculpas. Ele podia recuperar sua coleção, voltar para a escola, levar uma vida normal, sem ninguém tentando aprisioná-lo em incêndios nem explodindo cada um dos lugares em que ele estava.

O senhor Mclntyre deve ter percebido o que se passava pela cabeça de Dan, pois o rosto dele de repente ficou pálido.

— Não, crianças. Vocês *não podem* nem pensar nisso.

— Nós... nós somos apenas crianças — Amy gaguejou. — O senhor não pode esperar que nós...

— Minha cara, é tarde demais! — Por um instante, o senhor Mclntyre pareceu estar mesmo em pânico.... aterrorizado com a hipótese de eles desistirem. Dan não entendeu por quê. Então o velho homem respirou fundo. Pareceu recuperar a calma. — Crianças, vocês *não podem* desistir. Sua tia Beatrice ficou furiosa quando vocês sumiram. Ela está falando em contratar um detetive para encontrá-los.

— Ela nem se importa com a gente! — disse Dan.

— Seja como for, enquanto não os entregar oficialmente para o Serviço Social, ela vai ter problemas com a lei se acontecer alguma coisa com vocês. Se voltarem para Boston, ambos serão mandados para lares adotivos. Provavelmente nem sejam colocados juntos. Não dá mais para voltar à vida que vocês tinham antes.

— O senhor não pode nos ajudar? — Amy perguntou. — Afinal, o senhor é advogado.

— Já estou ajudando demais. Só posso dar umas informações ocasionais.

As orelhas de Dan se empinaram.

— Informações tipo quais?

O senhor Mclntyre baixou a voz.

— Um dos seus concorrentes, Jonah Wizard, está se preparando para fazer uma viagem internacional. Receio que vocês vão encontrá-lo muito em breve. Ele e o pai fizeram reservas de primeira classe em Nova York hoje de manhã.

— Para onde eles estão indo? — Dan perguntou.

— Se vocês pensarem nas informações que encontraram, acho que vão saber.

— Sim — disse Amy. — Eu *sei*. E nós vamos chegar lá primeiro.

Dan não sabia do que ela estava falando, mas ficou feliz ao ver que ela não estava mais brava. Não tinha a menor graça importunar Amy quando ela estava chorando.

O senhor Mclntyre deu um suspiro de alívio.

— Então vocês vão continuar. Não vão desistir?

Amy olhou para Dan, e eles chegaram a um acordo silencioso.

— Vamos continuar por enquanto — disse Amy. — Mas, senhor Mclntyre, qual o motivo *real* de o senhor nos ajudar? O senhor não está ajudando nenhuma das outras equipes, está?

O velho advogado hesitou.

— No Instituto Franklin, vocês disseram que avisaram aos Starling que eles estavam em perigo.

— É claro que avisamos — Amy disse.

— Eles não teriam feito o mesmo por vocês.

— Talvez, mas pareceu a coisa certa a fazer.

— Interessante... — Ele olhou de relance para a rua.

— Não posso dizer mais nada. Preciso...

— Por favor — pediu Amy. — Mais uma coisa.

Ela descobriu a gaiolinha de Saladin e, de repente, Dan percebeu por que ela trouxera o gato.

— Amy, não!

— Dan, nós precisamos. Não é seguro para ele. Ele estava prestes a discutir, porém alguma coisa o impediu. Lembrou-se de ter arrastado o pobre gato consigo quando subira por aquele túnel de ventilação durante o incêndio, então o fizera viajar de trem numa gaiola abafada. E se Saladin estivesse na explosão do museu junto com eles? Se o bichano se machucasse, Dan nunca se perdoaria.

— Está bem — ele suspirou.

— Esse é o gato de madame Grace? — o senhor Mclntyre perguntou, bravo. — Como vocês...

— Ele escapou do incêndio com a gente — disse Amy.

— Pretendíamos ficar com ele, mas... não podemos levá-lo aonde

estamos indo. Não seria justo arrastá-lo com a gente. Você pode tomar conta dele pra gente?

— Prrr — *Saladin olhou para Dan com cara de* Você só pode estar de brincadeira.

O senhor Mclntyre fez mais ou menos a mesma cara que Saladin.

— Não sei, meu bem. Eu não sou muito... bom com *bichos.* Tive um cachorro uma vez, o Oliver, mas.,.

— Por favor — pediu Amy. — Ele pertencia à nossa avó. Preciso saber que ele está em segurança.

O velho advogado parecia estar com vontade de sair correndo, mas respirou fundo.

— Está bem. Só por um tempinho.

— Obrigada! — Amy lhe entregou a gaiola. -— Ele só come peixe fresco. O favorito dele é salmão.

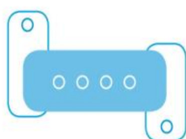
O senhor Mclntyre piscou.

— Salmão? Ah, bem... vou ver o que posso fazer.

— Prrr — *disse Saladin, o que provavelmente significava algo como* Não acredito que vocês vão me deixar com um velho que não sabe que eu gosto de salmão.

— Crianças, é melhor vocês irem. Sua *au pair* está ficando impaciente. Só não se esqueçam do que eu disse antes. Não confiem em ninguém!

Dizendo isso, William Mclntyre saiu andando pela rua, segurando de lado a gaiola de Saladin corno se fosse uma caixa de material radioativo.



Quando os dois estavam voltando para o carro, Amy comunicou:

— Vamos para Paris.

Dan estava pensando em Saladin e seus ouvidos ainda zuniam por causa da explosão do museu, por isso não teve certeza de ter escutado direito o que Amy acabara de dizer.

— Você disse Paris... tipo na França?

Amy tirou do bolso o celular de Sinead Starling. A foto da carta de

Benjamin Franklin ainda estava na tela — a mensagem secreta era um rabisco borrado e confuso sob a luz roxa.

— Quando Franklin já estava bem velhinho — disse Amy —, foi embaixador dos Estados Unidos em Paris. Ele estava trabalhando num tratado de paz para pôr fim à Guerra da Independência e tinha uma casa num lugar chamado Passy. Todos os franceses o tratavam como se ele fosse uma estrela de rock.

— Na França eles tratam velhos gordos como estrelas de rock?

— Como eu disse, Franklin era famoso no mundo inteiro. Ele curtia filosofia e gostava de festas e de todo tipo de... coisas francesas. Enfim, a mensagem secreta dizia que ele estava indo embora de Paris, nao é? A data da carta era 1785. Tenho quase certeza de que esse é o ano em que ele deixou a França e voltou para os Estados Unidos. Então ele estava deixando alguma coisa para trás Paris.

— Alguma coisa que dividiu o clã dele — disse Dan. — E isso que o verso quer dizer, não é? Você acha que ele estava falando sobre os clãs dos Cahill?

— E possível. — Amy torceu o cabelo. — Dan, aquilo que eu disse antes... não quero desistir de verdade. Só estou com medo.

Dan concordou com a cabeça. Ele não queria admitir, mas o homem de preto e a explosão também o tinham deixado perturbado.

— Está bem. Temos que seguir em frente, não é?

— Não temos escolha — concordou Amy.

Antes que eles chegassem à sarjeta, a porta do carro se abriu de repente. Nellie veio andando até eles, com um dos fones de ouvido ainda pendurado. Ela levantou o celular como se fosse jogá-lo neles.

— Adivinhem só — ela disse. — *Eu* acabei de receber uma mensagem do Serviço Social de Boston!

Amy ficou boquiaberta.

— O que você disse a eles?

— Nada *ainda*. Estou esperando a superexplicação ótima de vocês!

— Nellie, por favor — pediu Dan. — Precisamos da sua ajuda.

— Vocês estão sendo procurados! — Nellie gritou. — Sua tia nem sabe

onde vocês estão, não é verdade? Vocês têm idéia de como eu posso me encrencar por isso?

— Jogue seu telefone fora — Dan sugeriu.

— O *quê*? — Nellie falou como se ele a tivesse mandado queimar dinheiro, coisa que aliás Amy já tinha feito naquela semana.

— Finja que não recebeu a mensagem — ele implorou. — É só por alguns dias. Por favor, Nellie, temos que ir a Paris e precisamos de um adulto.

— Se vocês por acaso estão achando que eu... Você disse Paris?

Dan viu que essa era sua chance. Ele fez cara de triste e deu um suspiro.

— Pois é, nós íamos pagar sua passagem pra Paris, além do seu salário, hospedagem grátis num hotel e comida em restaurantes chiques e tudo o mais. Mas enfim...

— Nellie, é só por mais uns dias — disse Amy. — Por favor! Não estávamos mentindo sobre a caça ao tesouro. Isso é mesmo *muito* importante para nossa família e prometemos que vamos tomar cuidado! Assim que tivermos resolvido esse negócio em Paris, você pode fazer o que achar melhor. Vamos jurar que não foi culpa sua. Mas se voltarmos para Boston agora, eles vão nos levar para um lar adotivo. Vamos fracassar na caça ao tesouro. Talvez seja até ainda *mais* perigoso pra gente!

— E você não vai ver Paris — acrescentou Dan.

Ele não estava bem certo de qual argumento foi o mais convincente, mas Nellie pôs o telefone no bolso. Ela se ajoelhou para olhar direito nos olhos deles.

— Mais uma viagem... Mas isso pode virar uma encrenca enorme pra mim. Quero que vocês prometam: vamos pra Paris e depois vou levar vocês pra *casa*. Combinado?

— Combinado — concordou Amy.

— Vou me arrepender disso — Nellie resmungou. — Mas pelo menos vou me arrepender em Paris.

Ela voltou para o carro e se acomodou no banco do motorista.

Dan olhou para a irmã.

— É... a questão do dinheiro. Acho que dá pra três passagens só de ida. Podemos ir pra Paris e vai ter o suficiente pro hotel e pra comida e tal, pra

uma semana talvez. Mas não sei se vamos ter dinheiro pra voltar. Se Nellie descobrir...

— Vamos nos preocupar com isso quando chegarmos lá — Amy respondeu. E correu para o carro, já tirando o passaporte do seu bolso de trás.

CAPÍTULO 10

ALISTAIR OH TINHA ACABADO DE SAIR DA ALFÂNDEGA QUANDO seus inimigos o espreitaram.

— *Bonjour,* tio. — Ian Kabra apareceu à direita dele. — Teve um bom voo?

Alistair virou para a esquerda, no entanto Natalie Kabra impediu que ele escapasse.

— Eu não tentaria fugir, tio Alistair — ela disse numa voz meiga. — É incrível quantas armas eu consigo carregar num aeroporto.

Ela mostrou uma boneca de porcelana de vestido azul de cetim. Natalie era velha demais para ter uma boneca daquelas, mas sem dúvida conseguiria convencer os seguranças do contrário.

— Que é isso? — Alistair perguntou, tentando manter a calma. — Uma pistola? Uma bomba?

Natalie sorriu.

— Espero que você não precise descobrir. Ia fazer muita sujeira.

— Continue andando, *tio.* — Ian disse a palavra com o máximo de sarcasmo possível. — Não queremos levantar suspeitas.

Eles andaram a passos largos pelo terminal. O coração de Alistair batia forte. Ele sentia o *Almanaque do Pobre Richard*, no bolso do paletó, batendo em seu peito a cada passo.

— Então — Alistair disfarçou. — Quando vocês chegaram?

— Oh, nós pegamos nosso próprio jato — disse Ian. — Usamos uma pista de aterrissagem particular, onde a segurança é muito mais... relaxada. Achamos que seria legal vir lhe dar as boas-vindas!

— Que gentil! Mas não tenho nada que possa interessar a vocês.

— Não foi isso que ouvi dizer — disse Natalie. — Entregue o livro.

A garganta de Alistair ficou seca.

— Como... como é que você sabe que...

— As notícias se espalham depressa. Temos informantes... — disse Natalie.

— *Natalie* — Ian cortou a irmã. — Deixe que eu falo, muito obrigado. Você segura a boneca.

Ela fez uma careta, o que a deixou com uma cara um pouco menos linda.

— Eu posso falar se eu quiser, Ian! Mamãe e papai disseram...

— Que se dane o que eles disseram! Quem manda sou eu!

Natalie parecia pronta para gritar de volta, mas engoliu a raiva. Alistair não gostou do jeito como a menina apertava a boneca, com força. Ele imaginou que a coisa devia ter um botão em algum lugar e não queria descobrir para que servia.

— Vocês com certeza não querem outra guerra entre nossos clãs — disse Alistair, tentando parecer diplomático. — Basta um telefonema e consigo mobilizar ajuda de Tóquio ao Rio de Janeiro.

— Nós também conseguimos. E eu li a história da família, Alistair. Da última vez em que nossos clãs brigaram, não foi muito bom pro lado de vocês, não é? — disse Ian.

Alistair continuou andando, com a cabeça a mil. Um guarda estava parado junto a um posto de segurança logo à frente, a uns 20 metros. Se Alistair conseguisse fazer alguma coisa para chamar atenção...

— A explosão de 1908 na Sibéria — ele disse para Ian. — Sim, aquilo foi impressionante. Mas desta vez o que está em jogo é muito maior.

— Exatamente — concordou Ian. — Então entregue esse livro, velhote, antes que sejamos obrigados a machucar você.

Natalie riu.

— As coisas que você diz, Ian. Francamente.

O irmão dela franziu a testa.

— Como é?

Cinco metros para o guarda, *pensou Alistair*. Fique calmo.

— Oh, nada — Natalie disse ao irmão num tom distraído. — É só que você é um tédio. Sem mim, você não conseguiria assustar nem esse velho patético.

O rosto de Ian endureceu.

— Eu conseguiria muito bem, sua inútil, sua...

Natalie entrou na frente de Alistair, insistindo em confrontar o irmão, e Alistair aproveitou a chance. Ele deu um passo para trás, depois outro para o lado, e, antes que os Kabra conseguissem se reagrupar, estava ao lado do guarda, falando o mais alto que conseguia em francês.

— *Mercí*, sobrinho e sobrinha! — ele gritou para os Kabra. — Mas seus pais vão ficar preocupados. É melhor vocês irem na frente e dizerem a eles que eu saio daqui a pouco. Preciso perguntar umas coisas para este oficial. Acho que me esqueci de declarar minhas frutas frescas na alfândega!

— Frutas frescas? — disse o oficial. — Senhor, isso é muito importante. Venha comigo, por favor!

— Com a sua licença. — Alistair deu de ombros, como se estivesse pedindo desculpas aos Kabra.

Os olhos de Ian estavam tomados de tanta fúria que pareciam que iam pegar fogo, mas ele conseguiu dar um sorriso duro.

— É claro, tio. Não se preocupe. *Com certeza* encontramos você depois. Vamos, Natalie. — Ele disse o nome dela por entre os dentes cerrados. — Precisamos *conversar.*

— Ai! — ela gritou quando ele agarrou o braço dela, mas Ian a puxou pelo corredor para um lugar fora da vista do guarda.

Alistair deu um suspiro de alívio e seguiu o oficial de bom grado de volta até a alfândega, onde, após 20 minutos de perguntas e de revista nas malas, ele percebeu — *quelle surprise!* — que não havia fruta nenhuma em sua bagagem. Alistair fingiu ser um velho confuso e o oficial da alfândega, irritado, deixou que ele fosse embora.

De volta ao terminal, Alistair se permitiu um sorriso. Ian e Natalie Kabra talvez fossem adversários mortais, mas ainda eram crianças. Alistair nunca deixaria dois molecotes passarem a perna nele, não enquanto seu futuro e o futuro de seu clã estivessem em jogo.

Deu um tapinha no *Almanaque do Pobre Richard,* ainda em segurança no bolso do paletó. Alistair duvidava que qualquer outra equipe soubesse mais sobre as 39 pistas do que ele. Afinal, fazia anos que ele espionava Grace, estudando as intenções dela. Ainda havia muita coisa que ele não entendia — segredos que esperava que Grace tivesse transmitido aos netos. Mas logo descobriria.

Alistair tinha uma excelente vantagem. Agora entendia o verdadeiro significado da primeira pista: *REF.*

DO SEGREDO: RESOLUÇÃO, de Richard S . *Ele não se* conteve e deu uma risadinha. Nem mesmo Amy e Dan tinham percebido o que *realmente* significava.

Enquanto andava pelo terminal, ficou atento para ver se avistava os Kabra, mas eles pareciam ter sumido. Saiu do aeroporto e estava arrastando as malas em direção ao ponto de táxi, quando uma van roxa parou na sarjeta.

A porta lateral deslizou e se abriu. Uma voz alegre de homem disse:

— Olá, amigo!

A última coisa que Alistair Oh viu foi um soco enorme vindo na direção de seu rosto.

CAPÍTULO 11

DEPOIS DE PASSAREM PELA ALFÂNDEGA NO AEROPORTO CHARLES DE Gaulle, Amy sentiu como se tivesse acabado de perder uma briga com um tornado.

Havia aguentado oito horas no avião, enfiada entre Dan e Nellie, ambos com o volume do fone de ouvido alto demais. Dan assistia a filmes. Nellie ouvia música e folheava livros de culinária francesa com imagens coloridas de caracóis e fígados de ganso. Enquanto isso, Amy tentara se encolher e ler seus próprios livros. Ela comprara seis na Filadélfia, mas só conseguira terminar uma biografia de Benjamin Franklin e dois guias turísticos de Paris. Para ela, isso era péssimo. Cada músculo de seu corpo doía. Seu cabelo estava um ninho de rato. Suas roupas cheiravam a lasanha de avião, que Dan tinha derramado nela durante o voo. E o pior de tudo, não tinha dormido nada, pois quanto mais lia, mais começava a se formar em sua mente uma ideia a respeito de Franklin e de Paris — e essa ideia a amedrontava.

Na fila da alfândega, Amy teve certeza de que ia entrar em pânico quando o oficial perguntou pelos pais deles, mas balbuciou a mentira que tinha ensaiado com o irmão: que os pais estavam vindo num voo mais tarde. A presença de Nellie pareceu tranquilizar o oficial, principalmente quando ela começou a responder às perguntas dele em francês. O oficial concordou com a cabeça, carimbou os passaportes e deixou que eles passassem.

— Nellie! — disse Dan. — Você fala francês?

— Lógico. Minha mãe dava aula de francês. Ela era, tipo, francesa.

— Achei que sua família fosse da Cidade do México.

— Só meu pai. Eu cresci trilíngue.

— Que incrível — disse Amy. Na verdade ela estava com inveja, pois gostaria de saber outras línguas, mas nem adiantava tentar aprender. Ela não conseguia lembrar nem as cores e números em espanhol, matéria da pré-escola.

— Não é tão difícil — Nellie garantiu. — Depois que você já sabe duas línguas, aprender três ou quatro ou cinco é fácil.

Amy não teve certeza se ela estava falando sério, contudo eles continuaram passando pela alfândega. Pegaram a bagagem, trocaram os dólares por euros num quiosque e avançaram pelo saguão do aeroporto.

Amy se sentiu totalmente perdida com tantas placas em francês. A luz da manhã entrava pelas janelas, embora ela ainda sentisse que era meia-noite. Mais adiante no corredor havia urna pequena multidão reunida. Pessoas disparavam flashes de camera e gritavam perguntas para alguém que Amy não conseguia enxergar.

— Oh, paparazzi! — disse Nellie. — Vai ver é tipo o Kanye West!

—Peraí! — Amy disse, mas Nellie nem prestou atenção. Eles abriram caminho em meio à multidão com um monte de *excusez-moi*. Quando chegaram mais perto, Amy parou no meio do caminho. — É Jonah Wizard.

Ele estava atravessando a aglomeração, dando autógrafos, enquanto seu pai andava atrás como um guarda-costas. Jonah vestia jeans folgados, uma jaqueta de couro preto por cima de uma regata branca e, como sempre, meia tonelada de acessórios de prata. Parecia bem-disposto e descansado, como se o voo dele tivesse sido muito melhor que o de Amy.

— *Le Wizard! — Os repórteres vieram com uma enxurrada de perguntas. Para a surpresa de Amy, Jonah respondeu em francês.*

Havia tanta gente que Amy queria se fundir na parede, mas Jonah parecia relaxado. Abriu um sorriso brilhante para o povo e disse alguma coisa que fez todos darem risada, então vasculhou os rostos na multidão e fixou o olhar em Amy.

— Opa! — ele chamou. — Meus *brothersl*

Amy ficou morrendo de vergonha. Jonah começou a abrir caminho na

direção deles e toda aquela gente virou para ver com quem ele estava falando.

— Ah, tá brincando? — disse Nellie. — Vocês *conhecem* Jonah Wizard?

— Somos parentes — Dan resmungou. — Distantes.

Pareceu que Nellie ia desmaiar. De repente, Jonah estava bem na frente deles, apertando a mão de Amy, batendo nas costas de Dan e autografando a camiseta de Nellie, e as câmeras começaram a tirar fotos *deles*.

Não olhem pra mim! Amy queria gritar. *Estou coberta de lasanha!* A voz dela não funcionou. Ela tentou recuar, mas suas pernas estavam congeladas.

— Jonah! — disse o pai dele. — Melhor a gente ir.

— Firmeza. — Jonah piscou para Amy. — Cheguem mais, primos. Preciso trocar uma ideia com vocês.

O pai de Jonah ameaçou protestar, porém Jonah colocou o braço sobre os ombros de Amy e a conduziu pelo terminal, com Dan e Nellie e uma multidão de paparazzi frenéticos em seu encalço, tirando fotos. Amy teve certeza de que ia morrer de vergonha a qualquer segundo, mas de algum modo eles conseguiram sair do aeroporto. O dia estava quente e nublado. Nuvens de tempestade se agrupavam no horizonte. Uma limusine preta estava esperando na rua.

— Melhor... melhor não — Amy começou a protestar. Ela se lembrou do aviso do senhor Mclntyre: *Não confie em ninguém.*

— Tá brincando? — Nellie disse. — Uma carona de limusine com Jonah Wizard? Vamos!

Ela praticamente mergulhou para o interior do carro. Alguns minutos depois, estavam todos seguindo rumo ao coração de Paris.

— Cara, eu adoro esta cidade — disse Jonah. A limusine dele tinha assentos traseiros em que os passageiros ficavam de frente uns para os outros. Jonah e seu pai estavam sentados de um lado. Amy, Dan e Nellie, do outro. O pai de Jonah digitava anotações em seu BlackBerry e de vez em quando levantava o rosto e fazia cara feia para Amy, como se não conseguisse acreditar que ela ainda estava ali.

Lá fora passavam prédios de pedra dourada, as janelas transbordando de floreiras. Os cafés estavam lotados, com todas as cadeiras viradas para a rua como se as pessoas estivessem esperando um desfile. O ar cheirava a café e

pão assado. O céu nublado dava a tudo uma luz insólita — como se a cidade não fosse completamente real.

— Sabiam que minha audiência na tevê é ainda melhor aqui que nos Estados Unidos? — fonah disse.

— Mais precisamente 18 pontos mais alta — complementou o pai dele.

— E meu novo álbum, *Gangsta Life*, é o número 3 na lista dos mais vendidos na França.

— Número 2 — corrigiu o pai. — E está subindo.

— Oh, puxa, eu adoro seu álbum! — Nellie disse.

— Valeu — disse Jonah. — Agora fica quietinha.

Pareceu que Nellie tinha levado um tapa.

— Ei! — Dan gritou. — Isso não é legal!

— O quê? — disse Jonah. — Ela não é uma Cahill. Não vou falar com ela.

Amy ficou tão chocada que nem conseguiu responder, mas Jonah continuou contando vantagem.

— Como eu estava dizendo, esta cidade me pertence. Minha galeria de arte abriu semana passada na rua de la Paix. Minhas aquarelas estão sendo vendidas a 6 mil euros cada. Estou até lançando um livro infantil.

O pai dele sacou uma cópia e mostrou para eles. Dan espremeu os olhos para ler a capa.

— *Le... Li'1 Gangsta livre instantané?*

— Quer dizer "o livro pop-up do pequeno gangster" — disse o pai de Jonah com orgulho.

Jonah espalmou as mãos.

— Entenderam o que eu disse? Eu sou mais popular que... — Ele deu um sorriso maroto. — ... Benjamin Franklin.

Alguma coisa disparou dentro de Amy. Ela passara várias horas lendo sobre Benjamin Franklin e estava mais convencida do que nunca de que ele era a pessoa mais incrível que já existira. Pensar que eles talvez fossem parentes a deixava muito orgulhosa. Agora ouvir aquele imbecil; aquele convencido, aquela celebridade de tevê se comparar com... Ela ficou tão brava que esqueceu de sua timidez.

— B-Benjamin Franklin era muito mais importante que você, Jonah! Ele foi o americano mais famoso que já esteve em Paris. Quando ele veio para cá, as pessoas usavam o retrato dele em colares...

— Tipo esse? — Jonah tirou um colar comemorativo com uma foto sua.

— E... vestiam roupas iguais às dele!

— Ahã. A grife Jonah Wizard está indo muito bem nos Champs-Élysées.

Amy rangeu os dentes.

— O rei Luís XVI até colocou o retrato de Franklin num penico!

Jonah olhou para o pai dele.

— Nós temos penicos promocionais?

— Não. — O pai dele tirou o telefone do bolso. — Vou dar um telefonema.

Jonah fez um gesto com a cabeça.

— Pois é, amigos, *eu* sou mesmo a maior sensação desde Benjamin Franklin, e é por isso que *eu* sou a pessoa que naturalmente vai descobrir os segredos dele.

— Se o seu ego fosse maior — resmungou Dan —, poderíamos usá-lo como balão de ar quente.

Jonah ignorou.

— Veja, Amy, você é uma garota esperta. Você conhece os clãs da família, né? Os Cahill do bem. Os Cahill do mal. Eu sou...

— Jonah! — O pai dele cobriu o telefone com a mão. — Achei que já tínhamos discutido...

— Fica sussa, pai. Só tô dizendo que eu uso os *meus* talentos pra criar *arte*. Não sei o que é esse tesouro final, mas vou usar ele pra pôr mais beleza no mundo! Não sou que nem esses Lucian, cara. Eles são do mal!

— Mas... Benjamin Franklin era um Lucian. — A mente de Amy funcionava a mil. — Nós vimos o brasão das cobras...

— Certo, então de vez em quando um Lucian acerta em alguma coisa — Jonah fez um gesto de desprezo. — Mas hoje *eu* sou o cara do bem. Você precisa entender isso, Amy.

— Só porque você faz livros infantis de gangster? — Dan disse bufando.

— Exatamente! Olha, vocês acham que foi fácil pra mim crescer rico e

famoso em Beverly Hills? — Jonah fez uma pausa. — Na verdade, *foi* fácil. A questão é que eu ralo muito pra continuar assim. A fama é uma

coisa que você precisa estar sempre construindo, *baby*. Não é verdade, pai?

— É verdade, filho!

— Eu já tenho discos, um programa de tevê, uma grife e livros... Então pra onde eu posso crescer? Vou dizer pra onde: eu *preciso* ganhar essa competição. Vai ser demais pra minha carreira! Se nós trabalharmos juntos, descolo uma porcentagem pra vocês.

— Tio Alistair nos ofereceu ajuda também — Amy resmungou. — Não deu certo.

— Alistair Oh? — Jonah bufou de desprezo. — Aquele velho mané deve ter contado pra vocês como ele inventou o burrito pra micro-ondas, né? Mas ele não contou que perdeu a fortuna dele em investimentos ruins. Ele está quase falido, mina. Ele devia ter pegado o 1 milhão de dólares dele e ido embora, mas tem essa piração de que as 39 pistas vão reconstruir a reputação dele. Não prestem atenção no que ele diz. Se vocês se unirem a mim, podemos vencer todo mundo. Podemos até dar uma lição naqueles traíras do Ian e da Natalie. Você precisa tomar cuidado aqui, Amy. Paris é território dos Lucian, você sabe. Isso já faz séculos.

— Jonah — disse o pai dele —, você *não* devia se envolver com essas pessoas. Eles não têm carisma e vão afundar sua audiência.

— Cuide dos penicos, pai. Eu cuido disso. — Ele lançou a Amy seu sorriso mais irresistível. — Vamos, gatinha. Nós dois sabemos que a próxima pista tem a ver com Ben Franklin. Poderíamos ajudar um ao outro.

O que a incomodava não era que Jonah fosse um imbecil arrogante, mas o fato de, no fim das contas,ela estar tentada pela oferta. Era difícil de resistir à ideia de dar o troco em Natalie e Ian. E Amy não conseguia deixar de se sentir lisonjeada com a atenção que alguém como Jonah Wizard estava dispensando a ela. Mesmo assim... lembrou do jeito como ele falara com Nellie e como ele tinha sido legal com eles no aeroporto, mas era tudo fingimento, como se eles fossem apenas objetos de cena para as câmeras.

— Por que... por que você quer fazer acordo com a gente? — ela

perguntou, hesitante. — O que nós temos de tão especial?

— Nada! — Jonah riu. — Isso não é demais? Vocês são Cahill, mas não têm nenhum talento! Se eu for tentar procurar uma pista em qualquer lugar, a mídia vai ficar na minha cola, com a galera tirando fotos e me pedindo entrevistas. Eu não posso fazer nada em segredo. Vocês... vocês são tão insignificantes que podem ir a lugares que eu não posso. Ninguém se importa com vocês.

— Muito obrigado — resmungou Dan.

— Que foi que eu disse? — Jonah parecia surpreso. — Ei, se o problema é dinheiro, eu tenho um montão. Posso até dar de brinde um dia no estúdio de *Quem quer ser um gangsta?* Melhor que isso, impossível.

— Não, valeu — Amy e Dan disseram juntos.

— Ah, qualé. Pelo menos pensem a respeito, pode ser? Onde é o hotel de vocês? Vou deixar vocês lá.

Amy estava prestes a inventar uma desculpa qualquer quando olhou de relance pela janela. Ela viu uma coisa que gelou seu sangue. Era impossível. O que *ela* estava fazendo ali? E estava mesmo carregando...

— Bem aqui! — ela disse. — Pare o carro, por favor!

O motorista parou.

Jonah olhou pela janela e franziu a testa. Eles estavam em frente a um hotel de aspecto um tanto indecente, chamado Maison des Gardons. O toldo estava carcomido e o porteiro parecia bêbado.

— Aqui, é? Cara, vocês são *roots*. Eu vou ficar no Ritz. Se vocês mudarem de ideia, sabem onde me encontrar. — disse Jonah.

Amy arrastou Nellie e Dan para fora do carro. O motorista jogou as malas deles na calçada e a limusine dos Wizard partiu.

— Que cara chato! — disse Nellie. — Ele não é assim na tevê!

Dan olhou para a Maison des Gardons.

— Não diga que a gente vai ficar aqui de verdade...

— Precisei fazer ele parar o carro. Nellie, reserve quartos para hoje à noite.

— Aqui? — ela protestou. — Mas...

— O nome do hotel tem "gardens" no meio. Um hotel que tem jardins

não pode ser tão ruim.

— Hmmm, isso não quer dizer...

— Faz isso, por favor! — Amy se sentia estranha sendo tão mandona, mas não tinha tempo para discutir. — Encontramos você aqui de novo, daqui a... Não sei, duas horas.

— Por quê? — disse Dan. — Aonde a gente vai?

— Acabei de ver uma velha amiga. Vamos!

Ela o puxou para atravessar a rua, torcendo para não ser tarde demais. Com alívio, ela avistou seu alvo.

— Ali! — Amy apontou. — De vermelho!

Meio quarteirão adiante, uma mulher de xale vermelho andava num passo apressado. Havia algo enfiado embaixo do braço dela. Alguma coisa fina, quadrada, vermelha e branca.

Dan arregalou os olhos.

— Essa não é...

— Irina Sposky — disse Amy — E ela está com o nosso *Almanaque do Pobre Richard*. Siga aquela russa!

CAPÍTULO 12

DAN FICOU TENTADO A PARAR UMAS 20 VEZES ENQUANTO ELES seguiam Irina Spasky pela rua de Rivoli. (Ele ficou pensando se o nome queria dizer "rua do Ravioli", mas achou que Amy ia rir se ele perguntasse.) De vez em quando ele tinha vontade de olhar melhor as coisas — como a pirâmide de vidro muito legal no Louvre e os artistas de rua que faziam malabarismo com fogo em frente ao Jardim das Tulherias. Havia também um vendedor de *creme glacê* e Dan tinha quase certeza de que isso queria dizer sorvete. Mas, acima de tudo, ele queria parar porque seus pés estavam doendo.

— Será que ela nunca vai fazer uma pausa? — ele reclamou.

Amy não parecia nem um pouco cansada.

— Você não acha estranho nós termos encontrado justamente Irina Spasky entre 10 milhões de pessoas em Paris? — ela perguntou.

— Talvez os outros 9.999.999 não estejam de xale vermelho!

— Ela estava descendo uma rua importante, como se quisesse ser avistada.

— Você acha que é uma armadilha? — Dan perguntou. — Como ela poderia saber que a gente ia achá-la? E ela não olhou para trás nem uma vez. Não sabe que estamos aqui.

Porém, assim que disse isso, Dan lembrou de ter visto programas de tevê sobre espiões — sobre como eles conseguiam seguir alguém sem jamais ser notados, ou aparecer "por acaso" na linha de visão da vítima e atraí-la para uma armadilha. Será que Irina os estivera esperando no aeroporto? Será que

tinha visto eles entrarem na limusine com Jonah e dera um jeito de chegar ali antes?

—Olhe — disse Amy —, ela está virando!

Irina atravessou a avenida e desapareceu descendo um lance de escada.

— O metrô! Ela vai pegar o metrô — ela disse.

Os dois perderam tempo descobrindo como usar moedas de euro nas máquinas de bilhetes, mas, quando desceram a escada, Irina ainda estava lá, parada numa plataforma com o velho almanaque enfiado embaixo do braço. O trem estava chegando. Dan tinha certeza de que ela tentaria um daqueles truques de última hora, por isso esperaram até que as portas do trem estivessem fechando, mas Irina continuou lá dentro. Amy e Dan embarcaram também, e o trem partiu da estação.

Eles fizeram duas baldeações num curto espaço de tempo. Mesmo com o xale vermelho berrante de Irina, era difícil acompanhar o passo dela.

— Não entendo — disse Amy. — Agora ela está andando mais rápido, como se estivesse tentando nos *despistar*.

Dan estava sonhando com *créme glacée*. A lasanha que ele comera no avião já era coisa do passado, e sua barriga parecia estar tentando devorar a camisa.

Por fim, depois do terceiro trem, Irina caminhou para a saída da estação. Amy agarrou o braço de Dan e apontou para uma placa na parede.

— Passy — ela disse.

— E daí?

— Este é o bairro onde Benjamin Franklin morou.

— Então vamos! — disse Dan. — A Chapeuzinho Vermelho está fugindo.

Passy não parecia tão cheio de gente quanto Tulherias. As ruas eram ladeadas de prédios de quatro andares. Havia lojas de flores em toda parte, como uma explosão do dia das mães — tulipas, cravos, rosas, tudo o que pudesse fazer Dan espirrar. Ao longe, a Torre Eiffel se erguia diante das nuvens cinzentas, mas Dan estava mais interessado no cheiro de comida que sentia. A cidade inteira parecia feita de cafés ao ar livre. Ele sentiu cheiro de chocolate, pão quentinho, queijo derretido — mas não havia tempo para comer nada disso.

Irina andava como se seu vestido estivesse pegando fogo. Eles precisaram quase correr para acompanhar seu passo. Amy tropeçou num balde de flores e um parisiense a xingou.

— Desculpe! — Amy gritou para ele.

Eles viraram numa rua ladeada de árvores, com mansões que pareciam muito antigas. Na metade do quarteirão, havia uma van roxa mal estacionada. Era pintada com imagens de balões e rostos de palhaço, e nela se lia *CREME GLACÉE*. Dan teve uma injeção de ânimo. Talvez pudesse comprar rapidinho umas três bolas de cereja e baunilha para viagem. Mas, quando se aproximaram, ele viu que a van estava fechada. O para-brisa estava coberto por dentro por uma tela prateada. Era uma conspiração, concluiu Dan. A cidade inteira de Paris estava tentando matá-lo de fome.

No fim do quarteirão, Irina atravessou a rua e entrou num portão de ferro forjado. Ela andou até um grande prédio de mármore que parecia uma embaixada ou algo assim. Dan se escondeu atrás de uma coluna e ficou observando enquanto a russa digitava um código de segurança e entrava no prédio.

— Olhe o portão — disse Amy.

No centro havia uma placa em que se lia em letras douradas:



O brasão dos Lucian! Mas o que é um instituto de... hã... dessa coisa aí?

— Acho que é tipo uma escola de embaixadores — disse Amy. — Mas você não entende? Isso é só um

disfarce. Lembra o que Jonah disse? Paris é historicamente território dos Lucian.

— Esta deve ser a base secreta deles! — Os olhos de Dan se acenderam.

Amy concordou com a cabeça.

— A questão é, o que fazemos?

— Vamos entrar — disse Dan.

— Ah, é. Sem o código de segurança?

— 5910. Eu olhei ela digitar.

Amy olhou para ele espantada.

— Como você... desencana. Vamos D... Mas tome cuidado. Provavelmente ali tem câmeras e cães de guarda e esse tipo de coisa.

Eles se espremeram pelo portão e correram até os degraus da entrada. Dan digitou o código. A porta se abriu sem problemas. Nenhum alarme disparou. Nenhum cão de guarda latiu.

— Estranho — ele disse. Mas era tarde demais para se arrepender. Eles haviam entrado na base Lucian.

O saguão de entrada era maior que o apartamento inteiro deles. O chão era de mármore polido e um lustre pendia do teto. Havia algumas portas pretas mais adiante. À esquerda, uma escada em espiral levava a uma sacada.

— Veja — Dan apontou acima das portas. Uma câmera de segurança vasculhava a sala. Estava apontada para longe dos dois, mas não por muito tempo.

Então ele ouviu vozes vindas das portas duplas. Era alguém vindo na direção deles.

— Rápido! — Dan correu até a escada. Amy parecia querer discutir, mas não havia tempo. Ela subiu atrás dele.

O coração de Dan batia forte. Ele sempre imaginou que seria legal brincar de ladrão e entrar escondido na casa de alguém, mas, agora que estava fazendo aquilo de verdade, suas mãos estavam suando. O menino se perguntou se os franceses ainda jogavam ladrões em masmorras infestadas de ratos. Ele tinha visto uma coisa assim num musical a que Grace os levara.

Nas pontas dos pés, eles foram andando por um corredor no primeiro andar.

— Não entendo — sussurrou Dan. — Irina deve ser uma Lucian. Benjamin Franklin era um Lucian. Isso significa que Franklin era um dos vilões?

— Talvez não seja tão simples assim — disse Amy. — Veja.

Havia retratos pintados nas paredes. Napoleão Bonaparte, Isaac Newton, Winston Churchill e outros que Dan não reconheceu.

— Outros Lucian famosos — Amy supôs. — Não necessariamente bons ou maus. Mas sem dúvida muitas pessoas poderosas.

— E acabamos de invadir a casa deles.

Eles passaram por uma série de portas pesadas de carvalho, todas fechadas. Uma trazia a placa "LOGIS- TIQUE". Em outra, lia-se "CARTOGRAPHIES A última porta à direita dizia "ARSENAL".

— Legal!

— Dan, não! — Amy sussurrou, mas não dava mais tempo de impedi-lo. Dan abriu a porta do arsenal e entrou.

Um pouco tarde demais, ele pensou que talvez não fosse uma boa ideia entrar numa sala cheia de armas caso houvesse alguém ali dentro. Felizmente, não havia. O arsenal tinha uns 9 metros quadrados e estava lotado de coisas incrivelmente legais: caixas de balas de canhão, estantes de facas, espadas, varas, escudos e guarda-chuvas. Dan não entendeu direito os guarda- chuvas, mas imaginou que deviam servir para outra coisa além de proteger de um temporal.

— Não devíamos estar aqui! — Amy sussurrou.

— Puxa, você acha? — Dan pegou um caixote de madeira do tamanho de uma caixa de sapatos cheio de tubos de vidro com fios de cobre enrolados na parte de cima. — Ei, é uma daquelas pilhas de Franklin, como as que vimos no museu.

Amy franziu as sobrancelhas.

— O que isso está fazendo num arsenal?

— Não sei, mas vou pegar pra minha coleção! — Apesar dos protestos de Amy, Dan enfiou a pilha na mochila. Coube porque a mochila estava quase vazia. A única outra coisa que tinha ali era a foto dos pais, dentro do protetor de plástico, que ele decidira carregar com ele para dar sorte.

Uma caixa de ovos feita de isopor chamou a atenção dele. Ele abriu e achou uma única esfera de prata com luzinhas vermelhas que piscavam.

— Isso também é legal! — e jogou a esfera para dentro da mochila.

— Dan, não!

— Que foi? Eles têm um monte de outras coisas e não podemos dispensar nenhuma ajuda!

— Pode ser perigoso.

— Tomara que seja. — Ele estava admirando os *shurikens*, aquelas armas japonesas em forma de estrela, e pensando em também levar alguns, quando uma porta bateu com força em algum lugar do corredor.

— É bom que ela saiba o que está fazendo — disse um homem em inglês. — Se ela estiver errada...

Uma mulher respondeu em francês. Ambas as vozes foram sumindo no corredor.

— Vamos — insistiu Amy. — *Agora.*

Eles enfiaram a cabeça para fora da porta para ter certeza de que a barra estava limpa, então saíram do arsenal e foram penetrando no interior do prédio. No fim do corredor havia outra sacada, voltada para uma grande sala redonda. O que Dan viu então lembrava um centro de comando militar. Havia computadores nas paredes e, no meio da sala, uma mesa de conferência que parecia ser uma enorme tevê de tela plana. Irina Spasky estava sozinha, debruçada no tampo da mesa. Havia pilhas de papéis e pastas ao seu lado. Ela estava digitando comandos no tampo da mesa, ampliando e encolhendo imagens. Sua concentração se voltava para um mapa de satélite da cidade.

Dan não ousou falar, mas trocou olhares com Amy.

Quero um desses, ele disse a ela.

A expressão de Amy era: *Quieto!*

Eles se agacharam atrás do parapeito da sacada e observaram enquanto Irina dava *zoom* em diferentes

locais do mapa. Ela conferiu o *Almanaque do Pobre Richard* e em seguida pegou um bloco de papel e anotou alguma coisa. Então apanhou o livro e o bloco e saiu depressa da sal a, retornando para a entrada principal.

— Amy, vamos! — Dan passou a perna por cima do parapeito.

— Você vai quebrar as pernas!

— É só segurar a borda e soltar o corpo. Já fiz isso do telhado da escola um milhão de vezes. É fácil.

Ele fez isso. E foi fácil. Um segundo depois estavam ambos na mesa de conferência, olhando a imagem que ainda oscilava na tela: um ícone branco de alvo pairando sobre um ponto específico em Paris. O endereço brilhava em letras vermelhas: *rua des Jardins, 23*.

Dan apontou para uma faixa azul ao redor do ponto.

— Isso é água. O que significa que essa pequena mancha onde está o alvo deve ser uma ilha.

— A ilha de Saint-Louis — disse Amy. — Fica no rio Sena, bem no meio de Paris. Você consegue decorar esse endereço?

— Já decorei. — Então Dan notou outra coisa, uma foto que estava em cima dos arquivos de Irina. Ele pegou a foto e sentiu um enjoo no estômago.

— É ele. — Dan mostrou a foto a Amy. Era um homem mais velho de cabelo grisalho e terno preto, atravessando a rua. A foto estava borrada, mas devia ter sido tirada em Paris. Dan percebeu isso por causa dos prédios de pedra amarela e das placas em francês. — O homem de preto está aqui.

— Mas por que... — Amy ficou pálida.

Eles ouviram uma voz de algum lugar no corredor:

— ... *J'entends des mouvements. Fouillez le bâtiment.*

Dan não precisava entender francês para saber que aquilo significava encrenca. Ele e Amy correram na direção oposta à voz, seguindo por outro corredor.

— *Arrêtez! — um homem gritou atrás dele. Imediatamente, dispararam vários alarmes.*

— Ah, que ótimo! — disse Amy.

— Por aqui! — Dan virou num corredor. Não teve coragem de olhar para trás. Ouvia os perseguidores chegando mais perto, botas que batiam com força no chão de mármore.

— Barras! — avisou Amy.

As defesas automáticas do prédio deviam ter sido ativadas. Bem na frente deles, várias barras de metal estavam descendo do teto, bloqueando o corredor.

— Escorrega! — gritou Dan.

— O quê? — Amy perguntou, olhando de relance para os guardas.

Dan correu para a frente e se jogou no chão como se estivesse num escorregador de água, deslizando por baixo das barras.

— Vamos!

Amy hesitou. As barras estavam baixando — agora a um metro do chão, agora a 70 centímetros. Atrás dela, dois fortões em trajes pretos de segurança se aproximavam depressa, armados com cassetetes.

— Amy, agora!

Ela se jogou no chão e rastejou por baixo das barras. Dan a puxou bem no instante em que elas bateram no piso. Os guardas tentaram agarrá-los através das barras, porém Dan e Amy já estavam correndo.

Eles acharam uma porta aberta e mergulharam dentro de um salão.

— A janela! — disse Dan.

Uma cortina de malha de metal estava se fechando por cima do vidro. Metade já tinha descido. Não havia tempo para pensar. Dan pegou um busto de Napoleão da mesinha de centro e o arremessou contra o vidro. *CRASHl* Ele ouviu os guardas no corredor gritando por cima da algazarra de alarmes.

Dan chutou para fora os cacos de vidro que ainda sobraram.

— Vai! — ele disse a Amy. Ela se enfiou pela janela e ele foi atrás, tirando o pé esquerdo segundos antes de a cortina de metal bater no caixilho da janela. Os dois cruzaram o jardim em grande velocidade, escalaram os portões de ferro e atravessaram a rua. Agacharam- -se atrás da van roxa de sorvete e deitaram no chão, ofegantes. Dan olhou para trás, mas não havia sinal de ninguém os seguindo. Pelo menos, não ainda.

— Não vamos fazer isso de novo — disse Amy.

O coração de Dan batia rápido. Agora que estava fora de perigo, ele percebeu como tinha se divertido.

— Quero um arsenal! E uma dessas mesas com tela de computador. Amy, precisamos montar nosso próprio quartel-general secreto!

— Ah, claro — disse Amy, ainda ofegante. Ela tirou do bolso algumas moedas e notas. — Ainda tenho 253 euros. Você acha que dá para comprar um quartel-general secreto?

Dan sentiu um aperto no coração. Ela não precisava ser tão maldosa, mas tinha razão. Eles estavam

torrando depressa o dinheiro. Dan não tinha muito mais que ela. A maior parte fora dada a Nellie, parei pagar as despesas da viagem, porém ainda assim *não* era muito. Se eles precisassem pegar um avião para outro lugar depois de Paris... Ele decidiu não pensai nisso. Uma coisa por vez.

— Vamos voltar pro metrô — ele disse.

— Sim. Voltar para Nellie. Ela deve estar preocupada.

Dan fez que não com a cabeça.

— Não dá tempo. Rua des Jardins, 23. Precisamos descobrir o que tem naquela ilha e chegar lá antes da Irina!

CAPÍTULO 13

ENQUANTO ISSO, DENTRO DA VAN DE SORVETE, OS HOLT ESTAVAM estrangulando uns aos outros.

Madison estava nas costas de Hamilton, macetando a cabeça dele com uma caixa de picolé de chocolate. A mãe, Mary-Todd, tentava separá-los. Reagan e Arnold, o pit bull, brincavam de cabo de guerra com um pacote de sorvete de baunilha. Eisenhower, o exausto chefe da família, berrou:

— Parem! Batalhão, SENTIDO!

Hamilton e Madison se separaram e prestaram atenção ao pai, largando os picolés. Mary-Todd espa- nou a sujeira da roupa com as mãos, olhou feio para os filhos, depois se colocou na fila. Reagan segurou o sorvete de baunilha em posição de apresentar armas. Arnold rolou para o lado e se fingiu de morto.

— Muito bem! Eu não vou deixar que essa família se mate por causa de laticínios congelados!

— Mas pai... — balbuciou Reagan.

— Silêncio! Eu disse que vocês iam ganhar sorvete *depois* de concluirmos a missão. E isso não vai acontecer enquanto eu não receber um *relatório!*

— Pai, permissão para relatar! — disse Madison batendo continência.

— Prossiga.

— A escuta microfônica funcionou.

— Ótimo. Os pirralhos pegaram o livro?

Madison se mexeu um pouco, desconfortável.

— Não sei, senhor. Mas estão indo para o número 23 da rua des Jardins, na ilha de Saint-Louis.

— Isso se você anotou o número certo desta vez — provocou Hamilton.

— Aquilo não foi culpa minha! — O rosto de Madison ficou vermelho.

— Nós caímos no rio Sena com o carro alugado!

— Ah, e as suas ideias são brilhantes, Hammy. Tipo aquela explosão idiota que acertou a equipe errada no museu! Ou o incêndio na mansão de Grace!

— Parem de gritar! — Mary-Todd berrou. — Crianças, não podemos ficar discutindo uns com os outros. Isso prejudica o espírito de equipe.

— Sua mãe tem razão — Eisenhower disse. — O incêndio na mansão e a bomba no museu foram ideias ruins. Devíamos ter pulverizado pessoalmente aqueles Cahill pentelhos!

Arnold latiu empolgado e tentou morder o nariz de Eisenhower.

Reagan franziu as sobrancelhas. Ela trocava o peso de um pé para o outro, incomodada.

— Mas... é... pai...

— Algum problema, Reagan?

— Bem, a explosão... Eles podiam ter morrido, né? — perguntou meio hesitante.

— Oh, de novo essa história! — disse Madison revirando os olhos. — Você está amolecendo, Reagan!

— Não estou! — ela gritou. O rosto de Reagan ficou vermelho.

— Está sim!

— Quietas! — Eisenhower berrou. — Agora, todos, prestem atenção. Vamos ter que usar medidas drásticas para vencer esta busca. Não quero ver ninguém amolecendo! Entendido?

Ele olhou feio para Reagan, que olhava fixamente para o chão.

— Sim, senhor.

— Sabemos que Dan e Amy eram os favoritos de Grace — Eisenhower continuou. — O velho McIntyre provavelmente está passando informações privilegiadas para eles. Agora os dois entraram na base Lucian antes de nós, enquanto tentávamos fazer espionagem, o que *também* foi uma má ideia! Nós vamos tolerar mais alguma ideia ruim?

— Não, senhor! — as crianças gritaram.

— Eles acham que não somos inteligentes — disse Eisenhower. — Acham que só sabemos mostrar os músculos. Ora, eles vão descobrir que sabemos fazer muito mais que isso! — Eisenhower mostrou seus músculos.

— Trabalho em equipe! — gritou Mary-Todd. — Certo, crianças?

— Sim, senhora! Trabalho em equipe!

— *Arfil* — disse Arnold.

— Vejam — disse Eisenhower. — Temos que pegar aquele livro. Devemos supor que aqueles pirralhos estão com ele, ou sabem o que ele contém. Precisamos chegar à ilha de Saint-Louis, *sem* mergulhar com o carro dentro do rio! Quem vem comigo?

Mary-Todd e os filhos deram vivas. Então se lembraram do sorvete e as crianças voltaram a se estrangular.

Eisenhower deu um grunhido. Decidiu deixar que eles brigassem por um tempo. Talvez ajudasse a fortalecer o caráter.

A vida inteira as pessoas riram de Eisenhower pelas costas. Riram quando ele foi expulso da academia militar de West Point. Riram quando ele não passou no exame de admissão do FBI. Riram até daquela vez em que ele trabalhava como segurança, quando estava perseguindo um ladrão e sem querer disparou um choque na própria bunda. Um erro simples. Qualquer um podia ter feito isso.

Quando ganhasse aquele concurso, ele se tornaria o Cahill mais famoso de todos os tempos. Ninguém jamais riria da cara dele de novo.

Ele bateu com o punho na caixa registradora da van. Aqueles moleques Cahill estavam começando a dar nos nervos. Eram parecidos demais com os pais, Arthur e Hope. Eisenhower conhecera muito bem *aqueles dois*. Tinha velhas contas a acertar com os Cahill.

Em breve, Amy e Dan Cahill pagariam.

CAPÍTULO 14

AMY ERA A FAVOR DE CORRER PARA A ILHA DE SAINT-LOUIS, MAS seu estômago tinha outras ideias. Eles passaram por uma *boulangerie*, que devia ser uma padaria, a julgar pelo cheiro apetitoso, e trocaram olhares entre si.

— Só uma paradinha — disseram juntos.

Alguns minutos depois estavam sentados no cais do rio, compartilhando a melhor refeição que já tinham comido. Era apenas um pão, mas Amy nunca provara nada tão gostoso.

— Está vendo aquilo? — Amy apontou para o topo de uma igreja ali perto, onde uma haste de ferro preto se erguia da torre do sino. — É um para-raios.

— Ahã — Dan respondeu de boca cheia.

— Os franceses foram os primeiros a testar as teorias de Franklin sobre os para-raios. Muitos prédios antigos ainda têm modelos originais de Frankün.

— Mmm! — Dan disse entusiasmado, mas Amy não teve certeza se ele estava gostando da história ou do pão.

O sol estava se pondo atrás de uma muralha de nuvens negras. Trovões ressoavam ao longe, mas os parisienses não pareciam muito preocupados. A beira do rio estava lotada de gente correndo e andando de patins. Um barco cheio de turistas seguia roncando pelo Sena.

Amy tentou ligar para Nellie do celular dos Starling, mas o telefone estava mudo. Pelo jeito, não estava programado para receber sinal na França.

Seus nervos ainda estavam afetados pela invasão da base Lucian. Apesar

de toda aquela segurança, ainda parecia que eles tinham entrado e saído dali com muita facilidade e ela não sabia direito por quê. Ela também não gostava daquelas coisas que Dan tinha roubado — a pilha de Franklin e a estranha bola de metal. No entanto, não era boba de discutir com ele sobre isso. Quando ele punha as mãos em alguma coisa, quase nunca largava.

Ela se perguntou como Irina Spasky teria tomado o livro do tio Alistair, e por que estaria interessada na ilha de Saint-Louis. Parecia uma armadilha, mas era a única pista que Amy tinha, ou pelo menos a única em que queria pensar. A anotação da sua mãe no *ALMANAQUE DO POBRE RICHARD — Sigam o Labirinto dos Ossos* — ainda a deixava arrepiada.

Amy tentou imaginar o que a mãe ou Grace fariam em seu lugar. Elas seriam mais corajosas. Saberiam com mais clareza o que fazer. A mãe dela uma vez jd havia procurado as mesmas pistas. Amy agora tinha certeza disso. Grace queria que a neta enfrentasse o desafio, mas e se ela não estivesse à altura?

Até agora, ela tinha a sensação de estar fazendo um péssimo serviço. Sempre que precisava falar em voz *alta,* não conseguia. As outras equipes provavelmente a achavam patética, gaguejando daquele jeito. Se não fosse por Dan, ela estaria perdida. Só de pensar nisso, sentia um nó se formar na garganta.

Eles terminaram de comer o pão. Amy sabia que precisavam ir logo. Ela olhou para o céu que escurecia e tentou lembrar detalhes dos guias turísticos de Paris.

— Não tem linhas de metrô para a ilha de Saint- -Louis. Vamos ter que ir a pé.

— Vamos lá! — Dan ficou de pé num pulo.

Amy não acreditou na rapidez com que ele tinha recuperado o ânimo. Alguns minutos atrás, estava reclamando de dor nos pés e da mochila pesada. Agora, só com um pedaço de pão, estava novinho em folha. Amy queria ser assim. Ela tinha vontade de se deitar e dormir por um século, mas não ia dizer isso a Dan.

Já estava escuro quando eles chegaram à ponte Louis-Philippe. A velha ponte de pedra era ladeada de postes de luz que brilhavam refletidos na água.

Do outro lado, erguia-se um amontoado de árvores e mansões, a ilha de Saint-Louis. Ao norte havia uma ilha maior, com uma enorme catedral iluminada em amarelo.

— Aquela ali é a ilha de la Cité. — Amy disse enquanto eles atravessavam a ponte, mais para se manter calma do que para outra coisa. — E aquela é a catedral de Notre-Dame.

— Legal! Será que dá pra ver o corcunda?

— Hmmm... talvez mais tarde. — Amy decidiu não contar que o corcunda de Notre-Dame era só um personagem de um livro. — Enfim, essa ilha menor aonde nós vamos, a Saint-Louis... os guias turísticos não diziam quase nada sobre ela. A maior parte da ilha são casas antigas, lojas e coisas assim. Nao sei por que Irina estaria procurando alguma coisa aqui.

— Nada a ver com a história de Ben Franklin?

Amy fez que não com a cabeça.

— Antigamente era chamada de ilha das Vacas, pois só vacas viviam aqui. Então a transformaram num bairro.

— Vacas — disse Dan. — Emocionante.

Depois das outras partes de Paris que eles tinham visto, a ilha de Saint-Louis parecia uma cidade-fantas- ma. As ruas estreitas eram ladeadas de velhos prédios elegantes de cinco andares e telhados pretos. A maioria das janelas estava escura. Muitas lojas estavam fechadas. Postes de luz lançavam sombras estranhas por entre os galhos das árvores, desenhando monstros nas paredes. Amy era crescida o suficiente para não acreditar em monstros, mas mesmo assim ficou perturbada com as sombras.

Um casal de idosos atravessou a rua na frente deles. Amy se perguntou se seria sua imaginação ou se eles de fato tinham lançado um olhar suspeito na sua direção antes de sumir numa viela. No quarteirão seguinte, um homem de boina estava passeando com um labrador. Ele sorriu ao passar pelos dois irmãos, mas seu rosto fez Amy pensar em Ian Kabra — como se ele soubesse um segredo.

Você só está ficando paranoica, ela disse a si mesma. Ou seria possível que outras pessoas estivessem procurando as pistas, pessoas que nem faziam parte das sete equipes? Ela olhou para Dan, mas decidiu não falar nada a respeito...

ainda não. fá bastava a competição para eles se preocuparem.

Depois de mais uns cem metros, eles acharam a rua des Jardins. Era mais estreita que as ruas em volta, com prédios de pedra antiga que talvez estivessem ali havia séculos.

Amy estava contando os números da rua, quando parou de repente.

— Dan... Rua des Jardins, 23. Tem certeza?

— Tenho. Por quê?

Amy apontou. Não havia prédio nenhum no número 23. Em vez disso, rodeado por uma cerca de ferro enferrujado, havia um minúsculo cemitério. Nos fundos, erguia-se um mausoléu de mármore. Na frente, uma dúzia de lápides castigadas pelo tempo, inclinadas em várias direções, como dentes tortos.

O cemitério ficava entre dois prédios altos. No da direita se lia a palavra "MUSÉE". O da esquerda devia ter sido algum tipo de loja em outra época, mas as janelas estavam pintadas de preto e havia tábuas de madeira bloqueando a porta. A única luz era o leve brilho alaranjado do céu da cidade, que tornava o lugar ainda mais sinistro.

— Não gosto disso — disse Amy. — Esse lugar não pode ter nenhuma conexão com Franklin.

— Como você sabe? Nem procuramos ainda. E estes túmulos parecem legais!

— Não, Dan. Você *não pode* fazer decalques das lápides com carvão.

— Ah... — Ele passou pelo portão do cemitério, e Amy não teve escolha senão segui-lo.

Os túmulos não diziam nada aos dois. Em outros tempos talvez tivessem epitáfios, porém os séculos ali- saram as superfícies. O pulso de Amy estava acelerado. Havia alguma coisa errada. Ela mexeu e remexeu no cérebro, tentando entender por que aquele lugar teria sido importante para Ben Franklin, entrentanto não conseguiu pensar em nada.

Com cuidado, aproximou-se do mausoléu. Ela sempre detestou túmulos acima do chão. Lembravam casas de boneca para gente morta.

As portas de ferro estavam abertas. Amy hesitou em se aproximar. A três metros de distância, não conseguia ver nada de especial lá dentro — apenas

velhas placas com nomes forrando as paredes. No entanto, uma placa de mármore jazia no chão em frente à porta. Com um susto, Amy percebeu que a inscrição era muito mais nova que o resto do cemitério. Parecia recém-entalhada.



— Opa — disse Dan. — Por que os nossos nomes...

— É algum tipo de mensagem... — Amy nunca quis tanto saber francês como naquele momento. Se conseguisse voltar para o hotel, prometeu a si mesma que faria Nellie lhe dar aulas.

— Vamos entrar, né? — disse Dan.

— Não, é uma armadilha!

Mas ele deu um passo à frente e o chão desabou. A placa de mármore despencou no vazio e Dan foi junto.

— Dan!

Ela correu até a borda do buraco, só que o chão não tinha terminado de desmoronar. Pedra e terra se rasgaram feito pano sob os pés dela, e Amy também caiu na escuridão.

Por um segundo ficou tonta demais para pensar. Tossiu, e seus pulmões se encheram de pó. Ela estava sentada em alguma coisa macia e quente...

— Dan! — Em pânico, ela saiu de cima do irmão e sacudiu os braços dele, mas estava escuro demais para enxergar. — Dan, por favor, esteja vivo!

— *Uf* — ele resmungou.

— Você está bem?

— Minha irmã sentou em cima de mim com a bunda ossuda dela. É claro

que não estou bem.

Amy deu um suspiro de alívio. Se ele estava reclamando é porque devia estar bem. Ela ficou de pé, meio cambaleando, com terra e pedras deslizando sob seus pés. Olhou para cima e viu a boca do buraco tosco onde eles tinham caído.

— O chão era oco — ela disse em voz baixa. — A terra aqui é de calcário. Tem várias cavernas e túneis no subterrâneo de Paris. Acho que caímos em um deles por acidente.

— Acidente? A Irina nos atraiu pra cá de propósito!

Amy sabia que provavelmente ele tinha razão, mas não queria pensar nisso... nem no que podia acontecer depois. Eles precisavam sair dali. Ela tateou as paredes do buraco, mas era só aquilo mesmo: um buraco. Não havia túneis, nenhuma saída a não ser por cima. E eles tinham caído a mais de três metros de profundidade. Era um milagre não terem quebrado nenhum osso.

De repente, uma luz veio de cima e ofuscou a visão de Amy e Dan.

— Ora, ora — disse uma voz de homem.

— *Arf!* — fez um cachorro.

Quando os olhos de Amy se ajustaram à luz, ela viu cinco figuras de agasalho esportivo roxo sorrindo para eles, e um pit bull muito empolgado.

— Os Holt! — disse Dan. — Faz sentido. Vocês ajudaram Irina a armar isso pra nós!

— Ah, não vem com essa, fracote — Madison gritou. — Nós não armamos nada.

— É isso mesmo — disse Reagan. — Vocês caíram sozinhos.

Ela e Madison trocaram um "toca aqui" e caíram na gargalhada.

As mãos de Amy começaram a tremer. Era igualzinho aos seus pesadelos... presa num buraco, um monte de gente rindo dela. Mas aquilo era *real*.

— Então — Eisenhower Holt gritou. — É isso que vocês estavam procurando, pirralhos? Esse é o Labirinto dos Ossos?

O coração dela vacilou.

— Do que... do que você está falando?

— Ora, vamos, mocinha! Nós sabemos tudo sobre o Labirinto dos

Ossos. Nós lemos o *Almanaque*.

— Vocês estão com o livro? Mas Irina...

— Roubou de nós — rosnou Eisenhower. — Depois que nós roubamos do coreano. Então fomos vigiar o quartel-general dela, mas *vocês* entraram lá antes que conseguíssemos atacar. Agora vocês estão com o livro e vieram para cá, o que significa que sabem de alguma coisa que nós não sabemos.

— Mas nós não estamos com o livro! — Amy disse. — Nem tivemos chance de...

— Ora, vamos — disse Hamilton. O gel em seu cabelo loiro brilhava na noite. — Estava bem ali na página 52. *BF: Labirinto dos Ossos, coordenadas no quadrado.* Era a letra da sua mãe. Meu pai reconheceu.

Todo o corpo de Amy tremia. Ela odiava aquilo, contudo não conseguia evitar. Os Holt tinham lido mais do livro do que ela. Tinham encontrado outra mensagem de sua mãe: *Labirinto dos Ossos, coordenadas no quadrado.* Ela entendia a parte do Labirinto dos Ossos, ou pelo menos temia entender, mas coordenadas num quadrado?

— Eu... eu não sei o que isso quer dizer. Não estamos com o livro. Mas se vocês nos tirarem daqui, quem sabe podemos...

— Ah, lógico! — caçoou Madison. — Até parece que vamos ajudar vocês!

Eles começaram a rir de novo. Toda a família Holt estava tirando sarro dela.

— Por favor, parem — ela sussurrou. — Não...

— Ó, ela vai chorar. — Hamilton sorriu. — Cara, vocês dois são patéticos. Nem acredito que escaparam do incêndio e da bomba.

— *O quê?* — Dan gritou. — Foram *vocês* que botaram fogo na mansão da Grace? *Vocês* detonaram aquela bomba no museu?

— Para atrasar vocês — Eisenhower admitiu. — Devíamos ter dado uma surra em vocês pessoalmente. Desculpem-nos por isso.

Dan jogou uma pedra, mas ela passou voando inofensiva por entre as pernas de Reagan.

— Seus cretinos! Tirem a gente DAQUI!

Reagan franziu a testa, mas Madison e Hamilton começaram a gritar com

Dan. Arnold latia. Amy sabia que aquilo não ia dar em nada. Eles precisavam convencer os Holt a tira-los dali, mas ela não conseguia fazer sua voz funcionar. Tinha vontade de se encolher e se esconder.

Então sentiu o chão tremer. Ouviu-se um ronco forte como o de um grande motor. Os Holt viraram na direção da rua e pareceram perplexos com o que viram.

— Seus... espertinhos! — Eisenhower olhou feio para eles. — Isso foi uma emboscada, não foi?

— Do que você está falando? — Dan perguntou.

— Tem um caminhão bloqueando o portão! — disse Mary-Todd. — Uma betoneira.

— Pai, olhe — Reagan disse, nervosa. — Eles trouxeram pás.

O sensor de perigo de Amy começou a apitar. Dan olhou para ela, e ela soube que ele estava pensando a mesma coisa.

— Eles vão encher o buraco de cimento — disse Dan. — Não vão?

Ela fez que sim com a cabeça.

— Senhor Holt! — Dan pulava como Arnold, o cão, mas não conseguia alcançar o topo do buraco. — Vamos, vocês precisam nos tirar daqui! Vamos ajudar vocês!

O senhor Holt deu um bufo de desprezo.

— Vocês nos arrastaram para esta cilada! Além disso, vocês, fracotes não sabem brigar.

— Pai — disse Reagan. — Talvez seja melhor...

— Quieta — rosnou Hamilton. — Deixa isso com a gente!

— Reagan! — gritou Dan. — Vamos! Fala pra eles tirarem a gente daqui.

Reagan apenas franziu as sobrancelhas e ficou olhando para o chão.

Dan olhou para Amy, desesperado.

— Você precisa fazer alguma coisa. Diga a eles que entende o que o livro diz!

As palavras, porém, não vinham. A sensação de Amy era de que já estava coberta de cimento. Seu irmão precisava dela. Ela tinha que dizer alguma coisa. Mas apenas ficou ali paralisada, indefesa, se odiando por ser tão medrosa.

— EEEI! — Dan gritou para cima. — Amy sabe o que a pista significa! Ela vai contar pra vocês se nos tirarem daqui!

O senhor Holt fez uma careta. Amy sabia que ele não ia engolir aquilo. Eles ficariam presos ali para sempre, cobertos de cimento. Então o senhor Holt tirou a jaqueta do agasalho e a baixou para dentro do buraco.

— Segurem a manga — ele disse.

Em segundos, Amy e Dan estavam fora do buraco. De fato, uma betoneira tinha bloqueado os portões do cemitério. Seis brutamontes de macacão e capacete de segurança estavam enfileirados na cerca, carregando pás como se estivessem prontos para lutar.

— Muito bem, time — disse o senhor Holt com satisfação. — Vamos mostrar pra eles como é que se faz... no estilo Holt!

A família inteira correu para a frente. O senhor Holt agarrou a pá do primeiro brutamontes e a arremessou, com o homem ainda segurando nela, em direção à lateral da betoneira. *JOIN!* As meninas, Madison e Reagan, deram uma cabeçada tão forte num brutamontes que ele voou para o outro lado da rua e quebrou a vitrine de uma floricultura. Arnold mordeu o. perna do terceiro e a manteve presa com mandibular de ferro. Mary-Todd e Hamilton derrubaram o quarto na rampa atrás do caminhão. A cabeça dele bateu numa alavanca e começou a derramar cimento.

Infelizmente, ainda sobraram dois brutamontes, que correram direto para cima de Amy e Dan- O medo apertou a garganta de Amy. Ela reconheceu *o* rosto deles — eram os seguranças da base dos Lucia*[1]- Antes que ela tivesse tempo de pensar num plano, Don abriu a mochila e tirou sua esfera prateada piscante.

— Dan, não! Você não pode fazer...

Mas ele fez.

Por mais que adorasse beisebol, Dan era *o* pior arremessador do mundo. A esfera passou voando pelos dois atacantes e explodiu aos pés do senhor Holt com um clarão amarelo ofuscante. O som foi como uma marreta acertando o maior tambor do mundo. Amy ficou vesga. Quando recuperou os sentidos, viu a família Holt inteira e os caras com quem eles estiveram brigando caídos no chão, nocauteados — exceto justamente os dois

brutamontes que Dan tentara acertar. Eles só estavam atordoados, cambaleando e balançando a cabeça.

Amy olhou para Dan, horrorizada.

— O que você fez?

Dan parecia surpreso.

— Hmmm, acho que era uma granada de concussão. Como a que tinha no museu! Eu nocauteei eles.

Os dois brutamontes que ainda estavam de pé piscaram algumas vezes, depois focaram novamente em Dan e Amy. Eles não pareciam contentes.

— Corra! — Dan puxou Amy para trás do mausoléu, porém não havia para onde ir, apenas outra cerca de ferro e, uns poucos metros atrás, os fundos de um prédio. Eram paredes de tijolos, com quase 10 metros de altura.

Desesperados, eles escalaram a cerca assim mesmo. A camisa de Amy ficou enganchada no topo, porém Dan a soltou. Juntos eles se espremeram contra a parede dos fundos. Havia um beco. Não havia saída. Estavam encurralados. Se ao menos tivessem uma arma... e então Amy percebeu que o cérebro dela não estava mais paralisado pelo medo. A explosão a trouxera de volta a si. Ela sabia do que eles precisavam.

— Dan, a pilha de Franklin!

— De que *isso* vai servir?

Ela abriu a mochila dele e tirou a pilha. Os dois brutamontes avançaram com receio, provavelmente se perguntando se Dan tinha mais alguma granada. Amy desenrolou os fios de cobre da pilha e conferiu se as pontas estavam descascadas.

— Espero que esteja carregada.

— O que você está fazendo? — Dan perguntou.

— Franklin costumava fazer isso por diversão! Para assustar os amigos. Talvez se tiver fluido suficiente...

Os homens tinham chegado à cerca. Um deles rosnou alguma coisa em francês. Soou como uma ordem para os dois se renderem. Amy fez que não com a cabeça.

Os seguranças começaram a escalar a cerca, e Amy pulou para a frente. Ela encostou os fios na cerca e os homens gritaram de surpresa. Voaram

faíscas azuis das barras de metal. Saiu fumaça das mãos dos brutamontes e eles caíram para trás, atordoados. Amy soltou a pilha.

— Vamos! — ela berrou.

Num piscar de olhos, eles pularam a cerca e saíram correndo do cemitério, passando pelos Holt inconscientes, pelos brutamontes e pela betoneira capotada.

Amy sentiu uma ponta de remorso por deixar os Holt nocauteados para trás, mas não havia escolha.

Os dois não pararam de correr até que chegaram à metade da ponte Louis-Philippe. Amy dobrou o corpo para a frente, fazendo esforço para respirar. Pelo menos eles estavam em segurança. Tinham sobrevivido á armadilha.

Mas, quando ela olhou para trás, viu uma coisa que a assustou mais que o cemitério. Parado nas sombras ao pé da ponte, uns cem metros atrás no caminho por onde eles tinham vindo, estava um homem alto de cabelo grisalho e sobretudo preto.

E Amy tinha certeza de que o homem estava olhando para eles.

CAPÍTULO 15

DAN PENSOU QUE NELLIE FOSSE MATA-LOS. NUNCA TINHA VISTO O rosto dela naquele tom de vermelho antes.

— Vocês fizeram o *quê?* — Ela andava de lá para cá no minúsculo quarto do hotel. — *Duas horas*, vocês disseram. Duas horas. E eu fiquei parada na frente do hotel, tipo, *infinito,* e vocês não vieram. Vocês não ligaram. Eu achei que vocês tinham morrido!

Ela sacudia enfaticamente o iPod, e os fones soltos dançavam pelo ar.

— Nosso telefone não funcionou — Amy disse num tom inocente.

— Tivemos um contratempo — Dan acrescentou. — Tinha uma granada de concussão, uma betoneira e uma pilha. E um pão.

Dan tinha quase certeza de que aquilo cobria todos os detalhes importantes, mas Nellie parecia não ter entendido.

— Comecem do começo — ela disse. — E *chega de mentiras.*

Talvez tenha sido só porque estava cansado demais para mentir, mas Dan contou a ela a história inteira, até mesmo sobre as 39 pistas, enquanto Amy complementava os detalhes que ele esquecia.

— Então vocês quase morreram — Nellie disse numa voz baixinha. — Aqueles cretinos iam jogar cimento em vocês.

— Talvez fosse só um cimentinho — Dan disse.

— Vocês lembram o que estava escrito na lápide? — Nellie perguntou.

Dan não sabia nada de francês, mas memorizara automaticamente as palavras da placa de mármore, e as repetiu para Nellie.

— “Aqui jazem Amy e Dan Cahill" — ela traduziu —, "que meteram o nariz nos negócios dos outros”.

— Foi culpa de Irina Spasky! — disse Dan. — Ela nos enganou pra irmos até lá. Foi tudo armação dela, desde o início.

— E não temos nem como te pagar — Amy acrescentou, desconsolada. — Não temos nem dinheiro suficiente para voltar para casa, Eu... eu sinto muito mesmo, Nellie.

Nellie ficou imóvel. Sua sombra de olho com glitter era vermelha hoje, o que fazia seus olhos parecerem ainda mais furiosos. Seus braços estavam cruzados na frente da camiseta, que mostrava uma foto de um roqueiro punk gritando. Ela parecia bem assustadora. Então agarrou Amy e Dan e os abraçou com força.

Ela se ajoelhou para olhá-los nos olhos.

— Ainda tenho crédito sobrando no meu cartão. Vamos ficar bem.

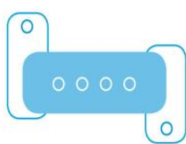
Dan estava confuso.

— Mas... você não vai matar a gente?

— Eu vou ajudar vocês, seu besta. — Nellie sacudiude leve os ombros dele. — Ninguém vai mexer com vocês enquanto eu for a babá.

— Enquanto você for a *au pair* — Dan corrigiu,

— Tanto faz! Agora é bom vocês dormirem. Amanhei vamos estapear umas pessoas sem noção.



Maison des Gardons não significava "casa dos jardins". Pelo jeito, *gardons* devia significar "baratas". Dan imaginou isso porque ouviu perninhas rastejando no chão a noite inteira. Ele desejou que Saladin estivesse ali. O gato se divertiria muito brincando de *caçador*.

De manhã, todos estavam com olheiras, mas tomaram banho e trocaram de roupa. Nellie voltou do café da esquina com chocolate quente para Dan e Amy, café para ela e *pain au chocolat* para todos. Dan achou que um país que

comia chocolate no café da manhã na o podia ser tão ruim,

— Então — disse Dan —, posso pegar mais umas granadas hoje?

— Não! — disse Amy. — Dan, foi sorte sua que era só uma granada de concussão. Você podia ter dizimado toda a família Holt.

— E isso teria sido ruim por que mesmo?

— Ok, agora chega — disse Nellie. — O importante é que vocês estão em segurança.

Amy cutucou seu croissant. Ela estava pálida. Seu cabelo estava todo emaranhado.

— Dan, desculpa por ontem à noite. Eu... eu entrei em pânico. Quase morremos por minha culpa.

Dan já tinha quase esquecido essa parte. Ele tinha ficado chateado com ela na hora, mas era difícil continuar bravo quando Amy fazia aquela cara de coitada e pedia desculpa. Além disso, ela tinha feito aquela coisa legal com a pilha, que compensou o fato de ela ter entrado em pânico.

— Não encana com isso — ele disse.

— Mas se acontecer de novo...

— Ei, se deixarmos Irina nos atrair para uma armadilha outra vez, somos mais burros que os Holt.

Amy não parecia muito consolada.

— O que eu não entendo é o homem de preto. Por que ele estava lá ontem à noite? E se os Holt causaram o incêndio e armaram a explosão no museu...

— Então o que o homem de preto estava fazendo nos dois lugares? — Dan concluiu. — E por que Irina tinha uma foto dele?

Ele esperou que Amy soltasse um "ah, eu já fiz um trabalho sobre isso", mas ela só continuou olhando feio para o café da manhã.

— Talvez seja melhor vocês se concentrarem em pensar aonde vamos agora — aconselhou Nellie.

Amy respirou fundo.

— Acho que eu sei aonde ir. Dan, posso usar seu computador?

Ele olhou de um jeito estranho para ela, pois Amy não gostava de computadores. Mas por fim o entregou para a irmã, que começou a procurar

alguma coisa na internet.

Depois de pouco tempo de pesquisa, ela deu um sorriso e virou a tela para eles verem. A foto mostrava uma pilha de ossos numa sala escura de pedra.

— Faz um tempo que eu tenho essa suspeita — disse Amy —, só que eu estava torcendo para estar errada porque é perigoso. O *Labirinto dos Ossos*. Era isso que dizia a anotação de mamãe no *ALMANAQUE DO POBRE RICHARD*. Precisamos explorar as Catacumbas.

— As gatacumbas? É onde eles guardam os gatos? — Dan perguntou.

Parecia uma pergunta perfeitamente razoável para ele, mas Amy fez cara de "como você é burro".

—As Catacumbas são um labirinto subterrâneo — ela explicou. — Eu te disse que Paris é repleta de cavernas e túneis, não disse? Todo o calcário que eles usaram para construir a cidade, desde os tempos do Império Romano, foi retirado de debaixo da terra, deixando toda uma rede de espaços vazios. Alguns são apenas buracos, como aquele em que caímos ontem.

— E alguns são redes de túneis — disse Nellie.

— Pois é, eu lembro de ter ouvido falar disso. E eles são cheios de ossos, né?

—Eu quero um quarto decorado com ossos! — disse Dan. — De onde os ossos vieram?

— De cemitérios — disse Amy. — No século XVIII, os cemitérios estavam lotados demais, por isso eles decidiram desenterrar um monte de corpos antigos — todos os ossos deles — e transferi-los para as Catacumbas. O ponto é... olhe as datas. Está vendo quando eles começaram a transferir ossos para as Catacumbas?

Don olhou para a tela espremendo os olhos. Não entendia do que ela estava falando.

— Foi no meu aniversário?

— Não, besta. *Olhe*. 1785. A inauguração oficial foi só no ano seguinte, mas eles começaram a planejar o projeto e a transportar os ossos em 1785. Que também foi o último ano em que Benjamin Franklin esteve em Paris.

— Nossa. Você quer dizer que...

— Ele escondeu alguma coisa ali embaixo.

O silêncio foi tanto que Dan conseguiu ouvir baratas andando dentro do armário.

— Então — disse Nellie —, temos que entrar num labirinto subterrâneo cheio de ossos e encontrar... alguma coisa.

Amy confirmou com a cabeça.

— Só que as Catacumbas são enormes. Não sabemos nem onde começar a procurar. A única coisa que eu consigo pensar é que... tem uma única entrada pública. Aqui diz que fica em frente à estação de metrô Denfert-Rochereau.

— Mas se essa é a única entrada pública — Dan disse —, então as outras equipes também vão para lá. Estão todos roubando o *Almanaque* uns dos outros. Eles vão acabar descobrindo o que é o Labirinto dos Ossos, isso se já não descobriram.

— Por mim tudo bem. — Nellie limpou da camisa as migalhas de chocolate e pão. — Vamos lá encontrar sua família.

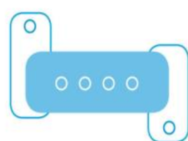
A mochila de Dan estava muito mais leve hoje, mas, antes de sair, ele conferiu se a foto de seus pais ainda estava em segurança no bolso lateral. A mãe e o pai estavam bem onde ele os deixara: na folha plástica do álbum de fotos, sorrindo no topo da montanha, como se não tivessem se importado nem um pouco em dividir o espaço com uma pilha de Franklin e uma granada.

Dan se perguntou se os pais ficariam orgulhosos por ele ter saído daquele buraco ontem à noite ou se ficariam superprotetores como Amy: *Você quase morreu,* blá-blá-blá. Chegou à conclusão de que eles não teriam encanado tanto. Provavelmente os dois tinham enfrentado um monte de aventuras perigosas. Quem sabe a casa em que viviam também tinha um arsenal, antes de ser destruída pelo incêndio.

— Dan! — Amy chamou. — Saia do banheiro agora. Vamos!

— Estou indo! — ele gritou. Dan olhou mais uma vez para os pais. — Valeu pela anotação sobre o Labirinto dos Ossos, mãe. Não vou decepcionar você!

Ele pôs a foto de volta na mochila e foi para junto de Amy e Nellie.



Não fazia nem dois minutos que eles tinham saído da estação de metrô Denfert-Rochereau quando avistaram o tio Alistair. Era meio difícil não o ver: ele vestia um terno vermelho-cereja e uma gravata amarelo- -canário, e balançava na mão sua bengala com ponta de diamante. O velho homem veio andando alegre na direção deles, sorrindo de braços abertos. Quando ele chegou mais perto, Dan percebeu que ele tinha um olho roxo.

— Minhas crianças queridas!

Nellie deu uma mochilada na cabeça dele.

— Ai! — tio Alistair se curvou para a frente, pondo a mão no olho que não estava roxo.

— Nellie! — disse Amy.

— Foi mal — Nellie resmungou. — Achei que ele fosse um dos vilões.

— Ele é — concordou Dan.

— Não, não. — Alistair tentou sorrir, contudo só o que conseguiu foi fazer careta e piscar. Dan imaginou que o *outro* olho também fosse ficar roxo agora, graças àquela mochilada. A mochila de Nellie não era nada leve. — Crianças, por favor, vocês precisam acreditar em mim, eu *não* sou inimigo de vocês!

— Você roubou o livro de nós — disse Dan — e nos abandonou lá para morrermos!

— Crianças, eu admito. Achei que vocês tinham se perdido no incêndio. Eu mesmo quase não consegui escapar. Felizmente, encontrei um trinco que abria a porta. Eu chamei por vocês, mas vocês devem ter descoberto outra saída. Eu fiquei com o *Almanaque*, é verdade. Não podia deixá-lo para trás. Admito que entrei em pânico quando saí da mansão. Temia que nossos inimigos ainda estivessem por perto ou que eu levasse a culpa por aquele incêndio terrível. Por isso fugi. Peço perdão.

Amy abrandou um pouco a careta, só que Dan não acreditou nem um

pouco naquele cara.

— Ele esta mentindo! — disse Dan. — "Não confiem em ninguém", lembra?

— Quer que eu bata nele de novo? — Nellie perguntou.

Tio Alistair se encolheu.

— Por favor, ouçam. As Catacumbas são bem ali — ele apontou para o outro lado da rua, uma construção simples de fachada preta. Letras brancas acima da porta diziam ENTRÉE DES CATACOMBES.

A rua em volta parecia normal. Prédios baixos de apartamentos, pedestres a caminho do trabalho. Era difícil acreditar que bem embaixo havia um labirinto de pessoas mortas.

— Preciso falar com vocês antes de entrarem — insistiu Alistair. — Só peço dez minutos. Vocês estão correndo um sério perigo.

— *Sério* perigo? — disse Dan. — E quando foi que nós não estivemos?

— Dan... — Amy pôs a mão no braço dele. — Talvez devamos ouvir o que ele tem a dizer. Dez minutos. O que temos a perder?

Dan podia pensar em muitas coisas, mas Alistair sorriu.

— Obrigado, minha querida. Tem um café bem aqui. Vamos?

Alistair estava pagando, por isso Dan pediu logo um almoço — um sanduíche de queijo e peru com batata frita e uma Coca grande, que por algum motivo bizarro foi servida num copo sem pedras de gelo. Nellie falou um tempão com o garçom em francês e pediu algum prato exótico. O garçom pareceu impressionado com a escolha dela, mas quando a comida chegou, Dan não sabia dizer o que era. Pareciam bolotas de massinha de modelar em manteiga de alho.

Numa voz triste, Alistair explicou como os Holt tinham armado uma emboscada para ele em frente ao aeroporto Charles de Gaulle e roubado o *Almanaque do Pobre Richard.*

— Aqueles bárbaros me acertaram no rosto e me quebraram uma costela. Estou mesmo ficando velho demais para esse tipo de coisa... — Ele pôs a mão em seus olhos inchados.

— Mas... por que todo mundo está se matando por esse livro? — Amy perguntou. — Não tem outro jeito de achar a pista? Como a mensagem

invisível que encontramos na Filadélfia...

— Amy! — disse Dan. — *Já* ouviu falar em segredo?

— Está tudo bem, meu rapaz — disse Alistair. — Você tem razão, é claro, Amy. Existem muitos caminhos possíveis que levam à próxima pista. Por exemplo, encontrei uma mensagem cifrada num retrato famoso pintado por... Está aqui, vejam vocês mesmos.

Tio Alistair pôs a mão no casaco e tirou um papel. Ele desdobrou uma imagem colorida de uma pintura. Mostrava Benjamin Franklin como um velho homem de capa vermelha esvoaçante, sentado numa tempestade, o que parecia uma coisa meio idiota de se fazer. Havia alguns anjos pequeninos em volta dele — dois aos seus pés, mexendo com pilhas, e mais três bem atrás, empinando uma pipa com uma chave no fio- A chave disparava uma faísca na mão levantada de Ben, que não parecia achar ruim. Seus longos cabelos grisalhos estavam desgrenhados, como se ele estivesse acostumado a levar choques.

— Duvido que tenha acontecido assim — disse Dan- — Com os anjos e tudo o mais.

— Não, Dan — Alistair concordou. — É simbólico. O pintor, Benjamin West, queria retratar Franklin como um herói por colher o relâmpago do céu. Mas tem mais simbolismo do que eu achava, sinais tão bem escondidos que apenas um Cahill poderia descobri-los. Veja *o* joelho de Franklin.

Dan não viu nada além de um joelho, mas Amy levou um susto.

— Essa forma no tecido!

Dan espremeu os olhos e se deu conta do que ela estava falando. Parte do joelho de Franklin era pintada num tom mais claro de vermelho, mas não era uma mancha qualquer. Era uma silhueta que ele tinha visto muitas vezes antes.

— Nossa — ele disse. — O brasão dos Lucian.

Nellie espremeu os olhos.

— Isso? Parece uma daquelas mulheres de para- -lama de caminhão.

— Não, são duas cobras em volta de uma espada — Amy disse. — Acredite em mim, se você tivesse visto o brasão dos Lucian, você reconheceria.

— Tem mais — continuou Alistair. — Vejam o papel que Franklin está

segurando. Virem-no de cabeça para baixo. Ali, disfarçado com tinta branca, quase impossível de ler.

Dan nunca teria percebido se Alistair não tivesse dito, mas, quando olhou de perto, viu a sombra fraca de algo escrito no documento que estava na mão de Franklin.

— "Paris" — ele leu. — "1785".

— Exatamente, meu rapaz: um retrato de Franklin com uma chave, o brasão da família Cahill e as palavras *Paris, 1785*. Uma dica substancial.

— Eu nunca teria encontrado isso — disse Amy, espantada.

Alistair deu de ombros.

— Como você disse, minha cara, existem muitas dicas possíveis, todas conduzindo à segunda pista. Infelizmente nós, os Cahill, preferimos brigar uns com os outros, roubar informações e impedir uns aos outros de avançar — ele mudou de posição e franziu o rosto —, como mostram minha costela quebrada e meu olho roxo.

— Mas quem foi que enterrou originalmente estas dicas? — Amy perguntou. — Franklin?

Alistair tomou um gole de café.

— Não sei, meu bem. Imagino que seja uma mistura, um esforço coletivo feito por vários Cahill ao longo dos séculos. Nossa querida Grace parece ter juntado todas essas pistas, embora eu não saiba por quê, nem como. O que quer que seja o tesouro final, as maiores mentes Cahill não pouparam esforços para escondê- -lo. Ou talvez, como no caso de Benjamin Franklin, algumas dessas mentes estão tentando justamente nos levar até o tesouro. Acho que só vamos saber ao certo quando nós o encontrarmos.

— *Nós?* — disse Dan.

— Ainda acho que devemos formar uma aliança — disse Alistair.

— Hã-hã — Nellie fez que não com a cabeça. — Não confiem nesse cara, crianças. A conversa dele é muito mole.

Alistair deu risada.

— E você por acaso é especialista em *conversa mole,* cara babá adolescente?

— *Au pair!* — Nellie corrigiu.

Alistair parecia querer fazer outra piada à custa dela. Então olhou para a

mochila assassina e mudou de ideia.

— A questão, crianças, é que nossos concorrentes decidiram que *vocês* são a equipe que deve ser eliminada da busca.

— Mas por que nós? — Amy perguntou.

Alistair deu de ombros.

— Até agora vocês estiveram à frente da corrida. Escaparam de todas as armadilhas. Sempre foram os favoritos de Grace — seus olhos brilharam, como um homem faminto vendo um hambúrguer. — Sejamos sinceros, está bem? Nós todos achamos que Grace deu informações privilegiadas a vocês. Ela deve ter dado. Me digam o que é, e posso ajudá-los.

Dan cerrou os punhos. Lembrou-se daquele vídeo de Grace, de como ficara surpreso quando ela anunciou a busca. Grace *deveria* ter lhes dado informações privilegiadas. Se realmente os amasse, não os teria deixado no escuro como eles estavam. As outras equipes agora estavam atrás deles porque pensavam que Amy e Dan eram os favoritos de Grace. Mas pelo jeito ela não tinha se importado com eles. Os dois eram apenas outra equipe naquele grande e cruel jogo tramado por ela. Quanto mais ele pensava nisso, mais se sentia traído. Olhou para o colar de jade no pescoço de Amy. Sentiu vontade de arrancá-lo e jogá-lo fora. Seus olhos começaram a arder.

— Não temos informações privilegiadas — ele resmungou.

— Ora, vamos, rapaz! Vocês estão *mesmo* em perigo. Eu poderia protegê-los. Poderíamos vasculhar as Catacumbas juntos.

— Vamos procurar sozinhos — disse Dan.

— Como queira, meu rapaz. Mas saiba de uma coisa: as Catacumbas são imensas. São quilômetros de túneis. A maioria nem aparece nos mapas. É fácil se perder lá embaixo. Uma patrulha especial da polícia afasta os invasores. Alguns túneis estão inundados. Outros desabam de vez em quando. Procurar a pista de Franklin nas Catacumbas vai ser perigoso e inútil, a não ser... — Ele se inclinou para a frente e ergueu as sobrancelhas. — A não ser que vocês saibam de alguma coisa que não me contaram. O *ALMANAQUE* tinha uma anotação na margem. Mencionava coordenadas num quadrado. Vocês por acaso saberiam o que pode ser esse quadrado?

— Mesmo se soubéssemos — disse Dan —, não contaríamos.

Amy tocou no colar de jade.

— Desculpa, tio Alistair.

— Entendo. — Alistair se recostou na cadeira. — Admiro o espírito de vocês. Mas se eu quisesse... trocar informações? Tenho certeza de que vocês estão se perguntando sobre as anotações que sua mãe fez. Eu conhecia seus pais. Poderia explicar algumas coisas.

Dan sentiu como se o ar tivesse se transformado em vidro. Ele tinha medo de se mexer, como se, a qualquer movimento, pudesse se cortar.

— Que coisas?

Alistair sorriu, como se soubesse que tinha fisgado os dois.

— O interesse da sua mãe pelas pistas, talvez. Ou o que o seu pai realmente fazia da vida.

— Ele era professor de matemática — Amy disse.

— Hmmm. — O sorriso de Alistair era tão irritante que Dan ficou tentado a mandar Nellie acertá-lo com a mochila outra vez. — Talvez vocês gostariam de saber mais sobre a noite em que eles morreram?

O sanduíche de peru e queijo revirou no estômago de Dan.

— O que você sabe sobre isso?

— Muitos anos atrás, sua mãe... — Alistair parou de repente. Seus olhos se fixaram em alguma coisa do outro lado da rua. — Crianças, teremos de continuar isto depois. Acho que vocês devem mesmo procurar sozinhos nas Catacumbas. Vou ficar atrás, como gesto de boa-fé.

— O que você quer dizer? — Dan perguntou.

Alistair apontou com sua bengala. Uns cem metros adiante na rua, Ian e Natalie Kabra estavam abrindo caminho na multidão, andando depressa em direção à entrada das Catacumbas.

— Vou detê-los pelo tempo que conseguir — Alistair prometeu. — Agora desçam logo!

CAPÍTULO 16

AMY ODIAVA MULTIDÕES, MAS NÃO SE INCOMODAVA COM A IDEIA DE estar entre 7 milhões de mortos.

Nellie, Dan e ela desceram depressa por uma escadaria de metal e foram dar num corredor de calcário, com canos de metal correndo pelo teto e iluminação elétrica fraca. O ar morno cheirava a mofo e pedra molhada.

— Só tem uma saída, amigos — Nellie disse, nervosa. — Se formos pegos aqui embaixo...

— O túnel deve ramificar em breve — presumiu Amy, tentando parecer mais confiante do que na verdade se sentia.

Havia pichações riscadas nas paredes de pedra. Algumas pareciam recentes, outras antigas. Havia uma inscrição gravada numa placa de mármore bem acima da cabeça deles.

— Parem, mortais — *Nellie traduziu.* — Este é o império da morte.

— Que simpático — murmurou Dan.

Eles continuaram andando. O chão sob os pés de Amy era de cascalho fofo. Ela ainda estava pensando no tio Alistair. Será que ele realmente sabia alguma coisa sobre seus pais ou estava apenas tentando manipulá-los? Ela tentou tirar aquilo da cabeça.

— Cadê os ossos? — Dan perguntou. Então eles dobraram o corredor e entraram num salão. Dan disse: — Oh.

Era o lugar mais sinistro que Amy já tinha visto. Encostados nas paredes, havia ossos humanos empilhados feito lenha, do chão até um ponto mais alto

que a cabeça de Amy. Os restos mortais eram amarelos e marrons — a maior parte eram ossos de pernas, mas havia também alguns crânios espalhados como remendos numa colcha, olhando para eles. Uma fileira de crânios decorava o topo de cada pilha.

Amy percorreu o lugar em silêncio, assombrada. A próxima sala era igual à primeira, paredes e mais paredes de despojos humanos embolorados. As lâmpadas elétricas fracas lançavam sombras soturnas nos mortos, fazendo as órbitas vazias de seus olhos parecerem ainda mais assustadoras.

— Que nojo — Nellie conseguiu dizer. — Tem, tipo, milhares.

— Milhões — corrigiu Amy. — Esta é só uma pequena parte.

— Eles desenterraram todas estas pessoas? — Dan perguntou. — Quem ia querer fazer esse serviço?

Amy não sabia, mas ficou boquiaberta ao ver como os operários tinham feito desenhos com caveiras nas pilhas de fêmures — diagonais, listras, formas tipo "ligue os pontos". De algum jeito bizarro e horrível, era quase bonito.

Na terceira sala eles encontraram um altar de pedra com velas apagadas.

— Precisamos achar a parte mais antiga — Amy disse. — Estes ossos são muito recentes. Vejam a placa. É de 1804.

Ela foi guiando o caminho. As órbitas sem olhos dos mortos pareciam encará-los enquanto eles passavam.

— Isso é legal — disse Dan. — Talvez eu possa...

— Não, Dan — Amy cortou. — Você não pode colecionar ossos humanos.

— Ahhh.

Nellie murmurou alguma coisa que parecia uma reza em espanhol.

— Por qual motivo Benjamin Franklin ia querer vir aqui embaixo?

— Ele era cientista — Amy continuou a andar enquanto lia as datas nas placas de latão. — Gostava de projetos de obras públicas. Isto teria sido fascinante para ele.

— Milhões de pessoas mortas — disse Nellie. — Realmente fascinante.

Eles viraram num corredor estreito e depararam com um portão de metal. Amy sacudiu as barras. O portão abriu com um rangido, como se não tivesse sido usado durante séculos.

— Tem certeza de que devemos entrar aí? — Nellie perguntou.

Amy acenou que sim com a cabeça. As datas estavam ficando mais antigas. Por outro lado, não havia tubos de metal no teto, o que significava ausência de luz elétrica.

— Alguém tem uma lanterna? — ela perguntou.

— Eu tenho — disse Nellie. — No meu chaveiro.

Ela tirou as chaves do bolso e as entregou para

Amy. Havia uma lampadinha minúscula no chaveiro. Não era muito, mas era melhor que nada. Eles prosseguiram. Depois de uns 30 metros, deram numa sala pequena com uma única outra saída.

Amy iluminou com a lanterna uma velha placa emoldurada por caveiras.

— Aqui, 1785! Estes têm que ser os primeiros ossos que foram postos aqui embaixo.

A parede diante deles estava em mau estado. Os ossos eram marrons e quebradiços, e alguns tinham se espalhado sobre o chão. As caveiras do topo tinham sido esmagadas, porém as incrustadas nas paredes pareciam quase intactas. Elas estavam arrumadas na forma de um quadrado, nada de extraordinário.

— Procurem em volta — disse Amy. — Tem que estar aqui.

Dan enfiou as mãos em alguns dos vãos na parede de ossos. Nellie conferiu o topo da pilha. Amy iluminou as órbitas das caveiras com a lanterna, porém não viu nada.

— Não adianta — ela disse por fim. — Se tinha alguma coisa aqui, outra equipe deve ter achado.

Dan coçou a própria cabeça e em seguida coçou uma caveira.

— Por que elas estão numeradas?

Amy não estava nem um pouco no clima para as brincadeiras do irmão.

— Como assim, numeradas?

— Aqui na testa. — Dan pôs o dedo numa das caveiras. — Este cara era o número 3. Será que eles eram de um time de futebol ou algo assim?

Amy se aproximou. Dan tinha razão. O número era muito fraco, porém riscado na testa da caveira, como se alguém tivesse gravado com uma faca, estava o número romano III.

Ela examinou a caveira que estava embaixo. XIX- Um quadrado. Caveiras com números.

— Olhem todas. Rápido!

Não demorou muito. Havia dezesseis caveiras incrustadas na pilha de ossos, dispostas em quatro linhas e quatro colunas. Três das caveiras não tinham número. O resto tinha. Elas ficaram assim:



Amy sentiu um calafrio na espinha.
— Coordenadas em um quadrado. Um quadrado mágico!
— O quê? — perguntou Dan. — Que mágico?
— Dan, você consegue decorar estes números e a posição deles?
— Já decorei.
— Precisamos sair daqui e achar um mapa. Esta é a pista.., quer dizer, a pista que leva à *verdadeira* pista, seja lá o que Franklin estava escondendo.
— Peraí — disse Nellie. — Franklin riscou números em caveiras. Por quê?
— É um quadrado mágico. Franklin costumava brincar com números quando ficava entediado. Quando estava sentado na Assembleia da Filadélfia e não queria ouvir os discursos chatos, montava quadrados mágicos, problemas numéricos para ele mesmo resolver. Ele preenchia os números que faltavam. Todas as linhas, horizontais e verticais, tinham que dar a mesma soma.
Nellie fez uma careta.
— Você está dizendo que Benjamin Franklin inventou o *sudoku?*
— Bem, sim, de certo modo. E estas...
— São as coordenadas — completou Dan. — Os números que faltam mostram a localização exata da próxima pista.
Aplausos ecoaram pela sala.
— Bravo.
Amy virou de costas. Parados na entrada estavam Ian e Natalie Kabra.
— Eu falei que eles eram capazes — Ian disse à irmã.
— Oh, acho que sim — Natalie admitiu. Amy odiava o fato de que mesmo embaixo da terra, numa sala cheia de ossos, Natalie conseguia ficar deslumbrante. Ela vestia um body aveludado preto, parecendo alguém de 11 anos beirando os 23. Seus cabelos pendiam soltos sobre os ombros. A única parte do modelito dela que não combinava era a minúscula pistola de dardos prateada que tinha na mão. — Talvez não tenha sido *tão* ruim Irina ter falhado conosco.
— *Vocês* — Dan gritou. — Vocês convenceram Irina a armar para nós na ilha de Saint-Louis. Vocês quase nos enterraram em cimento!

— Pena que não deu certo — disse Natalie. — Vocês teriam dado um belo capacho de boas-vindas para o mausoléu.

— Mas... mas por quê? — Amy gaguejou.

Ian sorriu.

— Para tirar vocês de circulação, é claro. E nos dar mais tempo para encontrar este lugar. Precisávamos garantir que não era algum truque esperto da nossa querida prima Irina para nos despistar. Eu devia ter notado o quadrado mágico antes. Obrigado pela ajuda, Amy. Agora, se você sair da frente, vamos copiar estes números e dar o fora.

Amy respirou fundo, trêmula.

— Não.

Ian riu.

— Que fofa! Agindo como se tivesse opção.

— É. — Natalie franziu o nariz. — Fofa.

Amy ficou vermelha. Os Kabra sempre a faziam se sentir envergonhada e idiota, mas ela não podia deixar eles ficarem com a pista. Então apanhou um osso de perna.

— Um gesto e eu... eu esmago as caveiras. Vocês nunca vão pegar os números.

Não parecia uma ameaça muito convincente, nem mesmo para ela, mas Ian ficou pálido.

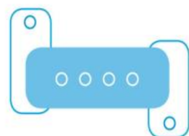
— Ora, não seja idiota, Amy. Eu sei que você fica nervosa, mas não vamos machucá-la.

— Não mesmo — Natalie concordou. Ela apontou a pistola de dardos para o rosto de Amy. — Acho que o veneno número 6 vai ser apropriado. Nada fatal. Só um sono muito profundo. Tenho certeza de que alguém vai achar vocês aqui embaixo... algum dia.

Uma sombra apareceu atrás dos Kabra. De repente, o tio Alistair entrou correndo na sala e derrubou Natalie no chão. A pistola de dardos voou para longe e Ian mergulhou para pegá-la.

— Corram! — Alistair gritou.

Amy não discutiu. Ela, Nellie e Dan passaram correndo pela outra saída, escuridão adentro, embrenhando-se cada vez mais fundo nas Catacumbas.



Eles correram por um tempo que pareceu horas, sem nada além da luzinha do chaveiro para guiá-los.

Viraram num corredor e viram que estava bloqueado por um monte *de entulho. Então voltaram por* onde tinham vindo e seguiram outro túnel até ele ficar totalmente *submerso numa água* amarela e turva. Em pouco tempo, Amy não sabia mais em que direção eles estavam *indo.*

— Alistair disse que tem policiais aqui embaixo — ela disse em *voz* baixa. — Queria que um deles nos encontrasse.

Mas eles *não viram ninguém. A luz da* lanterninha começou a ficar mais fraca.

— Não — disse *Amy.* — Não, não, *não!*

Eles foram avançando. Quinze metros, 20 metros, e Q luz se apagou *de vez.*

Amy achou a mão de Dan e a apertou com força.

— *Vai ficar tudo bem, crianças* — Nellie disse, mas sua voz tremia. — Não podemos ficar perdidos aqui pra sempre.

Amy não via por que não. As Catacumbas se estendiam por quilômetros e nunca tinham sido totalmente mapeadas. Não havia motivo para alguém vir procurar por *eles.*

— Podemos gritar pedindo socorro — Dan sugeriu.

— Não *vai adiantar — concluiu Amy,* desanimada. — Sinto muito. Eu não queria que tudo acabasse assim.

— Não acabou! Nós podemos *seguir uma* parede até acharmos outra saída. Podemos...

— Xiu — *fez Amy.*

— Só estou dizendo que...

— *Dan, é* sério! Fica quieto! Acho que ouvi algum barulho.

O túnel estava em silêncio, exceto por gotas-d'água que pingavam ao longe. Então Amy ouviu de novo: um ronco fraco, vindo de algum lugar mais à frente.

— É um trem? — Nellie perguntou.

Amy recuperou o ânimo.

— Devemos estar perto de uma estação de metrô. Vamos!

Ela foi avançando com os braços estendidos. Ficou arrepiada ao tocar numa parede de ossos, porém seguiu o corredor, que fazia uma curva à direita. Aos poucos, o barulho foi ficando mais forte. Amy tateou à esquerda. A mão dela encostou em algo de metal.

— Uma porta! — ela gritou. — Dan, tem algum tipo de tranca aqui. Venha aqui e descubra como é que isso funciona.

— Onde?

Ela o encontrou no escuro e guiou as mãos dele para a tranca. Em segundos, a escotilha se abriu e uma forte luz elétrica os cegou.

Amy levou um tempo para entender o que estava vendo. A escotilha parecia mais uma janela que uma porta — uma abertura quadrada a cerca de um metro e meio do chão, grande o suficiente apenas para passar rastejando se eles subissem até ela. Na altura dos olhos, a ferrovia — trilhos de metal sobre dormentes de madeira. E alguma coisa marrom e peluda estava passeando pelo leito de cascalho.

Amy deu um pulo.

— Um rato!

O roedor olhou para ela, obviamente sem se impressionar, então seguiu apressado seu caminho.

— É o vão do metrô — compreendeu Dan. — Podemos escalar e...

A luz ficou mais forte. O túnel inteiro tremeu. Amy caiu para trás e tapou os ouvidos para se proteger do barulho, que soava como uma manada de dinossauros. Um trem passou depressa como um borrão confuso de rodas de metal. Ele sugou o ar para fora do túnel, puxando as roupas e o cabelo de Amy na direção da escotilha. Então, tão rápido quanto tinha surgido, o trem desapareceu.

Quando ela teve certeza de que sua voz funcionaria de novo, disse:

— Não podemos sair por aí! Vamos morrer!

— Olhe — disse Dan. — Tem uma escada de serviço ali, a um metro e meio de distância. Vamos rastejar até o trilho, correr até a escada e subir até a plataforma. É fácil!

— Não é fácil! E se vier outro trem?

— Podemos cronometrar — sugeriu Nellie. — Tem um relógio no meu iPod...

Ela tirou o aparelho do bolso, mas, assim que o acionou, outro trem passou, fazendo tudo tremer.

A sombra com glitter nos olhos de Nellie fazia o rosto dela parecer fantasmagórico sob a luz fraca.

— *Foram menos* de *cinco* minutos. Esse trilho deve ser para trens expressos. Vamos ter que correr.

— Certo! — Dan disse, e na mesma hora subiu até a escotilha e saiu por ela.

— Dan! — gritou Amy.

Ele virou de costas, agachando-se nos trilhos.

— Venham!

Aturdida, Amy deixou que Nellie lhe desse um empurrão. Com a ajuda de Dan, ela rastejou para fora.

— Agora me ajude com Nellie! — Dan disse. — Mas cuidado com o terceiro trilho.

Amy ficou dura. A meio metro de distância estava o trilho elétrico preto que fazia os trens andarem. Ela sabia o bastante sobre metrôs para entender que encostar neles seria pior que mil pilhas de Franklin. Ela ajudou Nellie a sair da escotilha, que era bem apertada para ela. Eles perderam tempo. Os trilhos chiavam e estalavam abaixo deles.

— Estou bem! — disse Nellie, espanando as roupas. — Vamos pra escada.

Dan começou a segui-las, mas não conseguiu ficar de pé, como se estivesse preso em alguma coisa.

— Dan? — chamou Amy.

— É minha mochila — ele disse. — Está presa...

Ele puxou a mochila em vão. De algum modo, uma das tiras tinha se enrolado em volta de um dos trilhos, que tinha mudado de lugar, prendendo a mochila.

— Deixe aí! — Amy gritou.

Nellie já estava na escada, gritando para eles virem logo. Passageiros na plataforma já haviam notado a presença deles e davam berros alarmados, gritando em francês.

Dan tirou a mochila do ombro, porém ela ainda estava presa no trilho. Ele a puxou e tentou abri-la, sem sucesso.

— Agora! — berrou Nellie.

Amy sentiu um leve tremor nos trilhos aos seus pés.

— Dan! — ela implorou. — Isso não importa!

— Eu consigo pegar. Só mais um segundo.

— Dan, *não*. É só uma mochila!

— Não quer abrir!

Surgiu uma luz do outro lado do túnel. Nellie estava bem acima deles na plataforma, estendendo a mão. Vários passageiros faziam o mesmo, implorando para que eles segurassem.

— Amy! — chamou Nellie. — Você primeiro!

Amy não queria, mas, talvez, se ela fosse primeiro, Dan tomaria juízo. Ela agarrou a mão de Nellie, que a puxou para fora do vão. Imediatamente, Amy se virou e estendeu a mão para o irmão.

— Dan, por favor! Agora!

Os faróis do trem apareceram. Soprou um vento forte no túnel. O chão tremeu.

Dan deu outro puxão na mochila, mas ela não saía do lugar. Ele olhou para o trem e Amy viu que ele estava chorando. Ela *não* entendeu *por* quê.

— Dan, segura... MINHA... MÃO!

Ela se esticou o máximo que conseguiu. O trem estava vindo a toda velocidade na direção deles. Com um grito angustiado, Dan agarrou a mão dela, e com o máximo de força que tinha, Amy o puxou para fora do vão, de modo que ele acabou caindo em cima dela.

O trem passou voando. Quando o barulho cessou, todos os passageiros na plataforma começaram a falar ao mesmo tempo — dando broncas em francês, enquanto Nellie tentava explicar e pedir desculpas. Amy não se importava com o que eles estavam dizendo. Ficou segurando o irmão, que não chorava daquele jeito desde que era pequeno.

Ela olhou por cima da beira do vão, mas a mochila tinha sumido, arrastada para dentro do túnel pela força do trem. Eles ficaram um bom tempo sentados enquanto Dan tremia e enxugava os olhos. Aos poucos, os passageiros foram perdendo o interesse. Eles se afastaram ou embarcaram em outros trens e desapareceram. Não veio nenhum policial. Em pouco tempo eram apenas Nellie, Amy e Dan, sentados num canto da plataforma como uma família sem-teto.

— Dan — disse Amy numa voz doce. — O que tinha lá? O que tinha na sua mochila?

Ele fungou e esfregou o nariz.

— Nada.

Era a pior mentira que Amy já tinha ouvido. Geralmente ela adivinhava o que ele estava pensando apenas olhando para a cara dele, mas o irmão estava disfarçando os pensamentos. Ela só percebia que Dan estava desolado.

— Esqueça — ele disse. — Não temos tempo.

— Tem certeza...?

— Eu disse esqueça! Precisamos resolver aquele quadrado mágico antes dos Kabra, não é?

Ela não gostava de admitir, mas ele tinha razão. E alguma coisa lhe dizia que, se eles ficassem ali muito mais tempo, a polícia viria e começaria a fazer perguntas. Amy deu uma última olhada no vão onde Dan tinha quase morrido e na escotilha escura que dava nas Catacumbas. Em suas veias ainda corria o medo, mas eles tinham enfrentado tanta coisa que não poderiam desistir agora.

— Então vamos — Amy decidiu. — Temos uma pista para encontrar.

Lá fora tinha começado a chover.

Quando eles conseguiram achar um café, Dan parecia ter voltado ao normal — ou pelo menos eles chegaram a um acordo tácito de que iam *agir* como se tudo estivesse normal. Sentaram embaixo do toldo para se secar enquanto Nellie pedia comida. Amy não achou que fosse conseguir comer, mas estava com mais fome do que pensava. Eram cinco da tarde. Eles tinham ficado um bom tempo nas Catacumbas.

Amy ficou arrepiada ao pensar em Ian e Natalie e na pistola de dardos venenosos. Torceu para que estivesse tudo bem com o tio Alistair. Apesar de

ainda não confiar nele, não havia como negar que ele os salvara nas Catacumbas. Ela teve visões terríveis do velho homem largado sozinho e inconsciente no labirinto.

Enquanto comiam sanduíches de cogumelo e queijo brie, Dan desenhava caveiras e números romanos num guardanapo.

— 12, 5, 14 — ele disse. — Estes são os números que faltam.

Amy nem precisou conferir. Ele nunca errava problemas de matemática.

— Talvez seja um endereço e um *arrondissement* — ela disse.

Nellie enxugou seu iPod.

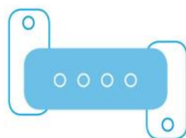
— Mas o endereço teria mudado em 200 anos, não?

Amy sentiu um vazio na barriga. Nellie provavelmente tinha razão. Paris talvez não tivesse o sistema de *arrondissements* na época em que Franklin morou ali. E os endereços das ruas certamente deviam ter mudado, e nesse caso a pista não servia mais. Será que Grace os teria mandado numa busca que não podia ser concluída?

Por que não?, *disse uma voz rancorosa dentro dela.* Grace não se deu o trabalho de contar a vocês pessoalmente sobre a busca. Se Dan tivesse morrido naquele vão do metrô, teria sido culpa da Grace.

Não, ela decidiu. Isso não era verdade. Grace devia ter tido um motivo. Os números deviam se referir a alguma outra coisa. Amy só conseguia pensar num jeito de descobrir: aquilo que sempre fazia quando tinha um problema sem solução.

— Precisamos achar uma biblioteca.



Nellie falou com o garçom em francês, e ele pareceu entender o que eles queriam.

— Pas de problème — *ele disse.*

Ele desenhou um mapa num guardanapo novo e rabiscou o nome de uma estação de metrô: *École Militaire.*

— Precisamos correr — disse Nellie. — Ele disse que a biblioteca fecha às 6.

Meia hora depois, ensopados e ainda com o cheiro das Catacumbas, os três chegaram à Biblioteca Americana em Paris.

— Perfeito — disse Amy. O velho prédio tinha barras pretas de metal protegendo a porta, mas a biblioteca estava aberta. Espiando lá dentro, Amy viu pilhas de livros e vários lugares confortáveis para ler.

— Por que eles deveriam nos ajudar? — perguntou Dan. — Afinal, não somos sócios da biblioteca nem nada.

Amy, no entanto, já estava subindo a escada. Pela primeira vez em dias, sentia-se totalmente confiante. Aquele era o mundo *dela*. Ela sabia o que fazer.

Os bibliotecários a ajudaram como soldados respondendo a um grito de guerra. Amy disse a eles que estava pesquisando sobre Benjamin Franklin, e em poucos minutos Amy, Dan e Nellie estavam sentados na mesa de uma sala de conferência, examinando reproduções de documentos de Franklin — alguns tão raros, disseram os bibliotecários, que as únicas cópias ficavam em Paris.

— Pois é, aqui tem uma lista de compras muito rara — disse Dan em voz baixa. — Uau.

Ele estava prestes a jogar o papel de lado quando Amy agarrou seu pulso.

— Dan, nunca se sabe o que é importante. Naquela época não havia muitas lojas. Quem queria comprar alguma coisa precisava mandar um. pedido ao comerciante e a mercadoria chegava de navio. O que Franklin comprou?

Dan deu um suspiro.

— *"Solicito que enviem o seguinte: 3 —* Tratado sobre fabricação de sidra, *de Cave; 2 —* Nelson sobre a gestão de crianças, *8 vol., de Dodsley; 1 qtd. — Solução de ferro;* Cartas de um oficial russo...".

— Peraí — disse Amy. — "Solução de ferro". Onde foi que eu vi isso antes?

— Estava naquela outra lista — disse Dan sem hesitação —, em uma das cartas que vimos na Filadélfia.

Amy franziu a testa.

— Mas solução de ferro não é um livro. Esta lista inteira é de livros,

tirando isso.

— Mas, afinal, o que é solução de ferro? — Dan perguntou.

— Opa, isso eu sei! — Nellie entrou na conversa. Ela ergueu as mãos e fechou os olhos, como se estivesse lembrando a resposta de uma prova. — É tipo uma solução química, né? É usada em metalurgia e impressão e em várias outras coisas.

Amy olhou admirada para ela.

— Como você sabia disso?

— Eu estudei química no semestre passado. Eu lembro porque o professor estava falando sobre, tipo, como eles fazem equipamento de cozinha profissional. Franklin provavelmente usou solução de ferro na tinta dele quando era impressor.

— Muito interessante — resmungou Dan. — Tirando o fato de que não tem *importância nenhuma!* Agora podemos voltar às coordenadas do quadrado mágico?

Amy ainda sentia algo lhe cutucando atrás da cabeça, como se estivesse deixando de ver alguma conexão, mas folheou o resto dos papéis. Por fim, desdobrou um enorme documento amarelado que na verdade era um mapa antigo de Paris. Seus olhos se arregalaram.

— E isto. — Amy pôs o dedo com orgulho num ponto do mapa. — Uma igreja: Saint-Pierre de Montmartre. É para lá que temos que ir.

— Como você pode ter certeza? — perguntou Nellie.

— Os números formam um quadriculado, está vendo? —Ela apontou para as margens. — Este é um antigo mapa de recenseamento feito por dois cientistas franceses, Comte de Buffon e Thomas-François D'Alibard. Eu lembro de ter lido sobre eles. Foram os primeiros a testar as teorias de Franklin sobre os para-raios. Depois que provaram que os para-raios funcionavam, o rei Luís XVI mandou que desenhassem um plano para equipar todos os principais prédios de Paris. Essa igreja foi a *14* instalação, na coordenada 5 por 12. Franklin com certeza sabia sobre a obra. Ele se orgulhava muito do modo como os franceses aceitavam suas ideias. *Tem* que ser isso. Aposto uma caixa de chocolates franceses que vamos achar uma entrada para as Catacumbas na igreja.

Dan não parecia convencido. Lá fora, a chuva caía sem dó. Trovões sacudiam as janelas da biblioteca.

— E se os Kabra chegarem lá primeiro?

— Precisamos garantir que isso não aconteça — disse Amy. — Vamos!

CAPÍTULO 17

DAN SE SENTIA COMO UMA CAVEIRA DAS CATACUMBAS: OCO POR dentro.

Ele decidira não demonstrar isso. Já estava envergonhado por ter chorado na plataforma do metrô. Mas ainda sentia o peso da mochila que não estava mais lá. Não conseguia parar de pensar na foto dos pais, varrida para longe e perdida nos túneis do metrô. Talvez tivesse sido rasgada em pedacinhos, ou talvez seus pais ficariam sorrindo no escuro para sempre, tendo apenas os ratos como companhia. A única coisa que ele queria era deixá-los orgulhosos. Agora não sabia se seus pais o perdoariam.

A chuva ainda caía. Trovões ribombavam no céu. A cada poucos minutos um relâmpago iluminava a noite de Paris.

Se Dan estivesse com o humor um pouquinho melhor, ia querer explorar Montmartre. Parecia um bairro legal. A área inteira era um grande morro e no topo havia uma enorme igreja de cúpula branca que brilhava na chuva.

— É pra lá que estamos indo? — perguntou Dan.

Amy fez que não com a cabeça.

— Essa é a basílica de Sacré-Coeur. A igreja menor, Saint-Pierre, fica bem abaixo. Não dá para ver daqui.

— Duas igrejas juntas?

— Pois é.

— Por que Franklin não escolheria a igreja grande e chique?

Amy deu de ombros.

— Não era o estilo dele. Ele gostava de arquitetura simples. Teria achado

divertido escolher uma igreja pequena e comum que ficava à sombra de uma grande e luxuosa.

Aquilo não fazia muito sentido para Dan, mas ele estava molhado e cansado demais para discutir. Eles subiram as ruas estreitas, passando por casas noturnas com música altíssima e placas de neon que refletiam seu brilho ria calçada molhada.

— Eu costumava ter uma vida noturna — Nellie deu um suspiro.

Enquanto eles subiam para o topo do morro, Amy contou o que sabia sobre o bairro, que ali moraram artistas famosos como Picasso, Vincent van Gogh e Salvador Dali.

Nellie estreitou sua capa de chuva.

— Minha mãe me contou outra história, de por que se chama Montmartre, o "Monte do mártir". Ela disse que São Denis foi decapitado no topo do morro, bem no lugar aonde estamos indo.

Aquilo não parecia um bom presságio. Dan se perguntou se a cabeça ainda ficaria guardada na igreja e se as cabeças dos santos realmente tinham auréolas.

Alguns minutos depois, eles estavam num cemitério lamacento, olhando a silhueta escura de Saint-Pierre de Montmartre. A igreja devia ser mais alta do que aparentava, mas, por causa da basílica branca atrás dela, parecia pequena. Era feita de placas de pedra cinza. Uma única torre quadrada se erguia do lado esquerdo, coroada com um para-raios e uma cruz. Dan achou que o prédio parecia bravo e rancoroso. Se as igrejas fossem capazes de fazer cara feia, aquela estava fazendo uma.

— Como vamos saber onde procurar? — ele perguntou.

— Que tal dentro da igreja? — Nellie perguntou esperançosa. — Pelo menos íamos sair da chuva.

CABRUUM! Um trovão ecoou pelos telhados. Com o clarão do relâmpago, Dan viu alguma coisa.

— Ali — ele disse. — Aquele túmulo.

— Dan — reclamou Amy —, não é hora de pensar na sua coleção!

Mas ele correu até uma lápide de mármore. Se não fosse um admirador de túmulos, nunca teria percebido. Não havia datas. Não havia nome. A

princípio, Dan achou que a figura entalhada no topo fosse um anjo, mas não era esse formato. O desenho estava gasto pelo tempo, porém ainda assim ele conseguiu ver...

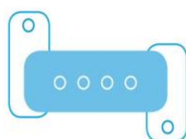
— Serpentes entrelaçadas — exclamou Amy. — O brasão dos Lucian. E ali...

Ela se ajoelhou e seguiu com o dedo uma seta gravada na base da lápide — uma seta apontando para baixo, para o chão.

Amy e Dan se entreolharam e concordaram com a cabeça.

— Ah, vocês estão de brincadeira — disse Nellie. — Vocês não vão realmente...

— Escavar um túmulo — disse Dan.



Eles acharam um depósito de ferramentas do outro lado da igreja. Pegaram emprestadas uma pá grande, duas pás menores de jardinagem e uma lanterna que realmente funcionava. Em pouco tempo estavam de volta ao túmulo, cavando a lama. A chuva dificultava bastante. Eles logo ficaram imundos. Isso lembrou Dan dos bons e velhos tempos em que Amy e ele eram novos, quando costumavam fazer guerras de lama: a *au pair* dava gritos de horror e fazia os dois passarem a noite numa banheira de espuma, limpando-se.

Dan duvidava que Nellie fosse preparar um banho de espuma para eles aquela noite.

Aos poucos, a cova foi ficando mais funda. O buraco estava enchendo de água, mas finalmente a pá de Dan bateu numa pedra. Ele tirou a lama de cima e achou uma placa de mármore de 1,5 metro de comprimento por 1 metro de largura.

— Isso é muito pequeno para ser um caixão — ponderou Amy.

— A não ser que seja de uma criança. Eu caberia aí dentro.

— Não fale isso!

Dan tentou limpar a lama do rosto, o que só o deixou ainda mais sujo.

— Só tem um jeito de descobrir. — Ele cavou nas bordas da placa até

encontrar uma fresta, então começou a usar a pá como alavanca para abrir. — Preciso de ajuda.

Amy foi para junto dele. Nellie segurou a pá na fresta e juntos eles conseguiram deslocar a placa para o lado. Embaixo havia um buraco quadrado, porém não era um túmulo. Era uma escada que conduzia diretamente à escuridão das Catacumbas.

Assim que chegaram ao fim da escada, Dan iluminou a sala com a lanterna. Era uma câmara quadrada de calcário, com um túnel com saída para a esquerda e para a direita. Não havia pilhas de ossos, mas as paredes estavam pintadas com murais desbotados. No meio havia um pedestal de pedra com entalhes decorativos, com cerca de 1 metro de altura. No topo tinha um vaso de porcelana.

— Não encoste nisso! — disse Amy. — Pode ser uma armadilha.

Dan se aproximou do vaso.

— É enfeitado com pequenos Franklins.

Ele conseguiu ver Ben empinando uma pipa numa tempestade, Ben usando um gorro de pele, Ben mexendo uma bengala sobre o mar, como se estivesse fazendo algum truque de mágica.

— É um vaso comemorativo — disse Amy. — Do tipo que eles faziam no século XVIII para comemorar a chegada de Franklin a Paris.

— Aposto 20 dólares que tem alguma coisa aí dentro — ofereceu Dan.

— Não aceito — disse Amy.

— Olhem — disse Nellie. — Vejam isto.

Ela estava parada junto à parede de trás. Dan foi até ela e iluminou o mural. As cores estavam apagadas, mas o menino conseguiu distinguir quatro figuras: dois homens e duas mulheres vestindo roupas antigas, ainda mais antigas que as da época de Franklin, tipo da Idade Média ou do Renascimento, ou algo assim.

Cada figura estava pintada em tamanho maior que o natural. Na extrema esquerda havia um homem magro, de aspecto cruel e cabelo escuro. Ele tinha uma adaga quase escondida na manga. Letras pretas desbotadas aos seus pés o identificavam como "L. CAHILL". Do lado dele havia uma moça de cabelo loiro curto e olhos inteligentes. Ela tinha na mão um mecanismo antigo com

engrenagens de bronze — como um instrumento de navegação ou um relógio. A inscrição sob a barra de seu vestido marrom era "K. CAHILL". À sua direita estava um sujeito enorme de pescoço grosso e sobrancelhas peludas. Ele tinha uma espada ao seu lado. O homem cerrava os maxilares e os punhos, como se estivesse se preparando para bater com a cabeça num muro de tijolos. A inscrição dizia "T. CAHILL". Por fim, na extrema direita, havia uma mulher de vestido dourado. Seu cabelo ruivo estava preso numa trança que caía por cima do ombro. Ela segurava uma pequena harpa, como uma daquelas harpas irlandesas que Dan tinha visto no desfile do Dia de São Patrício, lá em Boston. Em sua inscrição se lia "]. CAHILL".

Dan teve a estranha sensação de que os quatro o observavam. Eles pareciam bravos, como se ele tivesse acabado de interrompê-los no meio de uma briga... Mas era bobagem. Como ele podia saber isso só de olhar uma pintura na parede?

— Quem são eles? — perguntou Nellie.

Amy encostou na figura de L. Cahill, o homem com a faca.

— L... de Lucian?

— É — disse Dan. Ele não entendia como, mas soube imediatamente que Amy tinha razão. Era como se conseguisse ler as expressões das figuras pintadas, assim como às vezes fazia com Amy. — O clã Lucian. Esse cara foi o primeiro.

— E K. Cahill... — Amy avançou até a moça com o dispositivo mecânico. — Talvez K seja de Katrina ou Katherine? O clã Ekaterina?

— Talvez. — Dan olhou para o homem com a espada. — Então T é de Tomas? Ei, ele parece com os Holt.

A imagem de T. Cahill parecia olhar feio para eles. Dan conseguia imaginá-lo muito bem de agasalho esportivo roxo. Então voltou a atenção para a última imagem, a moça com a harpa.

— E... J de fanus. Você acha que ela se chamava Jane?

Amy concordou com a cabeça.

— Pode ser. A primeira do clã fanus. Veja, ela tem...

— Os olhos de Jonah Wizard — observou Dan. A semelhança era perturbadora.

— Estes quatro — disse Amy, — parecem.

— Irmãos e irmãs — Dan concluiu. Não eram apenas os traços parecidos. Eram as posturas, a expressão no rosto. Dan brigara o suficiente com Amy para reconhecer aquele olhar: eram irmãos que passaram anos azucrinando uns aos outros. Era a postura deles, como se se conhecessem intimamente, mas também estivessem fazendo muito esforço para não se estrangularem.

— Alguma coisa deve ter acontecido entre eles — comentou Amy. — Alguma coisa...

Ela arregalou os olhos. Avançou até o centro do mural e afastou algumas teias de aranha entre K. e T. Cahill. Ali, pequena porém visível no horizonte da pintura, havia uma casa em chamas e uma silhueta escura fugindo dela, alguém vestindo um casaco preto.

— Um incêndio. — Amy segurou o colar de jade. — Como a mansão de Grace. Como o que aconteceu com nossos pais. Nós não mudamos nada em todos estes séculos. Os Cahill ainda estão tentando destruir uns aos outros.

Dan passou os dedos pelo mural. Não fazia sentido eles tentarem descobrir quem eram aquelas pessoas, mas ele não tinha dúvida de que Amy estava certa. Era uma certeza profunda, inexplicável. Ele estava vendo quatro irmãos — os que originaram os clãs dos Cahill. Dan estudou o rosto deles, como costumava fazer com a foto de seus pais, perguntando-se com quem ele mais parecia.

— Mas o que aconteceu? — disse Nellie. — Quem estava naquela casa?

Dan olhou para o pedestal de pedra.

— Não sei, mas estou achando que é hora de abrir este vaso.

Dan se ofereceu como voluntário. Amy e Nellie se afastaram enquanto ele levantava devagar o vaso do pedestal. Não voou nenhuma flecha envenenada. Nenhum espeto disparou do teto e nenhum poço de cobras se abriu, o que ele achou um tanto decepcionante.

Ele estava prestes a abrir a tampa quando Amy interrompeu:

— Espere.

Ela apontou para a base do pedestal. Dan notara os entalhes, mas não tinha percebido exatamente o que eram.

— Isto não é uma... partitura de música? — ele perguntou.

Amy confirmou com a cabeça.

Havia notas, pautas e estrofes gravadas na pedra, uma música complicada. Aquilo trouxe a Dan más lembranças da sua professora de piano, a senhora Harsh, que parara de lhe dar aulas no ano passado depois de ele ter pintado as teclas pretas do instrumento com cola colorida.

— O que isso significa? — ele perguntou.

— Não sei — disse Amy. — Franklin de fato gostava de música...

— Deve ser só enfeite... — Dan estava impaciente. Tinha alguma coisa chacoalhando dentro do vaso, e ele estava morrendo de vontade de abrir. Então colocou a mão na tampa.

— Dan, não! — disse Amy.

Mas ele abriu. Nada de ruim aconteceu. Dan colocou a mão dentro do vaso e tirou um cilindro de vidro tampado com uma rolha, embrulhado num papel.

— Que é isso? — perguntou Amy.

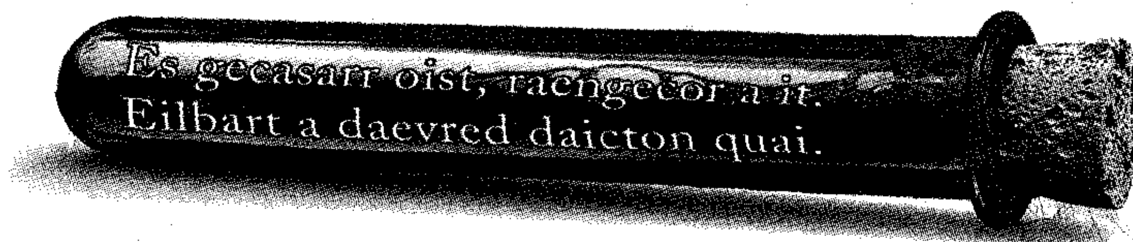
— Um líquido — respondeu Dan. — Um frasco de alguma coisa.

Ele desenrolou o papel e o jogou de lado.

— Ei! — alertou Amy. — Isso pode ser importante.

— É só um embrulho.

Ela apanhou o papel e o desdobrou. Passou os olhos pelo seu conteúdo e o enfiou depressa no bolso da camisa. Dan não se importou com aquilo. Estava tentando decifrar as palavras gravadas no frasco de vidro. Dentro havia um líquido verde espesso, como a lama com que ele brincava de jogar nos amigos. A inscrição dizia:



— Que é *isso?* — disse Nellie.

— Alemão? — Amy perguntou.

— Hã-hã — disse Nellie. — Não é nenhuma língua que eu já tenha visto.

De repente, Dan sentiu cócegas no corpo inteiro. As letras começaram a se reorganizar na cabeça dele.

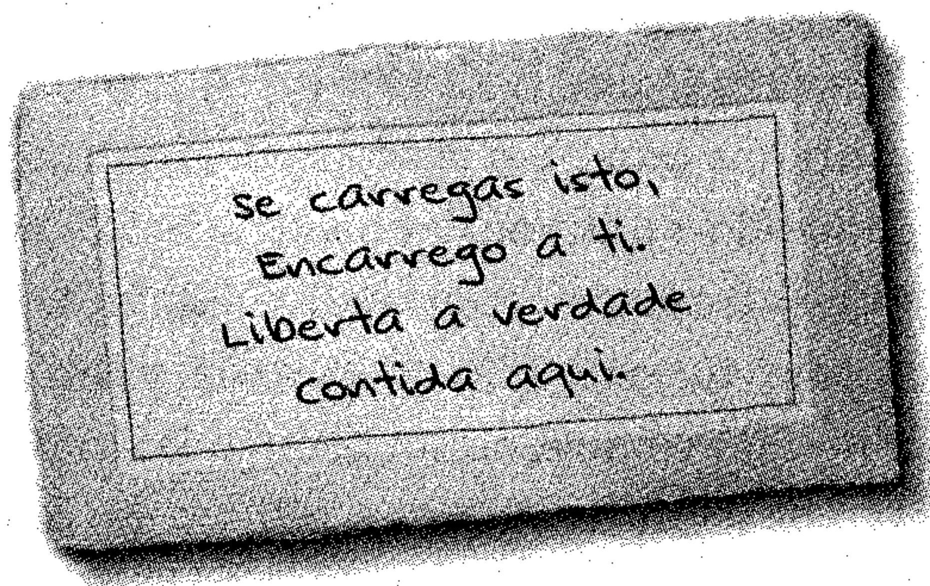
— É um daqueles quebra-cabeças com palavras — ele anunciou. — Onde eles embaralham as letras.

— Um anagrama? — disse Amy. — Como você sabe? Dan não conseguia explicar. Apenas fazia sentido

para ele, assim como os números, as fechaduras, as estatísticas num card de beisebol.

— Me arranjem um papel e uma caneta.

Amy fuçou na mochila. O único papel que encontrou foi um pedaço de cartão cor de creme — a pista original sobre Richard S . — Mas Dan não se importou. Ele entregou o frasco a Amy e pegou o papel. Virou o cartão e escreveu no verso, desembaralhando o anagrama palavra por palavra:



Nellie deu um assobio.

— Ok, estou impressionada.

— É a segunda pista — disse Dan. — A segunda pista *grande.* Tem que

ser.

Amy franziu a testa, duvidando.

— Talvez. Mas o que significa: *Se carregas isto?*

De repente, a luz inundou a sala.

— Mandaram bem, meus primos! — Ao pé da escada, encharcado mas parecendo muito contente, estava Jonah Wizard. Seu pai estava parado atrás dele com uma câmera de vídeo. — Cara, isso vai ficar lindo na tevê. — Jonah deu um sorriso malvado. — Esta é a parte onde eu apareço, dou uma surra nos amadores e descolo a pista pra mim!

CAPÍTULO 18

UM JORRO DE ENERGIA DESESPERADA ENCHEU O CORPO DE AMY, COMO acontecera quando ela puxou Dan para fora do vão do metrô. Ela não tinha chegado até ali para lidar com um cretino convencido como Jonah Wizard. Imaginou a voz de Grace em sua mente, falando com total confiança: *Você vai me deixar orgulhosa, Amy.*

Ela levantou o frasco.

— Pra trás, Jonah, senão... senão eu quebro!

Ele riu.

— Você não faria isso. — Mas ele parecia nervoso.

— Que cena incrível! — disse o pai de Jonah. — Continua assim, filho. A química de vocês está ótima.

— E abaixa essa câmera! — gritou Amy.

Dan e Nellie olharam surpresos para ela, mas Amy não se importou. Também não se importava com o quão valioso pudesse ser o frasco. Estava cansada das traições da família Cahill. Estava tão brava que sentia *mesmo* vontade de jogar o cilindro de vidro no chão.

Pelo jeito, Jonah percebeu isso também.

— Ok, prima. Fica de boa. Aqui é todo mundo amigo, beleza?

— A camera! — Amy deu um passo para a frente, como se fosse correr para cima dele.

Jonah recuou.

— Pai, desliga a camera.

— Mas, filho...

— Desliga logo!

Relutante, o pai de Jonah parou de filmar.

— Tudo bem, Amy. — Jonah abriu seu sorriso estonteante. — Agora estamos de boa, beleza? Você sabe que essa é a segunda pista. E se você destruir a pista, a busca acabou. Ninguém consegue nada. É isso que você quer?

— Pra trás — ela mandou. — Vai lá pro canto. Do lado da Jane.

Jonah franziu as sobrancelhas.

— Quem?

— No mural. Vai pra perto da moça de amarelo, sua tatara-tatara-tatara-tatara-tataravó.

Jonah obviamente não entendeu do que ela estava falando, mas obedeceu. Ele e o pai recuaram para o canto.

Dan deu um assobio.

— Muito bem, mana.

— Suba a escada — ela disse para Dan. — Você também, Nellie. Depressa!

Assim que os dois subiram, Amy seguiu logo atrás, mas sabia que Jonah e o pai não ficariam parados por muito tempo.

— Isso foi demais! — Dan estava dando pulos de empolgação. — Podemos trancar os dois lá embaixo?

— Dan, ouça — ela pediu. — A inscrição *Se carregas isto.* Acho que a coisa que tem no frasco é inerte.

— A coisa é um nerd?

— Inerte! Tipo, precisa de energia para ser catalisada. Franklin era químico. Quando ele diz "carregar"...

Dan deu um sorriso.

— É claro!

— É perigoso.

— Não temos escolha.

— Do que vocês estão fal...? — Nellie olhou de relance para a rua. — Ai, droga. Olhem!

Uma van roxa de sorvete vinha a toda velocidade na direção deles. O veículo deu uma freada brusca e parou de atravessado, bloqueando os portões. Eisenhower Holt fazia careta atrás do volante.

— Para dentro da igreja! — disse Amy. — Rápido!

Eles subiram correndo. Amy abriu as portas da igreja e deu de cara com um terno vermelho-cereja.

— Olá, crianças — o tio Alistair sorriu para eles. Ele parecia um guaxinim com seus dois olhos roxos. De pé, ao seu lado, estava Irina Spasky.

O coração de Amy subiu à garganta.

— Você... você e *ela?*

— Calma lá — disse o velho homem. — Eu salvei a vida de vocês nas Catacumbas. Eu disse que alianças eram importantes. Estou apenas fazendo as amizades que consigo. Sugiro que você me entregue esse frasco, meu bem. Eu odiaria que a prima Irina precisasse usar suas técnicas de persuasão.

Irina estendeu as unhas e uma pequena agulha brotou de cada uma.

Amy se virou para correr, porém seus olhos se arregalaram. Alguma coisa vinha voando da rua na direção dela: um grande cubo branco.

— Abaixem! — ela gritou. Nellie, Dan e ela se jogaram no chão enquanto uma caixa de sorvete passava voando por cima de suas cabeças. A caixa devia ter vindo do fundo do freezer, pois acertou Alistair e Irina como um bloco de cimento e derrubou os dois no chão.

— Hora da vingança! — Eisenhower Holt gritou, puxando mais munição congelada da traseira da van. Arnold, o pit bull, latiu empolgado. Toda a família Holt subiu a calçada correndo, cada um segurando uma caixa de *crème glacée*.

— Amy — Dan disse, nervoso. — Você vai...?

Ele não terminou a frase, mas ela sabia o que ele queria perguntar. Da última vez em que eles encontraram os Holt, Amy tinha entrado em pânico. Desta vez ela não podia. Aquele mural dos Cahill na sala secreta tinha fortalecido a vontade dela.

— Nellie, vá embora — ela mandou. — Eles não querem você. Vá chamar a polícia!

— Mas...

— Esse é o melhor jeito de você nos ajudar. Vai! — Amy não esperou a resposta. Ela e Dan dispararam para dentro da igreja, pulando por cima de Alistair e Irina, que não paravam de gemer, e correram para o fundo da nave da igreja.

Amy não teve tempo de admirar a construção da igreja, mas sentiu que tinha mergulhado na Idade Média. Colunas de pedra cinzentas se erguiam até um teto abobadado. Havia infinitas fileiras de bancos de madeira voltados para o altar, e janelas de mosaico de vidro brilhavam à luz fraca de velas votivas. Os passos deles ecoaram no chão de pedra.

— Ali! — gritou Dan. Havia uma porta aberta à esquerda, um lance íngreme de escada. Amy passou o trinco na porta atrás deles, embora soubesse que aquilo não deteria os Holt por muito tempo.

Eles subiram a escada aos tropeços. O peito de Dan começou a chiar. Amy passou o braço ao redor dele e ele se apoiou nela.

Eles subiram, subiram, subiram. Ela não tinha imaginado que a torre do sino podia ser tão alta. Finalmente, encontrou um alçapão e o abriu. A chuva escorria por seu rosto. Os dois subiram até o campanário, que era aberto de todos os lados para a tempestade. Num canto estava um sino de bronze do tamanho de um armário. Pela aparência dele, não era tocado há séculos.

— Me ajude! — gritou Amy. Ela mal conseguia mexer o sino, mas juntos eles conseguiram arrastá-lo para cima do alçapão.

— Isso... deve... aguentar. — O peito de Dan chiava. — Por... enquanto.

Amy se debruçou na lateral da torre, enfiando a cabeça na chuva e na escuridão. O cemitério parecia incrivelmente longe lá embaixo. Os carros na rua eram como as miniaturas com que Dan costumava brincar. Amy tateou a parede de pedra do lado de fora da janela. Seus dedos agarraram uma barra fria de metal. Havia uma escada minúscula embutida num dos lados da torre, levando até o pináculo, cerca de três *metros* acima. Se ela caísse...

— Fique aqui — ela mandou.

— Não! Amy, você não pode...

— Eu preciso. Aqui, pegue isto. — Ela lhe deu o papel onde o frasco estava embrulhado. — Guarde isso num lugar seco e escondido.

Dan enfiou o papel no bolso da calça.

— Amy...

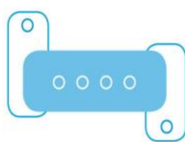
Ele parecia apavorado. Amy percebeu mais do que nunca como estavam sozinhos no mundo. Eles só tinham um ao outro.

Ela apertou o ombro dele.

— Eu vou voltar, Dan. Não se preocupe.

BUUUM! O sino tremeu conforme alguém lá embaixo, alguém muito forte, batia no alçapão. *BUUUM!*

Amy enfiou no bolso o frasco de vidro e passou uma perna para fora da janela, na escuridão vazia.



Ela mal conseguia se segurar. A chuva ardia em seus olhos. Sem coragem de olhar para baixo e concentrada no próximo degrau da escada, ela foi subindo bem devagar até o telhado íngreme.

Por fim, chegou ao topo. Um velho para-raios apontava para o céu. Na base dele havia um anel de metal, como um minúsculo aro de basquete, e embaixo disso um fio terra, como o que Franklin recomendara em seus primeiros experimentos. Amy enrolou o fio ao redor do pulso, então tirou o frasco do bolso. Estava tão escorregadio que ela quase o deixou cair. Com cuidado, encaixou o frasco no anel de metal e o encaixe foi perfeito.

Ela recuou, descendo um pouco do telhado. *Por favor,* pensou, segurando firme nos degraus.

Amy não precisou esperar muito. Os pelos de sua nuca ficaram arrepiados. Ela sentiu um cheiro que parecia o de papel-alumínio queimado, e então: CA-

BRUUUÜUM!

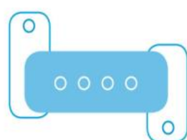
O céu explodiu. Choveram faíscas para todo lado, chiando nas telhas molhadas. Atordoada, Amy perdeu o equilíbrio e começou a escorregar pelo telhado. Tentou freneticamente se segurar e agarrou um degrau com tanta

força que seu pulso doeu. Mas continuou segurando e voltou a escalar para o topo.

O frasco de vidro estava brilhando. O líquido verde dentro dele não era mais turvo e lamacento. Parecia ser feito de pura luz verde aprisionada num vidro. Com cuidado, Amy encostou nele. Não tomou nenhum choque, O frasco nem estava quente. Ela tirou o frasco do anel de ferro e o guardou de volta no bolso.

Se carregas isto, Encarrego a ti.

A parte mais difícil ainda estava por vir. Ela precisava sair dali em segurança e descobrir o que tinha acabado de criar.



— Dan, eu consegui! — Ela desceu de volta para o campanário, mas seu sorriso derreteu no rosto. Dan estava caído no chão, amarrado e amordaçado. De pé, parado ao lado dele, de uniforme militar preto, estava Ian Kabra.

— Old, prima. — Ian mostrou uma seringa de plástico. — Faço uma troca com você.

— MMMMJ — Dan se contorcia e tentava dizer alguma coisa. — *MMMM! MMMM!*

— Sol... solte ele! — Amy gaguejou. Ela sabia que seu rosto estava muito vermelho. Odiava estar gaguejando outra vez. Por que Ian Kabra transformava a língua dela em chumbo?

O sino de bronze tremeu. Os Holt ainda batiam com força por baixo, tentando abrir o alçapão.

— Você só tem alguns segundos antes de eles subirem — advertiu Ian. — Além disso, seu irmão precisa do antídoto.

Amy sentiu uma fisgada no estômago.

— O qu... o que você fez com ele?

— Nada que não possa ser revertido se você agir em menos de um

minuto. — Ian balançou a seringa com o antídoto na frente dela. — Me dê o frasco de Franklin. É uma troca justa.

— *MMMM!* — Dan fez um "não" enfático com a cabeça, mas Amy não podia correr o risco de perder o irmão. Nada valia aquilo. Nem mesmo uma pista. Nem um tesouro. Nada.

Ela estendeu o frasco de vidro brilhante. Ian pegou o frasco e ela arrancou o antídoto da mão dele. Em seguida se ajoelhou ao lado de Dan e começou a puxar a mordaça da boca do irmão.

Ian deu uma risadinha.

— Foi bom fazer negócio com você, prima.

— Você... você nunca vai conseguir sair da torre. Você está preso aqui que nem...

Então lhe ocorreu uma coisa. Como Ian tinha chegado ali em cima? Ela notou que havia faixas presas no peito dele, como um colete de alpinismo. Aos seus pés havia um amontoado de barras de metal e seda preta.

— Outra coisa que Franklin adorava... — Ian recolheu a coisa do chão e começou a prender a seda preta na armação de metal. — ...Pipas. Ele atravessou o rio Charles usando uma pipa, sabia?

— Você não pode ter...

— Ah, posso sim. — Ele apontou para a cúpula iluminada da igreja maior, no topo do morro. — Eu desci voando lá de Sacré-Coeur. E agora vou sair voando outra vez.

— Você é um ladrão — Amy disse.

Ian prendeu o colete na enorme pipa preta.

— Não sou um ladrão, Amy. Sou um *Lucian,* assim como Benjamin Franklin. O que quer que esteja contido neste frasco pertence aos Lucian. Acho que o velho Ben ia gostar da ironia!

E sem esperar mais, Ian pulou para fora do campanário. O vento o carregou. A pipa devia ter sido projetada especialmente para aguentar o peso de uma pessoa, pois ele desceu num voo elegante, passando por cima do cemitério e da cerca e pousando na calçada com uma corrida controlada.

Em algum lugar na tempestade lá fora, berravam sirenes de polícia. O sino tremia conforme a família Holt batia no alçapão.

— MMMM!

— Dan! — Amy se esquecera totalmente dele. Ela arrancou a mordaça.

— Ai! — ele reclamou.

— Fique parado. Estou com o antídoto.

— Ian estava blefando! — resmungou Dan. — Eu estava tentando avisar. Ele não me deu nada! Não estou envenenado.

— Tem certeza?

— Absoluta! Isso que ele te deu não serve pra nada. Ou talvez *isso* seja veneno.

Com raiva de si mesma por ter sido tão burra, Amy jogou a seringa no chão. Ela desamarrou Dan e o ajudou a ficar de pé.

O sino de bronze tremeu outra vez e caiu de lado. O alçapão se abriu. Eisenhower Holt subiu no campanário.

— Chegaram tarde demais — Dan disse a ele. — Ian levou o frasco.

Ele apontou para a rua. Um táxi tinha acabado de parar, com Natalie Kabra sentada atrás. Ian entrou no táxi e eles partiram pelas ruas de Montmartre.

— Vou fazer vocês dois pagarem por isso — rosnou o senhor Holt. — Vou...

As sirenes tocaram mais alto. A primeira viatura de polícia apareceu dobrando a esquina, piscando suas luzes azuis.

— Pai! — a voz de Reagan chamou da escada. — O que está acontecendo?

Um segundo carro de polícia apareceu, vindo em disparada na direção da igreja.

— Vamos embora — decidiu Eisenhower. Então gritou para a família lá embaixo — Todo mundo, meia- -volta, volver! — Ele deu uma última olhada em Amy e Dan. — *Da próxima vez*...

Ele deixou a ameaça pairando no ar e abandonou Amy e Dan sozinhos na torre.

Amy olhou para a chuva lá fora. Avistou o tio Alistair que, cambaleando, descia uma rua lateral, com um picolé de chocolate grudado nas costas de seu terno vermelho-cereja. Irina Spasky mancava para fora da igreja e, ao ver a

polícia, saiu correndo.

— *Arrêtez!* — gritou um policial, e dois deles começaram a correr atrás dela. Nellie estava parada na calçada com mais alguns oficiais. Gritava freneticamente em francês, apontando para a igreja.

Apesar de todo o caos, Amy sentiu uma estranha calma. Dan estava vivo. Eles tinham sobrevivido àquela noite. Ela fizera exatamente o que precisava ter feito. Um sorriso se esboçou em seu rosto.

— Por que você está tão feliz? — Dan reclamou. — Perdemos a segunda grande pista. Nós fracassamos!

— Não. Não fracassamos.

Dan olhou para ela.

— Aquele relâmpago fritou seu cérebro?

— Dan, o frasco não era a pista — ela disse. — Aquilo era só... bem, não sei direito o que era. Um presente de Benjamin Franklin. Alguma coisa para ajudar na busca. Mas a pista verdadeira é esse papel que você enfiou no bolso da calça.

CAPÍTULO 19

DAN FICOU EMPOLGADO AO SABER QUE A SEGUNDA PISTA TINHA SIDO tirada da igreja em segurança na calça dele.

— Então, de verdade, quem salvou o dia fui eu — ele concluiu.

— Peraí — disse Amy. — *Eu* subi no telhado no meio da tempestade.

— É, mas a pista estava na *minha* calça.

Amy revirou os olhos.

— Tem razão, Dan. Você é o verdadeiro herói.

Nellie abriu um sorriso.

— Se vocês me perguntarem, vou dizer que os dois mandaram muito bem.

Eles estavam sentados juntos num café nos Champs-Élysées, observando os pedestres e saboreando mais *pain au chocolat*. Era a manhã seguinte à tempestade. O céu estava azul. Eles já tinham arrumado as malas e acertado as contas no Maison des Gordons. No fim, Dan sentiu que estava com sorte.

Ele ainda tinha algumas dúvidas sobre o que acontecera com eles. Acima de tudo, não gostava do fato de Ian e Natalie terem escapado. Odiara ficar amarra- do e queria se vingar de Ian. Mas podia ter sido pior. Pelo menos eles não se perderam para sempre nas Catacumbas nem levaram uma cacetada no rosto com uma caixa de sorvete.

— Mas ainda quero saber o que tinha naquele frasco — ele disse.

Amy torceu o cabelo, pensativa.

— Seja o que for, o frasco deve dar uma vantagem para uma das equipes

libertar a verdade, e isso só pode significar o tesouro final da competição. Já que Ian e Natalie estão com o frasco... bem, tenho o mau pressentimento de que vamos descobrir muito em breve para que ele serve.

—Se foram esses Lucian que o criaram — disse Nellie, mastigando o croissant —, talvez seja algum tipo especial de veneno. Pelo jeito eles adoram venenos.

— Talvez — disse Dan, porém a resposta parecia errada. Ele ainda não gostava da ideia de Ben Franklin ser parente de Ian e Natalie. Tinha começado a admirar Franklin, com seus ensaios sobre peidos e seus relâmpagos e tal. Agora não sabia direito se o velho Ben era um mocinho ou um vilão. — Mas o que um veneno teria a ver com uma partitura?

Amy tirou o pergaminho da mochila e o estendeu na mesa. Dan já o estudara umas 12 vezes. Sabia que era uma cópia exata da música que eles tinham visto entalhada no pedestal de pedra da sala secreta, entretanto não sabia por que era tão importante. Quando ele acordara naquela manhã, Amy já tinha feito uma pesquisa no computador dele. Geralmente ela não gostava de usar a internet. Por algum motivo bizarro,

acreditava que os livros eram melhores, por isso Dan sabia que ela devia estar mesmo desesperada para conseguir informações.

— Achei a música na internet — disse Amy.

— Como? — perguntou Dan.

— Busquei por Benjamin Franklin *mais* música. Apareceu na hora. Esse é um adágio para harmônica de vidro.

— O instrumento de Franklin — lembrou Dan. — A coisa de passar água nas bordas do vidro.

— É, *mas* tenho um palpite de que isso não é só uma partitura de música. — Amy se inclinou para a frente. Os olhos dela brilhavam, como se ela soubesse um segredo. — Nós achamos a música e baixamos. Ouça.

Nellie entregou o iPod a ela.

— Não é o som que eu curto. Mas enfim.

Dan ouviu. Ele sentiu como se estivesse se enchendo de hélio. A música era tão familiar e tão bonita que o fez querer flutuar por Paris, porém também o deixou confuso. Ele não costumava ter dificuldade para lembrar das coisas,

mas não conseguia lembrar onde ouvira aquela música antes.

— Eu conheço essa música...

— Papai costumava ouvir essa música — disse Amy. — Ele ouvia o tempo todo.

Dan queria conseguir se lembrar do que Amy estava falando. Queria ouvir a música várias vezes até conseguir ver o pai deles no escritório. Mas Nellie pegou o iPod de volta.

— Foi mal, Dan. Tipo, você ainda tem lama dentro do ouvido.

— As *notas são um* código — explicou Amy. — A músico inteira é algum tipo de mensagem.

— E nossos pais sabiam disso — disse Dan, embasbacado. — Mas o que significa?

— Não sei — admitiu Amy. — Mas, Dan, você lembra que o senhor Mclntyre disse que as 39 pistas são peças de um quebra-cabeça?

— Lembro.

— Eu comecei a pensar nisso ontem à noite, depois que você desvendou aquela mensagem no frasco. Eu comecei a me perguntar... por que a *primeira* pista não era assim?

Ela tirou do bolso o papel cor de creme pelo qual eles pagaram 2 milhões de dólares. O verso estava todo rabiscado com as anotações de Dan. Na frente estava a primeira pista deles:



Nellie franziu a testa.

— Isso levou vocês até Franklin, né? A resposta não era essa?

— Só em parte — disse Amy. — Também é a primeira peça do quebra-cabeça. É uma pista para uma *coisa de verdade*. Eu tive esse estalo ontem à noite quando você falou em anagramas, Dan.

Ele sacudiu a cabeça.

— Não entendi.

Ela pegou uma caneta e escreveu REF. DO SEGREDO: RESOLUÇÃO.

— Você me perguntou por que isto era parte da pista. Eu não tinha entendido até agora. Temos que descobrir o que aparece. — Ela passou o papel e a caneta para Dan. — Resolva o anagrama.

Dan olhou para as letras. De repente, sentiu como se tivesse levado um choque de uma pilha de Franklin. As letras se reordenaram na cabeça dele.

Ele pegou a caneta e escreveu SEGREDO: SOLUÇÃO DE FERRO.

— Não acredito — disse Nellie. — Tudo isto tinha a ver com *solução de ferro?*

— É a primeira peça do quebra-cabeça — concluiu Amy. — É um ingrediente, ou um componente, ou alguma coisa assim.

— Do quê? — perguntou Dan.

Amy comprimiu os lábios.

— Solução de ferro pode ser usada em química, ou metalurgia, ou mesmo em impressão. Ainda não dá para saber. E não sabemos que quantidade devemos usar. Sempre que Franklin mencionava solução de ferro, escrevia apenas "1 quantidade".

— Precisamos descobrir!

— Nós vamos descobrir — prometeu Amy. — E a partitura...

Ela espalmou as mãos sobre a partitura do adágio.

— Também é um ingrediente — Nellie supôs.

— Acho que sim — disse Amy. — Essa é a diferença das pistas *grandes*. Elas dão o nome de um ingrediente real. Só não sabemos ainda como ler este.

— Mas como vamos descobrir? — protestou Dan.

— Do mesmo jeito que fizemos com Franklin. Vamos descobrir a

respeito da pessoa que escreveu. O compositor era... — Amy parou de repente.

Uma figura conhecida estava descendo a rua: um homem magro, meio careca, de terno cinza, carregando uma mala de pano.

— Senhor Mclntyre! — gritou Dan.

— Ah, aí estão vocês, crianças! — O velho advogado sorriu. — Posso me sentar?

Depressa, Amy dobrou e guardou a primeira e a segunda pistas. O senhor Mclntyre se sentou com eles e pediu um café. Ele insistiu em pagar o café da manhã deles, o que Dan achou ótimo, mas o senhor Mclntyre parecia nervoso. Seus olhos estavam vermelhos. Ele ficava olhando para o outro lado dos Champs-Élysées, como se temesse estar sendo observado.

— Fiquei sabendo sobre o incidente da noite de ontem. Lamento muito.

— Aquilo não foi nada — disse Dan.

— De fato. Tenho certeza de que vocês vão conseguir recuperar o tempo perdido. Mas é verdade? Os Kabra realmente roubaram a segunda pista debaixo do nariz de vocês?

Dan ficou irritado de novo. Queria contar vantagem sobre a partitura que eles tinham achado e a história da solução de ferro, porém Amy o interrompeu.

— É verdade. Não fazemos ideia de aonde ir agora.

— Puxa vida — suspirou o senhor Mclntyre. — Infelizmente vocês não podem voltar para casa. O Serviço Social ainda está alerta. Sua tia contratou um detetive particular para achá-los. E vocês não podem ficar aqui. Paris é uma cidade muito cara. — Os olhos dele pousaram no colar de Amy. — Amy, eu tenho amigos na cidade. Sei que seria um ato de desespero, mas talvez eu possa providenciar uma venda para o colar da sua...

— Não, muito obrigada — respondeu Amy. — Vamos ficar bem.

— Como preferir. — O tom de voz do senhor Mclntyre deixava claro que ele não acreditava nela. — Bem, se tiver alguma coisa que eu possa fazer. Se vocês precisarem de conselhos...

— Obrigado, senhor Mclntyre — Dan agradeceu. — Mas vamos dar um jeito.

O velho advogado examinou os dois.

— Muito bem. Muito bem. Receio ter que pedir mais uma coisa a vocês.

Ele estendeu os braços para pegar a mala de pano, e Dan notou os arranhões nas mãos dele.

— Nossa, o que aconteceu com o senhor?

O velho homem contraiu o rosto.

— É... bem...

Ele colocou a bolsa sobre a mesa. Alguma coisa lá dentro fez:

— Prrr!

— Saladin! — Amy e Dan gritaram juntos. Dan agarrou a bolsa e abriu o zíper. O grande gato prateado pulou para fora, parecendo indignado.

— Infelizmente não nos demos muito bem. — O senhor Mclntyre esfregou suas mãos cobertas de cicatrizes. — Ele não ficou muito contente quando vocês o deixaram comigo. Ele e eu... bem, ele deixou muito claro que queria voltar para vocês. Deu um certo trabalho passar com ele pela alfândega, preciso dizer, mas senti mesmo que não tinha escolha. Espero que vocês me perdoem.

Dan não conseguiu evitar um sorriso. Não tinha se dado conta de como sentira falta do velho gato. De algum modo, tê-lo ali compensava a perda do frasco. Até o consolava um pouco por ter perdido a foto dos pais. Com Saladin ali, ele sentiu como se sua família estivesse completa. Pela primeira vez em dias, pensou que talvez, quem sabe, Grace ainda estivesse zelando por eles.

— Ele precisa vir com a gente. Pode ser nosso gato de ataque!

Saladin olhou para ele como se dissesse: Me mostra algum salmão, menino, e vou pensar a respeito.

Dan achou que Amy fosse discordar, mas ela também estava sorrindo.

— Você tem toda razão, Dan. Obrigada, senhor Mclntyre!

— Sim, digo... de nada. Agora se me dão licença, crianças. Desejo a vocês uma boa caçada!

Ele deixou uma nota de cinquenta euros na mesa e saiu apressado do café, ainda olhando em volta como se esperasse uma emboscada.

O garçom trouxe leite num pires e peixe fresco para Saladin. Ninguém no café parecia achar estranho tomar café da manhã junto com um Mau Egípcio.

— Vocês não contaram ao senhor Mclntyre sobre a música... Achei que ele fosse amigo de vocês. — Observou Nellie.

— O senhor Mclntyre nos disse para não confiarmos em ninguém — disse Amy.

— Pois é — concordou Dan. — E isso inclui ele!

Nellie cruzou os braços.

— E isso me inclui também, moleque? Como fica o nosso acordo?

Dan ficou atordoado. Tinha esquecido totalmente que Nellie só prometera ir com eles numa única viagem. Sentiu um aperto no coração. Tinha começado a contar com a presença de Nellie. Não sabia direito o que fariam sem ela.

— Eu... eu confio em você, Nellie — ele disse. — Não quero que você vá embora.

Nellie deu um gole no café.

— Mas vocês não vão voltar pra Boston. O que significa que, se eu voltar, vai ser uma encrenca enorme.

Dan também não tinha pensado naquilo. Amy olhava fixamente para a comida, sentindo-se culpada.

Nellie pôs os fones de ouvido. Ela olhou para dois caras que pareciam universitários descendo a rua.

— Esse trabalho não foi ruim, acho... Quer dizer, já que eu *preciso* trabalhar com duas crianças pentelhas, talvez a gente possa fazer um acordo diferente.

Dan se mexeu na cadeira, apreensivo.

— Um acordo diferente?

— Algum dia, quando encontrarem seu tesouro — disse Nellie —, vocês podem me reembolsar. Por enquanto, vou trabalhar de graça. Porque, se vocês dois acham que vou deixar vocês voarem pelo mundo e se divertirem sem mim, estão muito enganados.

Amy abraçou o pescoço de Nellie.

— Nellie, você é a melhor — Dan sorriu.

— Eu sei. Agora chega, Amy, você está queimando o meu filme.

— Desculpa — pediu Amy ainda sorrindo. Ela sentou de novo e pegou a

partitura. — Agora, como eu estava dizendo...

— Ah é, o compositor — Dan lembrou.

Amy apontou para o pé da página.

— Veja.

No canto direito, embaixo da última estrofe, Dan conseguiu identificar três letras rabiscadas em tinta preta apagada:

W. A. M.

— Wam — disse Dan. — Isso não era uma banda?

— Não, tonto! São iniciais. Eu te disse que algumas pessoas famosas compuseram música para a harmônica de vidro de Benjamin Franklin. Este cara foi uma delas. No fim da vida de Franklin, ele deve ter conhecido esse compositor. Acho que *ambos* eram Cahill. Eles devem ter compartilhado segredos. De qualquer modo, eu pesquisei. Esta foi a última obra de música de câmara do compositor. O nome oficial da obra é *KV 617*.

— Que título ótimo — Nellie disse em voz baixa.

— A questão é que existem várias cópias deste adá- gio. E ainda tem a versão entalhada em pedra naquele pedestal. As outras equipes vão acabar resolvendo a pista. Temos que nos apressar para chegar a Viena.

— Opa, peraí — disse Dan. — Viena, na Áustria? Por que lá?

Os olhos de Amy brilharam de entusiasmo.

— Porque foi lá que Wolfgang Amadeus Mozart viveu. E é lá que vamos achar a próxima pista.

CAPÍTULO 20

WILLIAM MCLNTYRE CHEGOU AO ENCONTRO BEM NA HORA.

Ele se dirigiu à plataforma panorâmica da Torre Eiffel. Após a chuva forte do dia anterior, o ar estava limpo e fresco. Paris resplandecia, como se todos os seus segredos sombrios tivessem sido lavados.

— Eles não confiaram em você — disse o homem de preto.

— Não — admitiu William.

— Eles aprendem rápido — o colega dele sorriu.

William Mclntyre controlou sua irritação.

— Podia ter sido pior.

— Podia ter sido muito melhor. Vamos ter que vigiá-los mais de perto, não acha?

— Já cuidei disso — William Mclntyre tirou o celular do bolso. Mostrou ao homem de preto a tela do aparelho com o último número discado, um número em Viena, na Áustria.

O homem de preto deu um assobio baixo.

— Tem certeza de que isso é sensato?

— Não — admitiu William. — Mas é necessário. Da próxima vez, não pode haver erros.

— Não pode haver erros — o homem de preto concordou. Juntos, os

dois olharam a cidade de Paris que se estendia lá embaixo, 10 milhões de pessoas sem a mínima suspeita de que o destino do mundo estava em jogo.



CONTINUA EM:
UMA NOTA ERRADA